

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Valmir Joaquim da Silva Junior

**OS PROCESSOS MENTAIS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE
MORADORES DE TEJUCUPAPO**

Recife
2017

VALMIR JOAQUIM DA SILVA JUNIOR

**OS PROCESSOS MENTAIS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE
MORADORES DE TEJUCUPAPO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Medianeira de Souza

Recife
2017

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

S586p Silva Junior, Valmir Joaquim da
Os processos mentais e a construção de identidades de moradores de
Tejucupapo / Valmir Joaquim da Silva Junior. – Recife, 2017.
123 f.: il., fig.

Orientadora: Maria Medianeira de Souza.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro
de Artes e Comunicação. Letras, 2017.

Inclui referências e anexos.

1. Processos mentais. 2. Identidade. 3. Moradores de
Tejucupapo. 4. LSF. I. Souza, Maria Medianeira de (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2017-150)

VALMIR JOAQUIM DA SILVA JUNIOR

**OS PROCESSOS MENTAIS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES DE
MORADORES DE TEJUCUPAPO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em LINGÜÍSTICA em 10/2/2017.

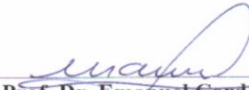
DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr.^a Maria Medianeira de Souza
Orientadora – LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Wellington Vieira Mendes
LETRAS - UERN



Prof. Dr. Emanuel Cordeiro da Silva
LETRAS - UFRPE

Recife – PE
2017

AGRADECIMENTOS

A força maior, a qual alguns chamam de Deus, que me deu plenitude, saúde e disposição para a realização desta pesquisa;

A minha família, meus pais e meu irmão, por compreender as horas de reclusão em meu quarto; e a meu gato, Tinho, por que não?!

A minha Mãe em especial, por sempre me alegrar com sua leveza e seu otimismo;

A minha orientadora, Medianeira (Medi, né), a qual eu tenho o prazer de ter na minha vida acadêmica desde que ingressei na UFPE, em 2010. São anos de admiração, não só pela profissional, competente e dedicada, mas também pela pessoa, generosa e bem humorada. Obrigado pelas orientações, sempre muito esclarecedoras e divertidas;

Ao Prof. Wellington Mendes, pela leitura atenta e pela participação em minha banca de qualificação. Agradeço muito pelas recomendações;

Ao Prof. Emanuel Cordeiro, por me conceder o incrível material utilizado como *corpus* neste trabalho;

Aos professores com quem tive aula durante o mestrado, em especial as professoras Beth Marcuschi e Joice Armani Galli, duas profissionais que fazem de suas aulas momentos de reflexão e aprendizagem leves e divertidos;

Aos colegas de mestrados, sobretudo Eduardo, Karla e André; obrigado pela companhia nas viagens para apresentação de trabalho, pelas parcerias nos trabalhos acadêmicos;

Aos meus amigos, os quais eu tive que recusar muitos convites para sair; as meninas, Renata, Tailany e Gabi; aos meninos, Thiago, Arthur e Breno. Todos eles de uma forma ou de outra foram e são importantes na minha vida.

A Bruno, pessoa mais que especial que me fez mais feliz durante essa jornada. Valeu!

Aos funcionários do PPGL;

A FACEPE pela bolsa que me foi concedida.

RESUMO

Reconhecendo uma relação dialética entre sociedade e linguagem, que já vem sendo explorada por diversos autores e áreas de estudo, entendemos que é da *fricção* entre ambos que as identidades emergem e se moldam. Assim, este trabalho analisa a construção de identidades dos moradores de Tejucupapo, um povoado pertencente ao município de Goiana, em PE. Essa análise foi feita através das orações com verbos de cognição, tais orações são entendidas como Processos Mentais dentro do escopo da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY 1999; HALLIDAY & MATHISSIENSEN 2014). Os autores propõem que nossas experiências são representadas através do Sistema de Transitividade, o qual é composto por seis tipos de Processos, entre eles, os Processos Mentais. Baseamo-nos, também, em Figueredo (2007; 2011), uma vez que esse autor apresenta aspectos do funcionamento dos Processos Mentais em seus estudos. Além dos Processo Mentais, guiamos nossa análise pelos Princípios de Identidade, formulados por Bucholtz e Hall (2005). O *corpus* da pesquisa é composto por dez entrevistas, em formato de áudio, realizadas por Cordeiro da Silva (2015) para sua tese de doutorado, em que o pesquisador investigou a construção da cláusula completiva nos dizeres dos moradores de Tejucupapo. Ainda trazemos uma breve discussão de como a entrevista se alinha aos conceitos de identidade e são bastante utilizadas em trabalhos sobre o tema. A análise das orações com Processos Mentais, feita basicamente através dos Processos Gostar, Ver, Achar, Saber e Querer, revelou variados traços identitários dos tejucupapenses, entre eles, a importância dada ao exercício de alguma atividade profissional e o apreço pelo trabalho de pesca na maré realizado por eles. Também pudemos visualizar como foram percebidas e sentidas diversas modificações pelas quais passaram Tejucupapo e seus habitantes ao longo dos anos. Como essas mudanças, tais como o aumento da violência, o aparecimento das drogas, algumas melhorias, ainda que poucas, nas condições de vida no lugar etc, foram capazes de transformar hábitos e comportamentos e, assim, alterar as identidades deles e as de seus conterrâneos. Por fim, foi unânime o desejo de, num futuro próximo, uma vida melhor, tanto para eles, quanto para seus filhos e netos.

Palavras-chave: Processos Mentais. Identidade. Moradores de Tejucupapo. LSF.

ABSTRACT

Recognizing a dialectic relationship between society and language, that already has been explored by several authors and study areas, we believe it is the friction between both the identities emerge and shape. So, this research aims to analyse multiple identities of Tejucupapo residents, a village in Goiana, Pernambuco. This study will be done through cognitive mental verbs. These clauses are understood as Mental Processes within scope of the Systemic-functional Linguistics (HALLIDAY 1999; HALLIDAY & MATHISSIEN 2014). The author suggests our experiences are represented through Transitivity system, which is composed of six types of processes, among them, the Mental Processes. These processes are responsible to represent the world inside of our conscience. They are able to externalize what is thought, felt and desired etc, indicating, affection, feeling, cognition, desire, value and belief judgment, for example. Also based in Figueredo (2007;2011) once this author represents operational aspects of Mental Processes in his studies. In addition to the Mental Processes, we guide our analysis by the Principles of Identity formulated by Bucholtz and Hall (2005). Our corpus consists of ten audio interviews made by Cordeiro de Silva (2015) for his doctoral thesis which the researcher investigated the construction of the completive clause in the words said by the residents of Tejucupapo. We still present a brief discussion of how the interview is aligned with the concepts of identity and are widely used in research about this subject. The analysis of clauses with Mental Processes, basically done through the Processes to Like, to See, to Think, to Know and to Want revealed a variety of identity traits among the tejucupapenses, among them the importance given to the exercise of some professional activity and appreciation for fishing work in the Tide performed by them. We have also been able to visualize how various modifications were perceived and felt by Tejucupapo and the inhabitants over the years. As these changes, such as violence increase, the emergence of drugs, some improvements, although few, in living conditions in the Village etc., were able to transform habits and behaviors and thus change their identities and those of their countrymen. Finally, there was a unanimous desire for a better life in the near future, both for them and for their children and grandchildren.

Keywords: Mental Processes. Identities. Tejucupapo residents. LSF.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Extratos da língua.....	18
Figura 2 – Textos em contextos.....	20
Figura 3 - As três metafunções e suas instâncias de realização da linguagem através das variáveis do contexto de situação.....	22
Figura 4 – Triangulação da análise.....	63
Figura 5 – O processo <i>achar</i> nos dados.....	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Componentes da oração.....	24
Quadro 2 – Processos, significados e participantes.....	28
Quadro 3 – Relação dos Processos Mentais em Português.....	42
Quadro 4 – Informações sobre os falantes e as entrevistas.....	57

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Processos Mentais mais frequentes.....	66
Tabela 2 – As palavras recorrentes nos dados.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ocorrências dos subtipos de Processos Mentais.....	64
Gráfico 2 – Funcionamento dos Processos Perceptivos.....	65
Gráfico 3 – Experienciadores mais frequentes.....	68
Gráfico 4 – A quem se refere a 3ª pessoa ele/ela.....	69

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
	ENTRE O SEMIÓTICO E O FUNCIONAL: A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	14
1.1	UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DA LSF	14
1.2	A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: ESCOLHAS E CONTEXTO.....	17
1.3	TRANSITIVIDADE E PROCESSOS	23
2	OS PROCESSOS MENTAIS E AS DUAS FACES DA EXPERIÊNCIA	30
2.1	EXPERIENCIADOR.....	31
2.2	O PROCESSO	33
2.3	FENÔMENO	36
2.4	OS QUATRO SUBTIPOS DE PROCESSOS MENTAIS	38
2.4.1	Processos Mentais Perceptivos	38
2.4.2	Processos Mentais Cognitivos	39
2.4.3	Processos Mentais Emotivos	40
2.4.4	Processos Mentais Desiderativos.....	41
3	TEJUCUPAPO, IDENTIDADE E ENTREVISTA: HISTÓRIA E METODOLOGIA	44
3.1	TEJUCUPAPO NA HISTÓRIA.....	44
3.2	IDENTIDADE E ENTREVISTA: A EMERGÊNCIA DE SIGNIFICADOS	47
3.3	ALGUMAS QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE.....	48
3.4	A ENTREVISTA COMO PRODUTORA DE IDENTIDADES	52
3.5	O PRCURSO METODOLÓGICO	56
4	CONSTRUINDO IDENTIDADES	62
4.1	UMA VISÃO PANORÂMICA: OS PROCESSOS MENTAIS E SEUS SUBTIPOS ...	64
4.2	A IDENTIDADE PELA NEGAÇÃO VERBAL NO PROCESSO <i>GOSTAR</i>	71
4.3	OS PROCESSOS PERCEPTIVOS E O TEMA VIOLÊNCIA.....	81
4.4	OS PROCESSOS COGNITIVOS: AVALIAÇÕES E SABERES.....	86

4.5	PROCESSOS DESIDERATIVOS: DESEJOS DE QUEM?.....	98
	CONCLUSÃO	107
	REFERÊNCIAS	110
	ANEXOS	113

1 INTRODUÇÃO

Cada vez mais a relação entre linguagem e sociedade tem sido explorada e investigada em diversos estudos e teorias. Esse tema tem interessado não apenas a linguistas, mas também a estudiosos de variadas áreas, como, por exemplo, a sociologia e a antropologia. É perceptível a necessidade de estudar de forma transversal os aspectos da linguagem juntamente com perspectivas das ciências sociais. É através da linguagem que os indivíduos constituem e deixam transparecer suas identidades e suas relações, tanto entre si quanto entre eles e o lugar onde vivem. As idiossincrasias de um grupo de indivíduos e a relação que eles estabelecem com as pessoas e o lugar que o circundam estão salientes em seus discursos, que, por sua vez, estão materializados nos textos (cf. FAIRCLOUGH, 2001)

Entendemos que estudar e tentar compreender as relações que se estabelecem na sociedade é indissociável do estudo da linguagem e da sua materialização cotidiana na vida das pessoas. É na e pela linguagem que os falantes revelam suas crenças, suas emoções e, sobretudo, sua visão subjetiva da realidade do mundo exterior e interior à sua consciência. Assim, acreditamos que a identidade de um sujeito pode ser delineada pelas suas realizações linguísticas, somadas, é claro, às circunstâncias e ao lugar onde tais atos ocorrem. Esse tipo de estudo pode ser ainda mais relevante quando a análise recai sobre grupos tidos como menos favorecidos, uma vez que marcas de uma possível exclusão social podem ficar evidentes nos discursos proferidos por indivíduos desses grupos. Dentro das grandes metrópoles já há grande exclusão e desigualdade social entre os habitantes, mas isso pode intensificar-se quando saímos das grandes cidades e percorremos municípios e lugares menores e mais afastados dos grandes centros. Perceber como ocorrem essas exclusões, em que elas estão baseadas e como se materializam nos textos tem sido o foco de novas vertentes de estudo, sobretudo as que apareceram nos últimos trinta anos, como, por exemplo, a Análise de Discurso Crítica.

Consideramos que é pela linguagem que os sujeitos tomam posições no mundo, expressando sentimentos, desejos, crenças; representando e interpretando, de forma subjetiva, o mundo que está a sua volta; e assim, construindo sua identidade, e por vezes, reconstruindo-a de acordo com a situação interacional (MARCUSCHI, 2008). E todo esse processo de expressão, representação e interpretação elaborado pela linguagem, que culmina na

emergência de diversas identidades, pode revelar como se constroem as estruturas presentes nas relações sociais. Assim, quem tem poder e quem é excluído socialmente são revelados pela linguagem, e investigar como integrantes desses grupos distintos se enxergam e se constroem pode ser esclarecedor, na medida em que pode ser capaz de deixar transparecer como ocorre a perpetuação da dominação e de estigmas sociais.

É com essa visão, de relação intrínseca entre linguagem e sociedade, que este trabalho tem como objetivo analisar a construção de identidades em moradores de Tejucupapo, distrito que pertence ao município de Goiana, localizado no estado de Pernambuco. Os Processos Mentais, categoria na qual a análise será baseada, advêm do arcabouço teórico que integra a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), sendo classificados em quatro diferentes tipos, a saber: Perceptivos, Cognitivos, Emotivos e Desiderativos, propostos por Halliday e Matthiessen (2014). A LSF é uma teoria que está mais ligada à interioridade da linguagem, enquanto correntes que partiram dela e que também abordam a relação linguagem e sociedade, como a ADC, focalizam a exterioridade. Acreditamos que tanto a LSF, quanto correntes que de alguma forma utilizam seus pressupostos, como a ACD, podem ser pertinentes quando se pretende estudar linguagem, identidade e sociedade, pois fornecem instrumentos teóricos e metodológicos para o que se pretende fazer nesta pesquisa. Neste trabalho, utilizaremos as concepções da LSF, especificamente os Processos Mentais, por acreditarmos que elas atendam aos propósitos e objetivos da pesquisa.

Tal análise será feita com base nos Processos Mentais, como já foi mencionado, mas levando em conta, também, estudos sobre identidade. Dessa forma, a identidade vem sendo entendida não como uma característica fixa ou biológica do indivíduo; ela, na verdade, emerge das situações sociais nas quais os falantes se inserem. Consideramos, então, que o estudo sobre identidades é relevante, pois o homem tem a necessidade de entender a si mesmo enquanto sujeito inserido em uma cultura. De acordo com Silva, Hall e Woodward (2000, p. 17), é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Portanto, é por meio dos sistemas de representação que os sujeitos constroem os lugares a partir dos quais podem se posicionar e se expressar.

Tejucupapo é um distrito do município de Goiana, a 60 km da capital do Estado de Pernambuco, contando com uma população de aproximadamente dez mil habitantes. Esse lugar tem uma importância histórica por se tratar de uma das primeiras áreas onde se deu o processo de colonização do Brasil. Há mais de três séculos, as pessoas dessa região lutaram

contra a invasão holandesa, e as mulheres tiveram um papel importante nesse embate. No século XVII, com o nome de São Lourenço do Tejucupapo, servia à produção de alimentos, assim como também fornecia mão de obra para a indústria açucareira que, financiada pelo dinheiro da burguesia holandesa, se instaurou em Pernambuco. Hoje em dia, Tejucupapo se configura como uma comunidade rural muito pobre, cujas principais fontes de renda das pessoas são oriundas do trabalho de pesca, do corte de cana-de-açúcar, da plantação em roças e dos benefícios de programas sociais como *bolsa família*, *bolsa verde*, aposentadorias etc. A batalha de Tejucupapo é conhecida por ser o primeiro embate com a participação ativa das mulheres na luta contra as invasões holandesas, entretanto, esse fato histórico parece não ter tido espaço nos nossos livros de história, assim como Tejucupapo parece também, hoje, ter sido esquecida pelas autoridades. A luta, hoje, não é mais contra os holandeses. É uma luta pela sobrevivência. Apesar de não estar muito afastada da capital, em relação a outros lugares mais distantes, como algumas cidades do interior, parece que o desenvolvimento do povoado tarda a acontecer. Os próprios tejucupapenses, em diversas passagens do nosso *corpus*, admitem que para tentar melhorar de vida, precisariam ir para cidades próximas as quais podem oferecer-lhes outras e melhores oportunidades de emprego. Perceber quem são tais pessoas, suas crenças, seus valores, suas posições e como elas apreendem o mundo, pode ser um caminho para revelar porque o lugar onde vivem ainda se encontra num estado aquém de cidades próximas, mesmo que ao seu redor haja algumas indústrias.

Sabemos que a representação de cidades e lugares pequenos e distantes da capital sempre foi polarizada com as representações das grandes metrópoles. Porém, cada vez mais essas diferenças têm se amenizado por conta do crescimento desses pequenos lugares. Essas transformações são significativas uma vez que podem mudar ou até mesmo reforçar hábitos, crenças, valores e atitudes. E é através da linguagem que tais mudanças podem ficar salientes. Assim, os discursos e os textos, mais especificamente os Processos Mentais, serão os meios pelos quais iremos verificar como ocorreram tais mudanças. Os Processos Mentais são os responsáveis por representar aspectos da cognição como sentimentos, preferências, posicionamentos, juízos de valores, avaliações etc. São eles que vão nos ajudar nessa tarefa de compreender quem são as pessoas de Tejucupapo, como elas se constroem, como é a relação delas com a comunidade e como elas pensam, sentem e percebem o mundo.

Para tanto, o *corpus* é constituído por dez entrevistas, em formato de áudio, realizadas para a tese de doutorado de Cordeiro da Silva (2015) “Um estudo da construção complexa

com cláusula completiva no português popular de Tejucupapo – PE”. Para a obtenção desses dados, recorreremos ao comitê de ética e após a aprovação no mesmo, os áudios foram cedidos para que o trabalho se iniciasse. Após a audição do material, houve a transcrição de todas as orações compostas por Processos Mentais, categoria na qual se efetivou a análise. Posteriormente, os processos foram divididos de acordo com seus subtipos. Essa etapa e as demais que compõem o processo metodológico serão detalhadas na seção três, a qual juntamente com as demais constitui nossa dissertação, cuja estrutura será a seguinte:

Na introdução foram trazidas características gerais do trabalho, tais como objetivos, justificativas, *corpus*, metodologia e de alguns aspectos da fundamentação teórica.

Na primeira seção, *Entre o semiótico e o funcional: a Linguística Sistemico-Funcional*, situaremos o leitor a respeito da perspectiva teórica que será seguida no trabalho, localizando em que perspectiva está inserida a LSF dentro dos estudos linguísticos, bem como daremos atenção especial ao sistema de transitividade e seus processos.

Intitulada *Os Processos Mentais e as duas faces da experiência*, a segunda seção se constituirá como um detalhamento dos Processos Mentais, enfocando seus participantes, Experienciador e Fenômeno, e os subtipos de Processos Mentais.

Na seção três, *Tejucupapo, Identidade e Entrevista: história e metodologia*, discorreremos sobre a história de Tejucupapo, sobre a noção de identidade e de entrevista que adotamos nesta pesquisa e como se deu o percurso metodológico pela qual a mesma se desenvolveu.

Construindo identidades será a quarta seção, na qual tratamos da análise dos Processos Mentais objetivando interpretar a construção da identidade dos moradores de Tejucupapo. Esta seção está dividida em cinco subseções que nos ajudaram nessa tentativa de perceber como é construída a identidade desses indivíduos.

Analisando as identidades dos moradores de Tejucupapo que emergiram nos seus relatos, através dos Processos Mentais, esperamos, ao final do trabalho, que o leitor se sinta um pouco mais perto dos tejucupapenses e com um pouco mais de conhecimento sobre suas histórias e formas de pensar, sentir e perceber as coisas do mundo. Já adiantamos que não esperamos dar conta de todas as características, aspectos e nuances que os caracterizam, até porque acreditamos que isso seria impossível. Dessa maneira, fizemos recortes metodológicos para realizar este estudo; o primeiro já diz respeito ao número dos entrevistados, 10; o segundo refere-se ao recorte dentro da teoria adotada, uma vez que optamos por investigar a identidade através dos Processos Mentais, dentro de outras possibilidades da LSF; o terceiro recorte se justifica porque ao longo do trabalho tivemos que fazer escolhas do que achamos ser relevantes para apresentar na dissertação.

ENTRE O SEMIÓTICO E O FUNCIONAL: A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Como afirmado antes, este trabalho almeja, através da análise de orações com Processos Mentais extraídas das entrevistas com moradores de Tejucupapo que constituem o nosso *corpus*, identificar como eles se veem e veem os outros; a relação deles com o lugar onde moram e com as pessoas que os circundam, ou seja, buscaremos construir um panorama identitário do povo de Tejucupapo. Nesta seção, apresentamos conceitos advindos da Linguística Sistêmico-Funcional de M.K Halliday (1999; 2014), base teórica para nosso empreendimento analítico. Antes, porém, situaremos o leitor sobre a inserção da LSF dentro dos estudos linguísticos.

1.1 UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DA LSF

Os estudos de Halliday (1999) e Halliday e Matthiessen (2014) são de base funcionalista, isso significa que a forma de entendimento da língua desses autores está diretamente relacionada com a maneira como a mesma é usada em determinado contexto social. Dessa forma, cabe uma breve explanação sobre as duas perspectivas de estudos da linguagem: a formalista e a funcionalista. A primeira, o paradigma formalista, diz respeito a uma visão de língua como um objeto autônomo no qual fatores externos não teriam influência sobre sua organização interna. A proposta é de que a língua deveria ser vista como uma unidade encerrada em si mesma. As ideias de Saussure se tornam expoentes dessa perspectiva de estudo, na medida em que entende a língua como um sistema fechado, mas foi no descritivismo americano e no gerativismo que o formalismo alcançou a sua mais forte expressão (KENEDY E MARTELOTTA, P.20, 2003). Essa linha de estudos se desenvolveu, sobretudo, no Círculo Linguístico de Copenhague.

Já numa visão funcionalista, a língua é um fenômeno social, cuja essência é a interação entre os indivíduos. Segundo Kenedy e Martelotta (p. 20, 2003), o funcionalismo “caracteriza-se pela concepção de língua como um instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisado enquanto objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar

sua estrutura gramatical”. O foco não é mais a língua na sua imanência, isolada dos atos comunicativos e entendida como abstração. O funcionalismo propõe que ela seja estudada justamente através do uso dos falantes, levando em conta seu contexto de produção, e são esses usos que organizam o sistema interno da língua. Outra diferença, desta vez apontada por Resende e Ramalho (2011), diz respeito aos estratos que compõem a gramática da língua (fonológico, morfológico, sintático e semântico); numa visão formalista eles não são estudados como elementos que se combinam para formar os significados, são vistos isoladamente. Já na perspectiva funcionalista ocorrem interseções entre esses módulos no estudo da língua, porque há o entendimento de que o significado é um construto que envolve todos esses níveis de forma simultânea.

Segundo Ghio e Fernández (2008), a teoria de cunho funcionalista de Halliday, a Linguística Sistêmico-Funcional, começa a se desenvolver no final dos anos 50 e começo dos anos 60 na Grã-Bretanha. Ela tem como um de seus pilares as ideias do antropólogo Bronislaw Malinowski. Tal estudioso postulava que a língua era uma das principais manifestações da cultura e deveria ser estudada como forma de sua compreensão. Mais adiante, o linguista John Firth, aluno de Malinowski, preocupou-se com a relação que se estabelece entre língua e seu uso. A partir das discussões de Firth, Halliday, que foi seu aluno, estruturou a Linguística Sistêmico-Funcional. Matthiessen (*apud* Neves, 1997, p.58) resume esses primeiros passos da LSF, afirmando que ela está baseada no "funcionalismo etnográfico e o contextualismo desenvolvido por Malinowski nos anos 20, além da lingüística firthiana da tradição etnográfica de Boas-Sapir-Whorf e do funcionalismo da Escola de Praga”. Hoje, a LSF influencia estudos de diversas áreas, como a Gramática do Design Visual (KRESS & VAN LEEUWEN, 1996) e a Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001). Meurer e Balocco (2009) apontam que, no Brasil, a LSF difundiu-se a partir do final da década de 80 e esteve ligada a docentes que atuam na área do ensino de inglês como língua estrangeira. Porém, foram os cursos de pós-graduação os responsáveis por contribuírem para que a LSF passasse das fronteiras da Linguística Aplicada e alcançasse estudos descritivos da língua portuguesa. Os autores comentam também que após várias décadas de estudos relacionados a registros e gêneros, atualmente o foco das pesquisas ampliou-se, agora já podem ser encontrados trabalhos relacionados “ao perfil dos participantes discursivos, seu papel social, o grau de prestígio de que desfrutam na comunidade discursiva em que estão situados, suas

formas características de auto-representação e de representação do outro (seu estilo)” (MEURER E BALOCCO, 2009).

Além de se circunscrever no paradigma funcionalista, a LSF tem outras características gerais importantes de serem salientadas. A teoria hallydiana pressupõe uma concepção de língua como um recurso para construir e interpretar significados em contextos sociais. Sua orientação é social e não biológica. Ghio & Fernández (2008) afirmam que, nesse sentido, a LSF se configura como uma teoria que pretende estudar a linguagem de uma perspectiva semiótica e social. Semiótica porque esta corrente se destina a estudar os significados de maneira geral, desse modo, a linguagem seria, e é, um sistema de significados, entre tantos outros, que constituem a cultura, mas é, talvez, o sistema semiótico mais poderoso. Essa afirmação se explica na medida em que a linguagem é capaz de codificar outros sistemas semióticos. Em outras palavras, a linguagem seria responsável pela criação e interpretação de outros sistemas semióticos na cultura. A LSF parte também de uma perspectiva social porque tais significados só ganham efetivamente um sentido porque subjazem um contexto social, um sistema de cultura. Teríamos, assim, um sistema de significados da cultura. Desse modo, é certo dizer que a linguagem sem contexto social e cultural não tem significado. Por conseguinte, podemos afirmar que nessa perspectiva a língua é um sistema de significados socialmente motivado e construído.

Essa definição pode explicar, em parte, o porquê de Halliday ter denominado sua teoria de sistêmica e funcional. É funcional porque, além de apreender o aspecto social da língua, sustenta que as explicações das estruturas gramaticais só podem acontecer quando observadas em um uso concreto. Para Ghio e Fernández (2008), a LSF, porém, não se destina a apenas descrever tais usos, a diferença entre a teoria de Halliday e outros estudos funcionalistas é tentar perceber como esses usos moldam o sistema interno da língua, e não apenas a elencar usos da língua. Quando dizemos que a LSF é sistêmica, estamos nos referindo ao fato de vermos a língua como uma rede de sistemas linguísticos interligados, das quais nos servimos para construir significados, fazer coisas no mundo (FUZER E CABRAL, 2010). Deste modo, concordamos com Ghio & Fernández (2008) quando dizem que o poder da linguagem está em sua organização como uma grande rede de opções interrelacionadas entre si. Para Furtado da Cunha e Souza (2011), a grande preocupação da LSF é compreender e descrever a linguagem em funcionamento (funcional) como um sistema (sistêmica) de comunicação humana e não como um conjunto de regras.

1.2 A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL: ESCOLHAS E CONTEXTO

As opções que os falantes da língua realizam são materializadas linguisticamente e discursivamente através de um processo de escolha. A LSF sustenta que a linguagem seja usada através de escolhas que são possíveis no nosso sistema linguístico. O falante seleciona os recursos e utiliza-os na ocasião em que considera mais adequada aos seus propósitos comunicativos. Dessa forma, as opções realizadas constituem uma determinada estrutura e organizam o texto adequado a cada contexto de situação (GHIO E FERNÁNDEZ, 2008). A importância das escolhas, léxico-gramaticais, por exemplo, constitui um dos pontos fortes da LSF, o fato de o falante pode escolher, implica que ele é livre, ou parcialmente livre, no processo comunicativo. Ghio e Fernández (p. 65, 2008) salientam que

Opção não se refere aqui a atos deliberados de escolha; simplesmente implica que os falantes nunca estão obrigados a fazer uma única coisa; qualquer que seja o entorno, sempre existem alternativas que implicam opções. (*tradução nossa*)

Essas opções das quais os falantes dispõem estão disponíveis na linguagem através da gramática caracterizada pela organização em estratos e pela diversidade funcional. A possibilidade de escolha elimina qualquer determinação mecânica, além de atribuir valor às alternativas do sistema. O contexto é o estrato superior, e, portanto, essencial no modelo da LSF. É o sistema semiótico superior imerso na linguagem, qualquer texto está imerso em seu próprio contexto, por isso dizemos que o contexto precede o texto e é precedido por ele, pois existe uma relação indissolúvel entre ambos. A seguir o diagrama dos estratos, em que podemos perceber que tais níveis estão vinculados entre si por uma relação lógica de realização. Tais estratos estabelecem uma relação hierárquica e constitutiva.

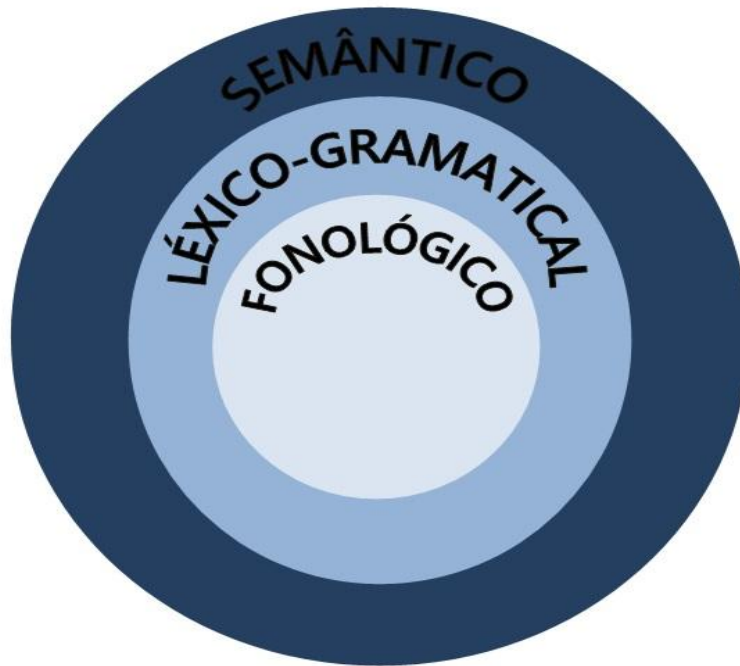


Figura 1: Estratos da língua (baseado em HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014, p. 26).

- a) Semântico: diz respeito aos significados de forma geral, não apenas os significados referenciais. É aquilo que o falante pode significar;
- b) Léxico-gramatical: É o sistema de expressão verbal, composto por estruturas gramaticais e itens lexicais. É o que o falante pode dizer;
- c) Fonológico: É o sistema de sons, responsável pela sonoridade.

Concordamos com Meurer (2004) quando o autor diz que, nesse modelo, todos os significados têm uma relação direta tanto com o contexto social quanto com os elementos lexicogramaticais. Assim, cada significado deve ser relacionado simultaneamente a rotinas sociais e formas linguísticas. Gouveia (2009) afirma que o que interessa é a caracterização da língua e dos sistemas semióticos em geral, como sendo estruturados pelo uso, isto é, determinados pelas necessidades dos seres humanos em razão da sua vivência em comunidade.

Esses estratos, os quais podemos chamar também de sistemas, se interrelacionam, podendo estabelecer relações de dependência e simultaneidade, criando, dessa forma, redes de sistemas. São dessas redes que os falantes se utilizam quando, ainda que inconscientemente, fazem opções léxico-gramaticais. Cada um desses estratos da língua é realizado num outro estrato, isso significa que o estrato semântico se realiza no léxico-gramatical, já este, por sua vez, é realizado pelo estrato fonológico ou grafológico.

As opções das quais os falantes dispõem na língua são materializadas em seus discursos através dos textos. O objeto de estudo da LSF é justamente o texto, entendido como produto autêntico da interação social (SOUZA, 2006). O texto, para Halliday e Matthiessen (2014), é a unidade da linguagem, em qualquer meio, que faz sentido a alguém que conhece a linguagem. Gouveia (2009) afirma que o texto é o que é produzido quando nos comunicamos. É uma coleção harmoniosa de significados apropriados ao seu contexto, com um objetivo comunicativo. Na interação humana, os textos são responsáveis pela troca de significados entre os falantes.

Nesse cenário, o autor salienta que a língua se orienta por duas possibilidades alternativas: a “cadeia” (o sintagma) e a “escolha” (o paradigma). As relações sintagmáticas dizem respeito às combinações na estrutura do texto, enquanto a relação de ordem paradigmática se refere “ao que poderia estar no lugar de”. Essas escolhas que os falantes realizam não acontecem de forma consciente, elas se dão a partir da necessidade comunicativa e são influenciadas através do que Halliday denominou de Contexto de Cultura e Contexto de Situação. O texto está contido nesses dois contextos, que por sua vez, vão atuar de forma conjunta. O contexto cria o texto tanto como o texto cria o contexto. Existe uma relação dialética, na qual o significado emerge da fricção entre ambos.



Figura 2: Texto em contextos (baseado em FUZER e CABRAL, 2010, p.15).

O Contexto de Situação diz respeito ao ambiente imediato no qual o texto está inserido. Para Souza (2006), neste estão as características extralinguísticas dos textos, as quais dão substância às palavras e aos padrões gramaticais que falantes e escritores usam, consciente ou inconscientemente, para construir os diferentes gêneros, e os ouvintes e leitores usam para identificar e classificar esses gêneros. O Contexto de Situação diz respeito ao entorno vivente do que rodeia um texto, e que inclui o contexto verbal e a situação em que esse texto se enuncia. De acordo com Ghio e Fernández (2008), Firth elege uma série de categorias abstratas que estariam presentes no Contexto de Situação, entre elas: as características dos participantes; ações verbal e não verbal; os objetos relevantes; e os efeitos da ação verbal. Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que só devem ser consideradas aquelas características pertinentes ao discurso que se está produzindo, isto é, todos os fatores extralinguísticos que têm importância no e para o texto.

Já o Contexto de Cultura é o ambiente onde há todas as possibilidades de os contextos situacionais existirem e fazerem sentido; diz respeito a algo mais amplo incluindo ideologia, convenções sociais e instituições, bem como práticas institucionalizadas nos mais variados grupos sociais, como a escola, a família, a igreja etc. Compreende, dessa forma, todo o sistema semântico da linguagem e juntamente com o Contexto de Situação, é essencial para a compreensão de um texto. Para Gouveia (2009, p. 14), a relação entre a língua e os seus contextos de uso, ou dito de outra forma, a relação entre um texto e o seu contexto, é de tal forma motivada que, a partir de um contexto, será possível prever os significados que serão ativados e as características linguísticas potenciais mais previsíveis para as codificar em texto.

O Contexto de Situação é detalhado por Halliday e Matthiessen (2014) através de um modelo tridimensional constituído por três variáveis: Campo, Relações e Modo. A primeira remete à atividade que está acontecendo, à natureza da ação social que está ocorrendo, o lugar onde os participantes estão envolvidos, é a descrição da situação; as Relações tratam propriamente dos participantes, da natureza dos papéis que eles desempenham, a relação hierárquica entre eles, como eles se comportam e que atitudes tomam para com o outro etc; já o Modo refere-se à função que a linguagem exerce, se a língua está sendo usada em sua modalidade oral ou escrita, e o canal utilizado naquela situação, uma carta ou telefone, por exemplo.

Tais linguistas propõem três funções básicas referentes à linguagem e que estão ligadas ao Campo, as Relações e ao Modo: compreender e representar a realidade; relacionar-se com o outro; e organizar as duas primeiras sob forma de texto. Os autores associaram tais funções a três metafunções: ideacional, interpessoal e textual, respectivamente. Metafunção é um termo usado para se referir a essas funções abstratas que são propriedades inerentes a todas as línguas. A função comunicativa da linguagem perpassa essas três metafunções propostas pelos autores.

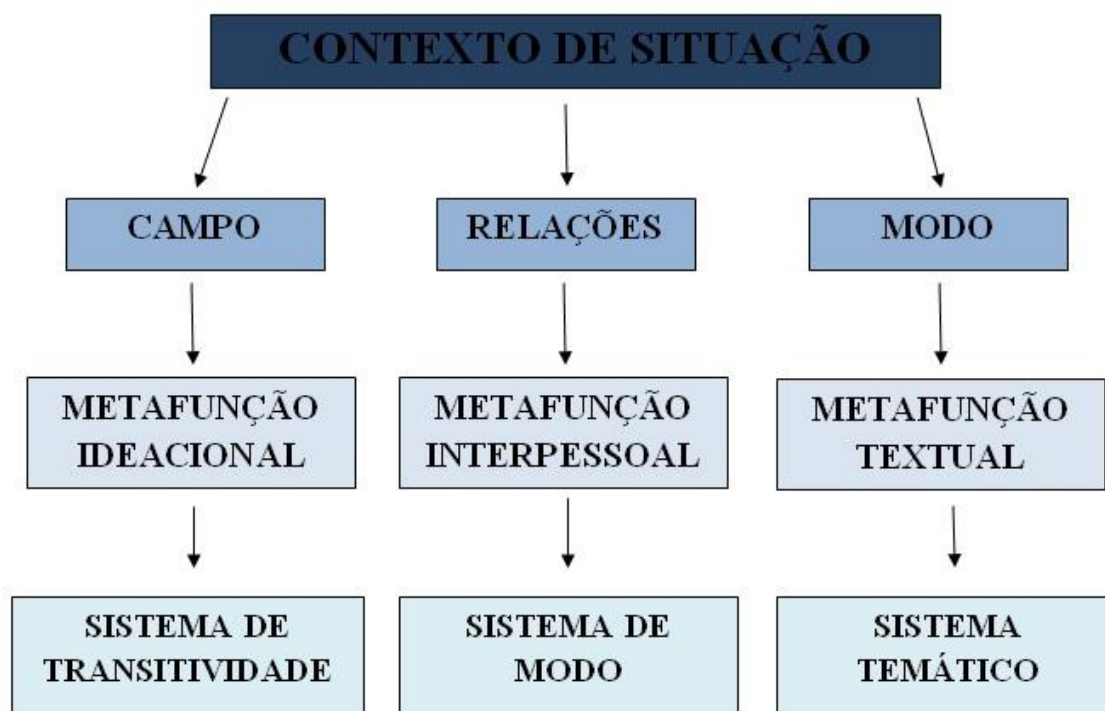


Figura 03: As três metafunções e suas instâncias de realização da linguagem através das variáveis do contexto de situação

A metafunção que será explorada mais atentamente neste trabalho é a ideacional. Tal metafunção se dá “quando o indivíduo expressa a sua experiência do mundo material ou de seu mundo interior (o de sua própria consciência)” (FUZER; CABRAL, 2010). A oração, entendida dentro da corrente funcionalista de Halliday como a unidade básica de análise, nesta função se apresenta como representação. Esta metafunção ainda pode ser dividida em duas subfunções: a experiencial e a lógica. A primeira diz respeito à interpretação e representação da nossa experiência do mundo que nos rodeia e do mundo interior, através de um número determinado de processos, participantes etc. A lógica se refere às combinações de grupos lexicais e oracionais, para estabelecer relações como causalidade e condição, por exemplo. A metafunção interpessoal entende a oração como troca, a atenção se volta para a interação entre os participantes de um evento comunicativo. As relações de poder entre emissor e receptor, bem como as de polidez, subserviência, exigência, pedido, entre outras, são codificadas pelos sistemas desta metafunção (FIGUEREDO, 2011). A metafunção textual

é a responsável pela organização dos significados ideacionais e interpessoais em um todo coerente: o texto. A oração, nessa metafunção, é vista como mensagem e se realiza, no nível léxico-gramatical, pelo chamado sistema Temático.

1.3 TRANSITIVIDADE E PROCESSOS

Ainda dentro do arcabouço teórico da LSF, as manifestações dos significados experienciais e representacionais se dão no Sistema de Transitividade. É necessário abriremos um parêntese para salientar que a transitividade da qual estamos falando não corresponde a transitividade proposta na gramática tradicional. Na GT, transitividade é uma propriedade do verbo, e não da oração. Refere-se à maneira como um verbo se relaciona com os sintagmas nominais numa mesma oração. Assim, os verbos transitivos são aqueles cujo processo se transmite a outros elementos, que vão completar-lhes o sentido; já com os intransitivos, a ação se encerra no verbo. Furtado da Cunha e Souza (2011) salientam que a classificação de um verbo como transitivo ou não se apoia na presença ou ausência de SN objeto (critério sintático) exigido pelo significado do verbo (critério semântico). A noção de transitividade se gera, assim, na incompletude de sentido do verbo, sendo mais semântica do que sintática. Por esse ângulo, os verbos são categorizados em transitivos (diretos, indiretos, direto e indireto) e intransitivos. Os primeiros são verbos cujo sentido depende de um complemento

A LSF entende a Transitividade como categoria gramatical relacionada à Metafunção Ideacional, a qual se refere à representação das ideias, da experiência humana. Para Furtado da Cunha e Souza (2011), o Sistema de Transitividade possibilita a identificação de ações e atividades humanas que estão sendo expressas no discurso e da realidade que está sendo retratada. A transitividade é, dessa forma, um sistema de descrição de toda a oração, que se compõe de Processos, Participantes e eventuais Circunstâncias. Ou seja, o Sistema da Transitividade é recoberto pela Metafunção Ideacional e se configura como o recurso lexicogramatical geral para representar ações e atividades, construídas na gramática por intermédio de Processos, dos Participantes neles envolvidos e das Circunstâncias que as constituem.

Grosso modo, a Transitividade constitui-se como o recurso linguístico que dá conta de quem fez o quê, a quem, em que circunstâncias. Essas informações são possíveis através dos principais elementos da Transitividade: Processos, Participantes e Circunstâncias. Tais papéis correspondem, de modo geral, às três classes de palavras encontradas na maioria das línguas: verbo, substantivo e advérbio (cf. SOUZA, 2006).

Componentes	Definição	Categoria gramatical típica	Exemplo
Processo	É o elemento central da configuração, indicando a experiência se desdobrando através do tempo.	Grupos Verbais	Jesus sofreu por nós ¹
Participantes	São as entidades Envolvidas – pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados -, as quais levam à ocorrência do processo ou são afetadas por ele.	Grupos Nominais	Jesus sofreu por nós
Circunstância	Indica, opcionalmente, o modo, o tempo, o lugar, a causa, o âmbito em que o processo se desdobra.	Grupos Adverbiais	Jesus sofreu por nós

Quadro 1: Componentes da oração (baseado em HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014).

Na LSF, há seis processos pelo quais acontece a representação da experiência humana: Materiais, Mentais, Relacionais, Verbais, Existenciais e Comportamentais. O foco deste trabalho são os Processos Mentais, os quais representam a experiência interna, e seus Participantes. Trataremos, de forma mais detalhada, deste processo na seção seguinte.

¹ Todos os exemplos, salvo algumas exceções das quais o leitor será informado, foram extraídos das entrevistas que constituem o nosso *corpus*.

Entretanto, ainda que de forma breve, é importante discorrer e apontar as características de todos eles.

As orações materiais são organizadas com os processos de fazer e acontecer e estão relacionadas a ações do mundo físico. São os processos responsáveis por uma sequência de ações concretas, através do tempo, ou seja, estabelecem uma quantidade de mudança no fluxo de eventos. Para que haja essa mudança, é preciso de alguém que invista energia e faça esse processo acontecer. A este participante damos o nome de Ator. Tal participante faz com que ocorra a mudança de um estado a outro no curso do processo; este pode ser animado ou inanimado. A Meta é o participante criado ou que sofre uma alteração provocada pelo Ator. Caso a oração envolva os dois participantes, são chamados de transitivas; se apenas um participante estiver na oração, denomina-se intransitiva. Cabe lembrar que tais participantes não necessariamente são humanos. Vejamos os exemplos a seguir:

- (1) Eu **fiz** duas viagens pra Surubim uma vez...
- (2) O motor **fazia** uma zuada tão grande...
- (3) **Trabalhei** no roçado mais esse outro meu marido...

Normalmente, como já afirmado, os participantes são realizados por grupos nominais que fornecem informação sobre pessoas, lugares, coisas e ideias envolvidas no processo em uma oração (FUZER; CABRAL, 2010). Além desses dois participantes supracitados, temos o Escopo, o Beneficiário e o Atributo. O primeiro diz respeito a um participante que não é afetado pela performance do processo; o beneficiário é o participante que se beneficia de um processo; ainda que mais comum nos processos relacionais, os quais vamos tratar em seguida, o Atributo também pode ser encontrado em orações materiais, tal categoria diz respeito a uma característica atribuída a um dos Participantes da oração.

Os Processos Relacionais têm por função classificar, relacionando duas entidades do discurso. Dessa forma, pressupõe sempre dois participantes inerentes. Normalmente, são orações usadas para representar seres no mundo em termos de suas características e identidades (FUZER; CABRAL, 2010). É importante na criação e descrição de personagens e cenários em textos narrativos, contribuindo na formação de conceitos e na definição de coisas. Dividem-se em três tipos: intensivos, possessivos e circunstanciais. O primeiro tipo diz

respeito à atribuição de uma qualidade a uma entidade; quando existe uma relação de posse entre as entidades, chamamos de possessivos; os processos do tipo circunstancial se realizam quando uma circunstância de tempo ou lugar é atribuída a alguma entidade.

As orações com Processos Relacionais podem, ainda, ser atributivas ou identificativas. Nas atributivas, há a atribuição de uma qualidade realizada pelo participante Atributo, ao primeiro participante, o Portador o qual é classificado pelo Atributo. Nas orações identificativas, um dos participantes tem uma identidade determinada. Assim, uma entidade está sendo usada na intenção de identificar outra. Esse tipo de oração tem um participante Característica - a entidade definida - e um participante Valor - o termo definidor ou identificador.

(4) A água do rio... a água doce é uma água muito boa... uma água limpa... saudável...

(5) A ambição é uma coisa triste...

(6) A situação dele não **era** boa...

As orações verbais são as estruturadas a partir dos Processos Verbais, que são os processos de dizer e de comunicar. São relevantes para os mais diversos tipos de discurso, pois referem-se a verbos que expressam o dizer, mas também processos semióticos que não são necessariamente verbais, como mostrar ou indicar, por exemplo. Têm uma importância nos trabalhos acadêmicos, por serem os responsáveis pelas citações e contribuições expressos por outros pesquisadores. Há dois tipos principais de processos verbais, os de atividade (incluindo verbos como elogiar, criticar, falar etc) e os de semiose (dizer, contar, interrogar, exigir etc).

Os participantes das orações verbais são, em grande parte das vezes: Dizente, o próprio falante, aquele que diz ou comunica; Verbiagem, o que é dito pelo, podendo representar o conteúdo, o nome do dizer e o nome de uma língua; Receptor, que se refere ao participante a quem a mensagem é dirigida; e Alvo, é a entidade atingida pelo processo de dizer. O Dizente, embora representado tipicamente por um falante, pode ser simbolicamente personificado. Vale salientar que a Verbiagem pode representar o conteúdo do dito por meio de uma oração projetada, a chamada Locução, através de um grupo preposicional ou, como nos exemplos a seguir, por meio de um grupo nominal:

(7) Quando é tempo de eleição ele **diz** que vai fazer...

(8) **Disse** o homem do INSS que esse benefício vai ficar...

(9) A bíblia **revela** que o homem tem que aceitar...

As orações existenciais, como o nome já diz, são aquelas que representam algo que existe ou acontece. Os verbos típicos de tal oração são o verbo existir e o haver, no sentido de existir. Apesar de aparecerem em menor quantidade no discurso, se comparadas às outras orações citadas por nós, elas têm um papel importante em diversos textos. Fuzer e Cabral (2010) salientam que elas servem para introduzir, em narrativas, os participantes principais no estágio inicial da história. Dá-se o nome de Existente ao participante típico da oração existencial, este, por sua vez, pode representar uma pessoa, um objeto, uma abstração, uma instituição, pode também, indicar uma ação ou evento. Vejamos, abaixo, uma oração que ilustra o Processo Existencial:

(10) **Existe** o sobrenatural pra não querer ver a pessoa bem...

Os Processos Comportamentais caracterizam-se como processos do comportamento humano fisiológico e psicológico, como sorrir, tossir, respirar etc. Configuram-se como uma mistura dos Processos Materiais com os Mentais, por isso tais processos não apresentam características tão nítidas quanto os outros. O participante dos processos comportamentais é o Comportante, que se caracteriza por se tratar tipicamente de um ser consciente, como por exemplo:

(11) O pessoal **fala** muito...

(12) Antigamente o filho **escutava** o pai...

Feita essa síntese, chegamos ao tipo de Processo, foco de nossa investigação, ou seja, aos Processos Mentais, aqueles que se referem às experiências do mundo de nossa

consciência, indicando afeição, cognição, percepção e desejo. Os participantes das orações mentais denominam-se Experienciadores, são eles que sentem, pensam, percebem, desejam etc. Normalmente são humanos ou coletivos humanos. Também podem ser representados por entidades inanimadas. Se de um lado está o Experienciador, do outro temos o Fenômeno, que completa o processo, referindo-se ao que foi sentido, pensado, percebido ou desejado pelo Experienciador. Vejamos dois exemplos:

(13) Ninguém **gosta** de ser maltratado....

(14) Eu **quero** meu dinheiro da bolsa família...

Da mesma forma que ocorre com os Processos Verbais, o participante Fenômeno pode ser representado por uma oração projetada. Na seção seguinte, vamos dar uma atenção especial aos Processos Mentais, descrevendo-os em quatro tipos classificados por Halliday & Matthiessen (2014), além de apresentar características que os diferenciam dos demais processos.

O quadro a seguir apresenta uma sistematização dos tipos de processo, sua significação e seus participantes associados:

PROCESSO	SIGNIFICADO	PARTICIPANTES OBRIGATÓRIOS	PARTICIPANTES OPCIONAIS
Processo Material	Fazer, Acontecer	Ator	Meta, Extensão e Beneficiário.
Relacional: Atributivo Identificativo	Ser Classificar Definir	Portador e Atributo Característica e Valor	-
Verbal	Dizer	Dizente e Verbiagem	Receptor
Existencial	Existir	Existente	-
Comportamental	Comportar-se	Comportante	Fenômeno
Mental	Sentir	Experienciador e Fenômeno	-

Quadro 2: Processos, significados e participantes (baseado em SOUZA, 2006)

Apresentamos, nesta seção, um panorama dos pressupostos da LSF, desde o seu surgimento até alguns pontos e conceitos principais da teoria Hallydiana, como o Sistema de Transitividade e seus Processos. Na seção seguinte, tomamos como foco os Processos Mentais, pois eles constituem a base da nossa análise. O leitor será apresentado a características, particularidades e possibilidades de uso desses Processos, bem como a sua classificação, realizada por Halliday e Matthiessen (2014), em quatro tipos.

2 OS PROCESSOS MENTAIS E AS DUAS FACES DA EXPERIÊNCIA

Na seção anterior, discorremos sobre cinco dos seis Processos que constituem o Sistema de Transitividade da Metafunção Ideacional, conforme perspectiva Hallydiana. Tomamos os Processos Mentais, em separado, porque foi a base para nossa análise. Já adiantamos algumas questões sobre tal processo, porém aqui o apresentaremos de forma mais detalhada.

O título com o qual nomeei esta seção se explica pelo fato de os Processos Mentais serem os responsáveis por externalizar o mundo experiencial de nossa própria consciência, ou seja, o lado interno da experiência, são eles que têm por função representar o mundo que existe dentro de nós, mas que, por sua vez, foi construído pelas experiências no mundo de “fora”, ou seja, pela face externa da experiência. Esse tipo de Processo constrói, então, um fluxo de mudança que acontece na consciência do indivíduo a partir de experiências externas. Essa primeira característica dos Processos Mentais já é suficiente para diferenciá-los dos demais processos, sobretudo dos Processos Materiais, uma vez que este Processo organiza as orações que constroem o mundo material, o mundo do fazer; em oposição ao mundo do sentir característico dos Processos Mentais. Estes estão ligados ao mundo sensorial e cognitivo, isso significa que exteriorizam processos de pensar, sentir, saber, desejar, entre outros. Como podemos visualizar nos exemplos a seguir, os quais reafirmamos serem extraídos do nosso *corpus*, em (15) o falante expressa um desejo informando ao entrevistador que gostaria de que o mesmo morasse em Tejucupapo para poder conhecer a situação do lugar; já no fragmento (16), o entrevistado salienta que nunca ouviu falar em assalto onde mora:

(15) Eu **queria** que o senhor morasse aqui...

(16) Nunca **ouvi** dizer que teve assalto por aqui...

Dizemos que tais processos são capazes de simbolizar crenças, valores, desejos porque lidam com uma representação subjetiva que o indivíduo faz do mundo. Sendo assim, os Processos Mentais talvez sejam os mais capazes de revelar sentimentos íntimos dos falantes justamente por fazer um movimento duplamente articulado: externaliza algo de

dentro de sua mente, mas que por sua vez pode ter sido provocado por algo fora dela. Pode ser um movimento tanto do interno para o externo quanto o contrário.

Até agora tratamos os Processos Mentais como um bloco único, porém Halliday & Matthiessen (2014) vão classificá-los e dividi-los em quatro tipos: os Processos Mentais Perceptivos (ver, escutar, perceber, sentir); os Processos Mentais Cognitivos (achar, compreender, conhecer, saber); os Processos Mentais Desiderativos (cobiçar, desejar, pretender, querer); e os Processos Mentais Emotivos (adorar, agradar, amar, detestar). Esses quatro tipos de processos têm características próprias que serão vistas ao longo desta seção.

A seguir serão apresentados os participantes constituintes dos Processos Mentais: experienciador e fenômeno, além de detalhes do próprio Processo. Cabe salientar que nesta parte do trabalho, além dos pressupostos de Halliday e Matthiessen (2004) que vêm sendo usados, serão de grande importância os estudos de Figueredo (2007; 2011), uma vez que tal autor é responsável por um estudo acurado e extensivo desses Processos.

2.1 EXPERIENCIADOR

Afirmamos anteriormente que o Processo Mental constrói orações do sentir, do querer e do saber, por exemplo. Experienciador é o nome atribuído ao termo que representa quem sente, quer ou sabe dentro de uma oração mental, porque é esse participante quem concebe essa experiência do sentir, do desejar, do conhecer; por isso Figueredo (2011) aponta que devido ao fato desse Participante apresentar a característica ‘+consciente’, este é geralmente concebido como um ser humano, ou algum outro ser ao qual se atribua uma consciência humanizada. Normalmente este Participante representa o próprio falante/escritor de quem parte o discurso. Mas obviamente pode tratar-se de algum outro ser trazido pelo usuário.

O trabalho dos Processos Mentais é indicar como se dá a experiência de as ideias serem produzidas a partir da experiência de consciência de um participante. Normalmente são os grupos nominais que operam como Experienciadores nas orações mentais.

Figueiredo (2011) aponta uma distinção entre dois tipos de consciência: a superior e a inferior. A consciência superior se refere a processos mais elaborados como pensar, entender, saber, conhecer etc. Esses processos tem por experienciador um Ente: Humano. Halliday e Matthiessen (2014) apontam que Ente² é o núcleo semântico do grupo nominal e pode ser um substantivo comum, substantivo próprio ou pronome pessoal. Porém, outros tipos de Entes podem ocupar este lugar se lhe for atribuído consciência, a este chamamos de Ente: Humanizado. Já a consciência inferior – aquela que diz respeito aos Processos Mentais inferiores como perceber, ouvir, enxergar, sentir, etc – é caracteristicamente atribuída ao Ente: Animal. Entretanto, igualmente, qualquer outro elemento pode ser construído nas figuras mentais como dotado de consciência inferior, constituindo assim a opção Ente: Animalizado. Vejamos dois exemplos a seguir:

(17) Rosa **sabe** fazer um almoço...

(18) O INSS **quer** 15 anos e a colônia também...

Halliday e Matthiessen (2014) enfatizam que animais de estimação são, por vezes, tratados como seres conscientes, sendo-lhe atribuídos gostos e preferências. Isso é possível, não só com animais como também como outras entidades, porque os Processos Mentais têm essa propriedade de poder creditar consciência a algo fazendo-lhe sentir, pensar, gostar etc, transformando-lhes, dessa forma, em um ser consciente. Ou atribuindo essas características a objetos ou até mesmo instituições, como no exemplo (18), no qual a falante diz que o INSS exige que ela trabalhe por 15 anos para se aposentar. Todos esses Experienciadores dos quais falamos são realizados por um ente grupo nominal, mas é possível em algumas configurações específicas, as frases preposicionais também possam operar como Experienciador. Este é o caso das orações *impingentes* e das orações receptivas. Obversemos as ocorrências a seguir:

(19) A inovação não **agradou a** todas as crianças

(20) Maria pôde explicar-me a falta pelo receio de **ser vista por** alguém³

² Podem ser encontrados mais detalhes a respeito do Ente em Figueiredo (2007).

³ No nosso corpus, não encontrados orações impingentes cujo Experienciador se deu por frase preposicional, por isso apresentamos dois exemplos de Figueiredo (2011), cujo os experienciadores são “a todas as crianças” e “por alguém”. Esses tipos de construções são mais raros.

2.2 O PROCESSO

Como já foi afirmado, o Processo Mental se caracteriza por representar uma mudança no mundo interno do indivíduo. Assim, essa mudança pode aparecer sob diversas formas em relação à questão temporal do verbo, por exemplo. Isso porque, diferente de seus Participantes, o Processo em si possui como propriedade principal o desdobramento no tempo (FIGUEREDO, 2011). Se o Experienciador é, na maioria das vezes, realizado por um grupo nominal, o Processo se configura através de um grupo verbal, cujo evento é realizado pelo verbo lexical do grupo, como acontece no inglês; no Português, geralmente o grupo verbal é próprio Processo.

Relativo a essa questão da temporalidade do verbo constituinte do Processo Mental, Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que o tempo verbal prototípico da oração mental é o presente do indicativo, enquanto, o presente contínuo é o tempo prototípico da oração material. Isso não significa, evidentemente, que outros tempos verbais não possam estruturar um Processo Mental. Trataremos disso mais adiante.

A análise que se seguirá em relação ao tempo no Processo Mental diz respeito à forma como os mesmos se desdobram em relação ao “agora” do evento discursivo, na qual é levado em consideração o momento inicial da mudança realizada pelo Processo Mental e a forma como se prolonga no tempo, ou seja, o desdobramento sofrido pelo processo. Evidentemente o tipo textual dentro de determinado gênero vai influenciar o tempo verbal e a forma como o Processo Mental é utilizado; numa narrativa o Processo pode comportar-se diferentemente de uma dissertação ou exposição.

Figueiredo (2011) aponta três categorias temporais baseadas no agora para classificar os Processos Mentais de acordo com o desdobramento, são elas:

a) *atual*: significa uma duração ilimitada do desdobramento, sem demarcação de início ou fim do Processo. O Processo Mental presente opera com morfologia no presente do indicativo.

(21) Muita gente me **conhece** por Val...

b) *frequente*: refere-se a um desdobramento que se dá de forma descontinuada, mas ilimitada. Outrossim, não há aqui demarcação clara de seu início ou fim. Este tipo de desdobramento é, assim como o atual, realizado gramaticalmente pelo Processo Mental com morfologia no presente do indicativo. A diferença entre o *atual* e o *frequente* é que neste último existe a possibilidade de ser acrescentado uma circunstância que indique frequência. Veja que não é possível acrescentar uma circunstância de frequência no exemplo (22a), visto anteriormente, mas no excerto (23), é viável:

(22a) Muita gente me **conhece** por Val [sempre] ???

(23) Minha filha me **obedece**... [sempre], [todos os dias]

c) *simultâneo*: diz respeito a um desdobramento do Processo que se relaciona à natureza simultânea entre desdobramento temporal e o evento discursivo. Este é realizado na gramática por um grupo verbal, com um verbo auxiliar no presente do indicativo e o elemento dependente com a morfologia do gerúndio.

(24) O senhor **ta vendo** aquela farra ali?

Diante disto, o desdobramento simultâneo, realizado por verbo finito no presente do indicativo + gerúndio, se constitui como a única forma em português brasileiro de se colocar um evento no agora. Ainda que em algumas orações essas construções não represente exatamente o agora do evento discursivo, como por exemplo, no trecho abaixo, no qual a moradora não faz uma pergunta ao entrevistador e nem descreve uma ação que está acontecendo no momento da fala, ela constrói sua percepção de forma genérica:

(25) Você **tá sentindo** ele tocar em você...

Outra categoria para se fazer entender o funcionamento dos Processos Mentais trazida por Figueiredo (2011) é a Localização temporal, também em relação ao ‘agora’, tal qual o desdobramento temporal. Segundo Halliday e Matthiessen (1999) a localização temporal indica a forma como o processo “se relaciona ao ‘agora’” em termos de presente, passado ou futuro.

Dessa forma, se o Processo representar a experiência mental cuja criação se dá no presente, a escolha mais frequente é o presente-no-presente (verbo auxiliar no presente do indicativo + gerúndio), uma vez que essa criação tende a ser delimitada ao momento em que acontece. Ocorre o mesmo quando a representação é uma reação de um estímulo externo à consciência, uma vez que, em português brasileiro, a forma natural de se representar esta experiência é colocar a reação no mesmo tempo em que a estimulação acontece, que por sua vez coincide com o “agora” da interação. Neste caso, o presente-no-presente é a seleção para o desdobramento simultâneo, como no exemplo a seguir

(26) Eu **to achando** que esse tempo agora é melhor...

Em contrapartida, se o Processo é criado pela consciência do Experienciador em um tempo anterior ao momento de fala, ou seja, ao agora, então é provável que seja usado o presente simples. Nesse caso, o processo é recriado no agora, o que é muito comum em narrativas. Igualmente, quando a estimulação externa da consciência não acontece, mas é representada como uma generalização das ocorrências, então é empregado o presente simples. Por este motivo, o presente simples é o tempo escolhido pela gramática para realizar os desdobramentos temporais, atual e frequente (cf. FIGUEIREDO, 2011). No exemplo a seguir, o falante tinha uma ideia sobre o futebol anterior ao momento da entrevista e recriou-a no momento da interação.

(27) Eu **acho** bonito quem gosta... quem tem sua torcida...

O terceiro aspecto a ser destacado em relação aos processos é a direcionalidade. Este não tem a ver propriamente com questões temporais como o desdobramento e a localização temporal. Essa característica diz respeito à criação do processo, que pode ser pela própria

consciência do Experienciador, nesse caso dá-se o nome de *emanentes*, excerto (28). Por outro lado, o processamento consciente pode ser concebido como um ente externo impingindo o processo à consciência do Experienciador. Nesta situação, a direção não é “desde o Experienciador”, mas “até o Experienciador”, vinda de um Participante externo. Este tipo de oração é chamada *impingente*. (cf. FIGUEREDO, 2011)

(28) Eu **confio** na minha mulé...

(29) Deus se **agrada** quando a gente faz amizade com todo mundo...

Há casos, porém, em que a depender da perspectiva que se toma sobre um mesmo evento, este pode ser concebido tanto como emanente quanto impingente; ou seja, a complementariedade entre Processos Mentais pode ser bidirecional. Para Figueiredo (2011), apesar de outros tipos de Processo eventualmente apresentarem pares complementares, como por exemplo, o par material ‘bater / apanhar’, a bidirecionalidade só se verifica como uma opção sistêmica para os Processos Mentais. Neste ínterim, ele os distingue dos outros tipos de Processo. Os processos *gostar* e *agradar* são bidirecionais, vejamos os exemplos abaixo.

(30) As crianças **gostam** de juntar insetos

(31) Juntar inseto **agrada** às crianças

O (30) se configura como impingente porque a direção se estende até o experienciador, e não parte dela, como no exemplo (31).

2.3 FENÔMENO

Já tratamos do Experienciador e do Processo, com suas características temporais e semânticas. O outro elemento que fecha a configuração de uma oração mental é chamado de Fenômeno. Halliday e Matthiessen (2014) salientem que, diferentemente do Experienciador,

que é altamente restrito por se configurar como um participante consciente ou metaforicamente conscientizado, o papel do Fenômeno pode ser assumido por diversas categorias, podendo ser uma coisa, um ato ou um fato. Assim, este elemento pode ser de qualquer ordem de realidade – tanto material quanto semiótica. Dentro do Processo Mental, o Fenômeno é aquilo que é sentido, desejado, pensado ou percebido etc.

Como já vimos, o Fenômeno tanto pode operar como resultado de uma criação da consciência, tanto como pode configurar-se como pensamento que foi impingido na consciência. Ao contrário do Experienciador, cuja principal característica é ser +consciente, e, portanto restrito, o Fenômeno pode ser realizado por outros tipos de Entes, uma vez que entidades materiais e semióticas, concretas ou abstratas, podem tomar parte na consciência do Experienciador (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Justamente por essa liberdade, o conceito de coisas é estendido nas orações mentais e o Fenômeno pode atuar como Ato e como Fato, ao primeiro chamamos de Macrofenômeno, já ao último dá-se o nome de Metafenômeno. Projetar outras orações é uma característica dos Processos Mentais.

Halliday e Matthiessen (2014) salientam que o fenômeno que se apresenta como Macrofenômeno é realizado por Processos Mentais de percepção como *ver*, *ouvir*, e *perceber*. Isso faz com que o Macrofenômeno opere como estímulo a um material externo. Em nível léxico-gramatical, o ato é representado por uma oração não finita no infinitivo, no gerúndio e oração “que”. No exemplo adiante, o perceptivo *ouvir* realiza toda a oração infinitiva “dizer que houve assalto por aqui”:

(32) Nunca **ouvi** dizer que houve assalto por aqui

Se os Atos e os Macrofenômenos são construídos tipicamente por orações perceptivas, acontece diferente com os Fatos e os Metafenômenos que são construídos normalmente por orações emotivas e afetivas. Isso significa que o Metafenômeno possui natureza abstrata, e não é capaz de estimular a consciência do Experienciador materialmente, mas de forma emotiva. Fuzer e Cabral (2010) entendem o Fato como um Fenômeno semiótico dizendo que o mesmo é “uma proposição (ou às vezes uma proposta) construída como existente por si mesma no campo semiótico, sem ser trazido à existência de quem diz”. São representadas por orações finitas. Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que “um ato é um

fato que foi proposicionalizado – que veio a existência como um fenômeno semiótico”. No exemplo a seguir, o fato “uma coisa assim que não me agrado bem” estimula a consciência do falante de forma emotiva.

(33) Eu **sinto** uma coisa assim que eu não me agrado bem...

Os fenômenos dos outros dois tipos de Processo, cognitivo e desiderativo também têm características próprias apontadas por Figueredo (2011). Segundo o autor, os fenômenos desses processos se assemelham por projetar ideias. A diferença é que enquanto os cognitivos projetam pensamentos, os desiderativos espelham desejos.

2.4 OS QUATRO SUBTIPOS DE PROCESSOS MENTAIS

Apesar de já termos tratado dos tipos de Processos Mentais, fizemos isso de forma mais geral, por isso é necessário evidenciar características típicas de todos os seus subtipos. Os Processos Mentais são uma categoria muito particular, uma vez que se refere à experiência de nosso mundo interno. Porém, o ser humano é capaz de experienciar as mais diversas situações, sentimentos, desejos, percepções etc, então não é estranho que existam quatro tipos de Processos Mentais de naturezas distintas, que atendam aos propósitos comunicativos dos falantes no quais eles possam expressar seus sentimentos e suas vivências.

2.4.1 Processos Mentais Perceptivos

Esses Processos são construídos através das percepções dos fenômenos no mundo baseado nos cinco sentidos: visão, audição, gustação, olfato e tato. Isso significa que eles dependem de um ambiente material em torno do Experienciador para que sejam representados. Salienta-se também que por conta disso, o Fenômeno criado por esses processos são criadas em reação a algum impacto externo, configurando-se assim como Ato. Por essa razão, Figueiredo (2011) conclui que os Fenômenos desse tipo de Processo são

realizados por entes de natureza concreta. O desdobramento peculiar de tais processos é o simultâneo.

(34) O senhor **ta vendo** aquela farra ali?

Em relação ao tempo verbal característico em referencia ao ‘agora’, ou seja, ao momento de fala, o tempo verbal típico dos Processos Perceptivos é o presente-no-presente, porém também é possível construções com o presente do indicativo, como no exemplo (35), existindo a possibilidade de ser acrescentada uma circunstância de frequência.

(35) Eu **vejo** o comentário por aí... [sempre], [todos os dias]

2.4.2 Processos Mentais Cognitivos

Este tipo de oração não se refere propriamente aos sentidos sensoriais, mas representam o que é sentido, pensado e desejado na consciência. Uma das características, diferente dos processos perceptivos, é a possibilidade de o Fenômeno ser abstrato. Isso se explica porque o pensamento não possui existência material, apenas semiótica. Ainda sobre os Fenômenos, esse tipo de processo é caracterizado por ser capaz de criá-los, diferente das orações mentais com perceptivos, que têm como Fenômeno a reação a algo externo.

Figueiredo (2011) aponta que os processos cognitivos estão divididos em três grupos distintos em relação ao desdobramento temporal. (a) um grupo de Processos que se comporta de forma semelhante ao Processo ‘pensar’, (b) um grupo que se comporta como o Processo ‘saber’, e (c) um grupo semelhante ao Processo ‘sonhar’. O grupo ‘pensar’ se caracteriza semanticamente por ter a capacidade de criar um pensamento realmente novo (em oposição à reconstituição de um pensamento, como acontece com os outros dois subtipos). Por esta razão, seu desdobramento tende a ser simultâneo e o tempo peculiar é o presente-no-presente (36); em menor escala, este se desdobra como atual. Já o grupo ‘saber’ possui um significado mais geral, por este motivo seu desdobramento é atual (37). Por fim, o Tipo ‘sonhar’ tende a

se desdobrar como frequente (38). Estes dois últimos tipos se apresentam com o tempo verbal no presente simples por tratar-se de uma recriação de uma ideia. Vejamos os exemplos a seguir:

(36) Eu **to achando** que esse tempo agora é melhor

(37) Eles não **sabem** que eles estão ali por causa da gente...

(38) A gente tinha que **estudar** de noite... [sempre], [todos os dias]

Figueredo (2011) salienta que apesar dessas possibilidades, o presente simples é a opção mais comum entre os cognitivos.

2.4.3 Processos Mentais Emotivos

Podendo ser chamado também de processos afetivos, esses processos se caracterizam por expressar sentimentos e graus de afeição. Fenômenos do tipo abstrato são os mais presentes nesse tipo de processo. Assim, são processos que normalmente não reagem a elementos materiais externos, como acontece com os perceptivos, mas são estimulados por elementos abstratos pré-existentes, como exemplo adiante (39). Os Processos Emotivos, em geral, se encontram no desdobramento atual, e a escolha do tempo é o presente simples. Estes podem se desdobrar como simultâneo, mas apenas quando se dá destaque ao tempo quando o Processo acontece.

(39) Não **gosto** de covardia... não **gosto** desse negócio...

Uma característica que particulariza os Processos Emotivos dos demais é sua tendência a bidirecionalidade. Ou seja, uma grande parte destes possui para cada Processo emanente a contrapartida impingente. O leitor pode voltar aos exemplos (30) e (31) para visualizar esse caso.

2.4.4 Processos Mentais Desiderativos

Esses processos são responsáveis por externalizar vontades, desejos e interesse em relação a algo. Figueiredo (2011) aponta que tais processos atuam quase exclusivamente como atual e que o tempo verbal prototípico é o presente simples. O autor aponta também que como não há frequência no desejo, eles não podem se desdobrar como frequentes. Normalmente têm a propriedade de criar o Fenômeno que, na maioria das vezes, se apresenta de forma abstrata, através de orações hipotáticas subjuntivas.

(40) Ele não **quer** que você tire a vida de ninguém...

Figueiredo (2011) aponta que o conteúdo dos Processos Desiderativos são ideias baseadas em desejo e sempre hipotéticas. Por esta razão, podem ser realizadas por orações não finitas quando o Experienciador é o mesmo Participante da oração projetada, ou por uma oração ‘que’ quando estes são diferentes. Os Processos Desiderativos podem, também, ser divididos. O primeiro subtipo, Tipo ‘querer’, indica uma ideia que é realizada na gramática pela oração não finita tendo como Participante o mesmo elemento que é realizado pelo Experienciador; o segundo, indica uma ideia que se espera acontecer, o Tipo ‘esperar’ – realizada por uma oração ‘que’ e o grupo verbal com morfologia subjuntiva.

(41) A gente **quer** fazer as coisas e não pode...

(42) **Quero** que Jesus me abençoe até o final da minha vida...

Além do Fenômeno, os Processos Desiderativos podem também envolver um outro Participante, com a função de Beneficiário, que seria o recebedor do desejo ou dos votos, o que não é possível perceber com os outros subtipos de Processo Mental.

(43) Eu só **quero** que ele seja fiel comigo como eu sou com ele...

A seguir apresentamos um quadro com alguns exemplos de verbos/Processos Mentais.

Processos mentais	Verbos
Perceptivos	Cheirar, compreender, desconfiar, distinguir, entender, escutar, excitar, experimentar, magoar-se, melindrar-se, notar, olhar, ouvir, perceber, pressentir, provar, reparar, ressentir-se saborear, sentir, suspeitar, ver, vislumbrar
Cognitivos	Achar, acreditar, adivinhar, admirar-se, aguardar apreciar, avaliar, calcular, compreender, computar, conceber, confiar, confundir, conhecer, conjecturar, conservar (na memória) considerar, conspirar, contar com, convencer, crer, dar-se conta, descobrir, desconcertar, desconfiar, devanear, duvidar, entender, espantar-se, esperar, esquecer, estimar, fantasiar, fingir, hesitar, hipotetizar, identificar, imaginar, impressionar, inferir, intrigar, julgar, lembrar, levar em consideração, meditar, ocorrer (funcionando como lembrar), olvidar, pensar, perceber, preocupar-se, pressupor, presumir, pretender, prezar, rezear, reconhecer, recordar, refletir, saber, simular, sonhar, subentender, supor, surpreender, suspeitar, temer, tocar (sensibilizar)
Desiderativos	almejar, ansiar, aquiescer, aspirar, cobiçar, concordar, decidir, desejar, determinar, esperar, estabelecer, obedecer, opor, planejar, pretender, projetar, querer, recusar, refugar, rejeitar, repelir, resolver, sujeitar-se, tencionar, tentar, sonhar
Emotivos	abominar, aborrecer, admirar-se, adorar, afligir, agradar, alarmar, alegrar, alertar, amar, amedrontar, amotinar, animar, apoiar, apreciar, assustar, atormentar, cansar, cativar, chocar, confortar, deleitar, deliciar-se, deplorar, deprimir, desagradar, desejar, desfrutar, desprezar, detestar, distrair, divertir, empenhar-se, encantar, encorajar, enfadar, enfastiar, enfeitiçar, enlevar, enojar, entreter, entristecer, esforçar-se, esgotar-se, espantar-se, exultar, fantasiar, fascinar, fatigar, gostar, enlutar, hesitar, hipnotizar, incitar, indignar, inquietar, interessar, irritar, imaginar, lamentar, lastimar, maravilhar-se, melindrar, odiar, ofender, padecer, preocupar, prevenir, querer, rebelar-se, rezear, rechaçar, regozijar, repugnar, rejeitar, repelir, repudiar, repugnar, repulsar, revoltar, revolucionar,

sentir, sofrer, sublevar, surpreender, temer, tranquilizar
--

Quadro 3: Relação dos Processos Mentais em Português (Baseado em Halliday & Matthiessen, 2014 e Figueredo, 2011)

Nesta seção, o leitor pôde verificar detalhes da categoria que foi tomada como base para nossa análise. Vimos algumas propriedades dos Processos Mentais: a natureza dos participantes, suas formas de inserção na oração e a possibilidade de funcionamento dos mesmos; observamos também como os fenômenos são criados e como os subtipos vão apresentá-los; destacamos questões ligadas à temporalidade; além das características particulares de cada subtipo de Processo Mental.

Na próxima seção, o leitor conhecerá um pouco sobre a história de Tejucupapo, sobre os falantes envolvidos na pesquisa e sobre o percurso metodológico; este, por sua vez, envolve a discussão a respeito do que consideramos como identidade e o papel da entrevista em pesquisas envolvendo o tema.

3 TEJUCUPAPO, IDENTIDADE E ENTREVISTA: HISTÓRIA E METODOLOGIA

3.1 TEJUCUPAPO NA HISTÓRIA

A antiga povoação de São Lourenço de Tejucupapo, hoje chamada apenas de Tejucupapo, foi umas das áreas na qual se deu o começo processo de colonização no Brasil. Isso espelha o quão antiga é a comunidade, que compreende uma das mais tradicionais na formação do estado de Pernambuco. Atualmente, é um distrito que pertence ao município de Goiana, ficando localizado aproximadamente a 63 km de Recife. O período na qual Tejucupapo ganhou importância histórica e social foi durante o tempo de ocupação Holandesa em Pernambuco, de 1630 a 1654, sobretudo por conta da Batalha de Tejucupapo, onde a participação das mulheres foi o grande diferencial. Vamos perceber que apesar do grande salto temporal, a Tejucupapo de hoje precisa de atenção tanto quanto a Tejucupapo de 400 anos atrás.

Antes de falarmos propriamente da batalha e desse momento importante para Tejucupapo, temos que trilhar um caminho que nos faça entender porque tal embate aconteceu. O primeiro passo é entender o que levou, no século XVI, os holandeses a invadirem o Brasil. A Holanda foi uma grande financiadora da produção de cana-de-açúcar em terras brasileiras, sobretudo no Nordeste, a partir do século XVI. A Holanda, cansada das exigências impostas pela União Ibérica, decide promover, através da criação da Companhia das Índias Ocidentais (WIC), diversas invasões às colônias espanholas na América, dentre as quais estavam o Brasil. Essa ação acontece, justamente, em consequência da criação do embargo espanhol, essa medida era responsável por impor um bloqueio da Holanda com as colônias espanholas. Assim, a invasão acontece com o objetivo do estabelecimento do comércio de açúcar entre Brasil e Holanda. O primeiro destino invadido foi Salvador, em 1624, porém, com a ajuda de reforços da Espanha, já no ano seguinte, os holandeses são expulsos de terras soteropolitanas. Seis anos depois, ocorre a invasão a Pernambuco, dessa vez o tempo de permanência dos holandeses aqui foi de 24 anos.

Brandão (2004) aponta que a documentação sobre os anos de invasão dos flamengos a Pernambuco foi bastante documentada. E muitos desses registros são de autores contemporâneos das lutas entre holandeses e luso-brasileiros, como Manuel Calado, Brito

Freyre, De Laet, Barleus entre outros. Dentre as obras mais relevantes podemos citar “História dos Feitos Recentemente Praticados no Brasil sob o governo do ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau”, escrita por Gaspar Barleus, cuja primeira edição ocorreu em 1647. Tal livro foi ilustrado com gravuras de Franz Post e mapas feitos por Georg Marcgrave. Merecem destaque também outros dois escritos, o do já citado anteriormente Georg Marcgrave, *Historia Naturalis Brasili* e *De Medicina Brasilense* de Willem Piso, essas duas obras se detiveram em aspectos da natureza do Brasil.

Além dessa documentação escrita, houve, com a vinda do conde Mauricio de Nassau, a chegada de pintores, desenhistas, cartógrafos e cientistas. Estes foram os responsáveis por registrar visualmente aquele período, com seus habitantes, flora e fauna particulares. Nesse mesmo período, Recife sofre diversas transformações de ordem urbanística, tais mudanças arquitetônicas são atribuídas ao arquiteto Pieter Post, ainda que não haja registro de sua estadia no Brasil.

Perante os mais variados tipos de registros históricos, tanto bibliográficos como visuais, parece não ser compreensível o porquê da batalha de Tejucupapo, embate na qual as mulheres participaram pela primeira vez no Brasil de um conflito armado, não ocupar hoje um lugar de destaque nos nossos livros de história. Brandão (2004) explica isso através da importância e da relevância que foi dada aos líderes da Insurreição Pernambucana, movimento iniciado em 1645 que permitiu que os holandeses fossem expulsos do Brasil:

O estudo mais atento da “Insurreição Pernambucana” permite a exposição de duas narrativas históricas interligadas, sobrepostas: uma rica em detalhes, em documentação e registros de seus personagens; outra na qual imprimem-se situações e circunstâncias generalizadas, cujos personagens foram, parcial ou inteiramente, ignorados pelos documentos da época. (BRANDÃO, 2004, p. 21)

Isso nos mostra que, de um lado está a história das elites, dos senhores de engenhos e nobres portugueses, enquanto do outro lado estão trabalhadores urbanos, agricultores, negros e índios. Ligados ao primeiro grupo estão o senhor de engenho João Fernandes Vieira, vindo de uma família de nobres da ilha da Madeira e André Vidal de Negreiros, paraibano, militar e filho de senhor de engenho. Estes dois foram considerados os grandes líderes da expulsão definitiva dos holandeses do Brasil. Ganharam títulos, comendas, recompensa e o reconhecimento da Coroa de Portugal, além de nunca terem deixado o poder, comandando,

cada um, províncias no Nordeste. Não faltam documentações e registros dos feitos de Vieira e Negreiros. O mesmo não aconteceu com Felipe Camarão, índio que sempre lutava acompanhado de sua esposa, a também índia Clara Camarão, e Henrique Dias, considerados representantes da população de índios, negros e mestiços. Apesar de os relatos históricos comprovarem a importância que estes tiveram para a expulsão dos holandeses, suas biografias são falhas e não há sequer um retrato pintado deles. Se combatentes importantes como eles não tiveram o devido reconhecimento, fica fácil entender porque a batalha de Tejucupapo, luta que não envolveu o alto comando das forças lusas-brasileiras, não foi documentada ou sequer citada pelos relatos da época. Se não houve documentação, não é de estranhar que haja dúvidas em relação à data da batalha. 24 de abril de 1646 foi a data assinalada pelo Barão de Rio Branco, que acabou por influenciar outros autores que vieram a escrever sobre a batalha, como Octávio Pinto, no livro *Velhas Histórias de Goiana*. Mais de 370 anos depois, a história da elite ainda parece receber mais atenção, uma vez que Tejucupapo continua sendo uma área, apesar de não muito afastada da capital, pobre e sem muitas perspectivas para seus moradores, a menos que saiam para outras cidades em buscas de melhorias, como eles próprios afirmam nas entrevistas que compõem o *corpus* desta dissertação.

O Frei Manuel Calado foi o único historiador contemporâneo das invasões holandesas que comentou sobre o ocorrido em Tejucupapo. Como já era de se esperar, não houve grandes detalhes, Calado apenas mencionou o fato, sem citar nomes dos participantes da batalha, tanto da parte holandesa quanto da parte luso-brasileira. Os motivos que levaram os flamengos a invadirem Tejucupapo são resultados de um desespero e uma total falta de alimentos no Recife, isso porque uma das medidas da resistência luso-brasileira foi tomar o porto para que os navios carregados de mais homens e comidas não conseguissem alcançar seu destino. Encurralados, os holandeses tiveram que partir para a invasão, em busca de comida, de grandes produtores de alimento, como era Tejucupapo na época. Houve dois ataques ao distrito de Goiana antes do que ficou conhecido pela participação das mulheres. Cordeiro da Silva (2015 *apud* CALADO, 1985), assim nos conta sobre o primeiro ataque:

Ao ser notada a chegada dos holandeses a Tejucupapo, a povoação foi logo informada, e os seus moradores buscaram se defender. Prepararam um cercado de madeira; armaram-se com alguns mosquetes, pólvora, balas, chuços e lanças; recolheram as mulheres e as crianças; e puseram alguns homens armados com espingarda a andar pelos matos. As mulheres foram proibidas de chorar e se lamentar por conta da luta iminente.

Nesse primeiro embate, foram mortos mais de 23 soldados holandeses, que caíram numa armadilha composta por 30 homens. Com essa e outras baixas, os soldados decidiram se retirar. Há relatos de um segundo ataque, Brandão (2004) aponta que foram 30 lanchas conduzindo, aproximadamente, 250 homens. Dessa vez, os homens de Tejucupapo contaram com a ajuda das mulheres. Uma das mulheres, segurando a imagem de Cristo, fornecia água, morrão, pólvora e balas. Nessa ocasião, os holandeses conseguiram levar mais de 20 mil covas de mandioca, além de laranjas e limões. Ainda assim, os moradores de Tejucupapo resistiram e conseguiram guardar alimentos.

Em razão dessas primeiras tentativas fracassadas, foi organizada uma terceira investida. Para resistir a essa terceira tentativa, a participação das mulheres foi ainda mais relevante e decisiva, pois elas participaram diretamente da luta. Munidas com paus, dardos, chuços e lanças, elas, ao lado dos homens, enfrentaram os soldados holandeses. Percebendo-se definitivamente vencidos, os flamengos abandonaram Tejucupapo. Esse episódio deu às mulheres de Tejucupapo o título de heroínas. Essa história se perpetua até hoje através do “Teatro das Heroínas de Tejucupapo”, espetáculo encenado anualmente no lugar.

Se no passado a luta para guardar alimentos foi com os holandeses, hoje essa luta é com eles mesmos e a falta de opção para melhorar de vida. Ainda hoje, os homens e mulheres moradores de Tejucupapo travam diversas lutas para sobreviver e criar filhos e netos com o mínimo de decência. O trabalho pesado, que não tem o seu devido reconhecimento e pagamento merecidos, e a preocupação de manter-se afastado de práticas ilícitas são questões que se fazem presentes na vida dos tejucupapenses. Na subseção seguinte, destaco o que estamos entendendo por identidade e de como as entrevistas são utilizadas em trabalhos sobre esse tema.

3.2 IDENTIDADE E ENTREVISTA: A EMERGÊNCIA DE SIGNIFICADOS

Entender o que somos, como somos, porque somos e o que nos constitui são questões que vêm sendo discutidas desde a percepção do homem sobre si mesmo. Saber como o outro é constituído e, conseqüentemente, como nós nos constituímos, tem sido tarefa de diversos estudiosos das mais variadas áreas do conhecimento. Nesse ínterim, o termo identidade tem

sido usado indiscriminadamente em diversos trabalhos das mais variadas áreas de estudo e campos de atuação. A investigação da construção da identidade parece ser um tema que ganha cada vez mais adeptos e estudiosos, que o estudam através de diversas correntes teóricas e procedimentos metodológicos. Uma das formas encontradas para realizar esses estudos sobre identidade é através da realização e utilização de entrevistas, sobretudo através de gravação e posterior transcrição, como é o caso deste trabalho. Tal gênero, a entrevista, por muitos considerada um instrumento de investigação, está presente quase que em todos os trabalhos de campo que desejam se aprofundar neste tema da identidade. Seja entrevistando professores a fim de delinear sua identidade profissional, seja entrevistando pessoas que estão em situação de vulnerabilidade, a entrevista está bastante presente nos estudos identitários. É uma forma não apenas de tentar perceber uma realidade, mas também de dar voz e visibilidade a quem pode estar sendo, forçadamente, calado na sociedade.

3.3 ALGUMAS QUESTÕES SOBRE IDENTIDADE

Afirmamos, no título e no corpo do trabalho, que analisarei a construção da identidade dos moradores de Tejucupapo através da análise de orações com Processos Mentais. Mas o que é Identidade? E por que diversos trabalhos sobre tal tema são construídos com base em entrevistas? Tentaremos discutir, ainda que brevemente, tais questões. Apesar de haver caminhos diferentes, o que vem sendo indiscutivelmente levado em conta nos estudos sobre identidade é a relação entre linguagem e sociedade, uma vez que nossas realizações linguísticas se associam a processos históricos e sociais para atribuir sentido as coisas do mundo. Silva, Hall e Woodward (2000) defendem que a identidade adquire sentido através da linguagem e dos sistemas simbólicos.

Sendo assim, a ideia de identidade como algo especialmente individual, único e imutável, que parece estar sempre presente no sujeito em qualquer situação, vem sendo substituída por perspectivas que defendam a identidade como algo de caráter interacional, relacional e social, sendo entendida como identidades múltiplas e fragmentadas, que vão emergir de acordo com diversos fatores, mas sobretudo de acordo com a situação interacional.

Para compreender melhor o papel do sujeito nas diferentes concepções de identidade, Hall, Silva e Louro (2005) distinguem três noções através do tempo: sujeito iluminista, sujeito

sociológico e sujeito pós-moderno. O primeiro se refere a um indivíduo como ser uno e centrado, no qual sua essência permanecia sempre a mesma, desde o seu nascimento, e tal unidade acompanhava seu desenvolvimento. A identidade era vista como algo imutável e individualista no qual o sujeito carregava sempre consigo. O sujeito sociológico já é entendido ancorado em estudos mais contemporâneos e baseado numa perspectiva de interação, pois, aqui, já não existe a exclusiva centralidade no indivíduo, a identidade é produto da relação com as outras pessoas. A identidade seria dependente de fatores sociais e se adequava ao meio em que o indivíduo estivesse inserido, mas ainda era tomada como algo presente no indivíduo. Algo que o indivíduo levasse para onde quer que fosse. O que difere os dois primeiros sujeitos em relação ao terceiro é a presença de um núcleo interior ligado à identidade do indivíduo, já o sujeito pós-moderno não carrega consigo essa ideia de unidade, ele é fragmentado em várias identidades, tais identidades diferentes emergem em momentos diferentes, e além de fragmentadas e múltiplas, podem ser contraditórias.

Acentuando essa questão, Hall, Silva e Louro (2005) afirmam que “o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não-resolvidas”. Os autores ainda apontam que tal identidade torna-se uma “celebração móvel”, pois seria formada e transformada a todo momento em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Assim, ela é definida social e historicamente e não biologicamente.

Uma outra vertente nos estudos de identidade propõe que a mesma seja elaborada e construída discursivamente. Bastos e Oliveira (2006 *apud* MAGALHÃES, 2013) apontam que a construção da identidade é um ato performativo, onde sua realização se dá quando as pessoas se colocam e interagem nas mais diversas situações. É relevante mencionar que nessa perspectiva a constituição da identidade é um “processo negociado de exposição e de posições de interpretações sociais, afiliações, papéis, status e outras categorias sociais”.

Um autor cujo os estudos vão corroborar com essa noção de identidade é Moita Lopes (2002), pois se debruça sobre o estudo das identidades múltiplas que se encontram no discurso. Tal autor vai defender que a identidade emerge das práticas discursivas, configurando-se, dessa forma, como um construto de natureza social. Essa visão de identidade já não tem nada a ver com a noção que argumentamos a respeito de uma essência individual. Essa concepção que toma o discurso como força motriz para que as identidades se moldem e

erijam leva-nos a pensar que o sujeito se constitui no discurso e concomitantemente constitui sua identidade. Isso significa que o sujeito está sempre inacabado, diferente do pensamento de completude presente na perspectiva de sujeito iluminista, por exemplo. Somos quem somos e o que somos porque nos engajamos em determinadas práticas sociais e discursivas, as pessoas constroem e reconstroem suas identidades na interação em relação umas as outras.

Ao analisar um texto do escritor Michael Ignatieff, sobre o caos causado pela guerra na antiga Iugoslávia, Silva, Hall e Woodward (2000) apontam que a identidade é relacional. No texto, são construídas identidades servias e croatas, o autor defende que a identidade sérvia depende de algo fora dela: a identidade croata, de uma identidade que ela não é, mas que forneça as condições para que ela exista. Assim, a identidade é também marcada pela diferença. Tal diferença pode ser estabelecida por uma marcação simbólica. E para os autores essa diferença é sustentada pela exclusão: se você é uma coisa, você não pode ser outra. Mas essa afirmação parece problemática, na medida em que as identidades estão em constante transformação e as pessoas podem deixar de ser para tornar-se. Essa diferença faz parte do que os autores denominaram de sistemas classificatórios, um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la em ao menos dois grupos opostos.

Para explicar como podem se dar os processos simbólicos nesses sistemas, o autor cita Durkheim. Tal sociólogo, utilizando a religião como modelo de funcionamento dos processos simbólicos, mostra que as relações sociais são produzidas e reproduzidas por meio dos rituais e símbolos, classificando as coisas em sagradas e profanas. Mas não existiria nada inerentemente “sagrado”. Se alguns artefatos e ideias são considerados assim é porque são representados e simbolizados como tal. Assim, para Durkheim, se quisermos compreender os significados partilhados que caracterizam os diferentes aspectos da vida social, temos que examinar como eles são classificados simbolicamente. Seja lá qual for o sistema de classificação, Silva, Hall e Woodward (2000) afirmam que a marcação da diferença é o componente chave, pois “a diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições”.

Até agora, tratamos da identidade, primeiro, negando a existência de um viés biológico e centrado no indivíduo, para estudá-la como fenômeno que é construído e reconstruindo entre e com os sujeitos discursivamente na interação; em seguida, que a noção de identidade se baseia na diferença. A seguir, traremos uma classificação de Bucholtz e Hall

(2005), que, podemos assim dizer, resume de forma sistemática o que já apontamos. Tais autoras elaboram um quadro para análise do processo de construção da identidade, para isso estabeleceram cinco princípios:

a. Princípio da emergência: aponta, como em diversos outros estudos, que a identidade é um fenômeno social e cultural, emergente de interações linguísticas. Ou seja, corrobora com a perspectiva de que a identidade não é algo preexistente contida no sujeito, ela emerge, portanto, em alguma forma de discurso. Para as autoras, algumas questões podem não apenas se revelar na interação, mais do que isso, elas podem quebrar a expectativa e surpreender o falante em relação à identidade do seu interlocutor. Em boa parte dos estudos sobre identidades, a emergência se dá em entrevistas, e é nessa situação discursiva que os pesquisadores acreditam que haja a emergência e a afloração de traços da identidade de seus falantes.

b. Princípio da posicionalidade: desafia uma visão de grande circulação entre as ciências sociais que liga comportamento social a macro categorias identitárias, como idade, gênero e classe social. Significa que ser biologicamente de determinado sexo, pertencer a determinada classe social ou apresentar certa idade, não pode ser elemento crucial para enquadrar as pessoas em grupos e ligá-las a comportamentos e posturas identitárias preestabelecidas. As autoras defendem o trabalho dos etnógrafos, pois afirmam que muitas vezes os indivíduos se orientam para categorias identitárias locais, numa perspectiva micro. Tais categorias seriam, além de locais, transitórias e temporárias.

c. Princípio de indexicalidade: Bucholtz e Hall (2005) comentam que enquanto os dois primeiros princípios caracterizam o status ontológico de identidade, este terceiro está preocupado pelo mecanismo pela qual a identidade é construída na interação. As autoras citam formas de indexação, entre elas: a) menção explícita de categorias de identidade; b) implicaturas e pressuposições em relação a posições identitárias do *self* e dos outros; c) orientações avaliativas e epistêmicas durante a fala e papéis assumidos pelos falantes na interação; d) o uso de estruturas linguísticas e sistemas que são ideologicamente associadas com pessoas e grupos específicos.

d. Princípio da relacionalidade: este quarto princípio aponta que as identidades não são autônomas ou independentes, elas na verdade, mantêm uma relação com outras posições identitárias e outros atores sociais. Tais relações que se dão em complementaridade umas as

outras são chamadas de técnicas de intersubjetividade e se estabelecem através de três processos: i. adequação / distinção; ii. autenticação / desnaturalização e iii. autorização / deslegitimação. O primeiro processo se refere aos meios pelos quais os falantes constroem similaridade e diferença, a adequação se baseia na supressão das diferenças, enquanto a distinção realiza o movimento contrário e omite as semelhanças; o segundo processo diz respeito aos modos como os falantes constroem genuinidade e artificialidade, a autenticação é o processo através pelo qual a identidade é verificada discursivamente, ganhando status de verdade e genuína; já a artificialidade, que é construída pelo processo de desnaturalização, refere-se a uma produção intencional de uma identidade artificial; o último processo diz respeito às maneiras através das quais os sujeitos constroem autoridade e ilegitimação, a autorização leva em conta a afirmação ou imposição de uma identidade através de estruturas institucionalizadas de poder/ideologia, podendo ser locais ou translocais, já a ilegitimação relaciona-se ao modo como as identidades são censuradas ou ignoradas por estruturas de poder/ ideologia.

e) Princípio da parcialidade: o último princípio apresenta outras categorias e propõe que a construção da identidade pode ser em parte i) deliberada e intencional; ii) habitual e por isso menos consciente; iii) um resultado de uma negociação e contestação interacional; iv) um resultado da percepção e representação dos outros; e v) um efeito de amplos processos ideológicos e estruturas materiais que podem se tornar relevantes para a interação. Com isso, fica claro que o processo de construção identitária está em constante transformação, ele é fluido e adaptável.

Esses princípios ora apresentados serão vistos de forma mais clara através dos exemplos e da nossa seção de análise mais adiante.

3.4 A ENTREVISTA COMO PRODUTORA DE IDENTIDADES

Se no bojo de muitos novos estudos, é adotada uma concepção discursiva de identidade que emerge de uma interação e que é considerada em sua multiplicidade, essa noção baseada no discurso nem sempre acontece com a entrevista, pois não é tão comum vermos uma noção de entrevista que vá além do que se encontra nos manuais de pesquisa qualitativa, por exemplo, que a entende com um instrumento e uma ferramenta para uma

determinada coleta de dados, sendo o conteúdo da entrevista, muitas vezes, tomado como verdade.

Com as noções de identidades que foram apresentadas anteriormente, não é difícil imaginar porque a entrevista tem sido utilizada em trabalhos sobre identidade. Com algumas ressalvas, a entrevista se constitui um gênero primordialmente interativo. Isso se for individual, porque se for realizada através de um grupo focal, a interação é mais aparente ainda, e desperta outros aspectos.

Nesta seção, vamos trazer algumas definições de entrevista, sobretudo as realizadas em pesquisas do meio acadêmico. Primeiro, cabe salientar que essa noção de entrevista como mero instrumento de coleta de informações e opiniões, negligencia a possibilidade de subgêneros que podem coexistir nesse gênero maior, até porque existem diversos tipos de entrevistas que atendem aos mais variados interesses. Mas, o nosso foco de interesse são as entrevistas em contexto de pesquisa acadêmica, sobretudo as que se realizam por conta de um trabalho sobre identidade.

Em um estudo sobre entrevistas e suas concepções, Rocha e Daher (2004) mostram o que dizem algumas obras de metodologia da pesquisa em ciências humanas e sociais. A entrevista é, por vezes, entendida como uma ferramenta para coleta de informações, na qual uma pessoa será a provedora do conteúdo, conteúdo esse que terá status de verdade. As informações coletadas nessa interação são tomadas como verídicas. A entrevista, desse modo, funcionaria como fonte de acesso a informações sobre determinado tema. É nítida a ligação desse entendimento de entrevista com o chamado sujeito iluminista postulado por Hall, Silva e Louro (2005), a fonte do saber e a identidade estão presentes no indivíduo, silenciando, dessa forma, outros aspectos da entrevista, como a multiplicidade de vozes que o indivíduo entrevistado pode evocar, como afirmam Rocha e Daher (2004). O entrevistador seria o responsável por fazer com que o sujeito revelasse a verdade que estava oculta. Esse entendimento do indivíduo como fonte do saber, e por sua vez, dotado de características individuais se liga à visão essencialista de identidade, como apontam Hall, Silva e Louro (2005), na qual o sujeito carrega consigo características que não se alterariam ao longo do tempo.

Apesar dessa noção que toma como plena verdade o discurso do entrevistado ser bastante difundida, já há autores, como Pinheiro (2000), apontam Rocha e Daher (2004), que entendem que o entrevistado apresenta uma versão dos acontecimentos, não a verdade

absoluta. Assim, podemos entender a entrevista como um momento de construção de possíveis realidades, que podem ser, e certamente são, mudadas de acordo com situação e o contexto em que se deu o contato entre entrevistador e entrevistado. Corroborando essa perspectiva discursiva da entrevista, Gaskell (2013) afirma que a entrevista fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. Tal autor segue seu pensamento, alegando que o objetivo da entrevista é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos dos indivíduos em contextos sociais particulares. Interação e contexto são palavras que permeiam os estudos de quem enxerga a entrevista de forma discursiva e não como ferramenta para obtenção de dados fidedignos. Ainda segundo Gaskell (2013)

Toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação e um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideias e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. (GASKELL, 2013, p. 73)

Rocha (2004) aponta que o resultado dessa interação que se dá na entrevista é um texto, texto esse coproduzido pelos participantes da situação. Mas é bem provável que o pesquisador/entrevistador tenha que fazer um recorte desse texto para usar a parte que lhe convir. Assim, o que vemos em determinado trabalho sobre identidade que utilizou entrevistas, além de não se tratar da verdade absoluta, ainda é proveniente de um recorte feito pelo pesquisador, que o fez baseado em seus objetivos. Assim, o pesquisador, dependendo do seu propósito, pode dar ênfase a algumas vozes que emirjam durante essa interação e silenciar outras.

Vale salientar que nem sempre as entrevistas são usadas para trabalhos cujo objetivo seja a investigação de identidades. É comum acontecer de o material obtido através da entrevista tornar-se um banco de dados para pesquisas de cunho linguístico, no qual o conteúdo não seja fator tão relevante. O pesquisador que decide usar a entrevista tem que saber o motivo pelo qual está fazendo isso, e o que espera com essa utilização. Caso contrário, a entrevista será, primeiramente, mal elaborada e mal guiada, e em segundo lugar, mal aproveitada e mal analisada. É claro que um material bem coletado pode ser explorado com os mais diversos propósitos. Ou seja, um mesmo *corpus* pode ser útil tanto em trabalhos com o

objetivo de explorar questões mais pontuais da língua, como em pesquisas que tenha por objetivo analisar a identidade.

Até agora falamos da entrevista no contexto acadêmico, podendo dar a entender que a mesma se configure e se estruture sempre do mesmo modo. Não procede, pois a literatura sobre entrevistas e pesquisas qualitativas aponta que há diversos tipos de entrevistas que podem atender a objetivos diferentes e serem mais ou menos recomendadas de acordo com o propósito do estudo.

Uma das entrevistas mais populares, que está sendo amplamente utilizada em trabalhos nas áreas de ciências humanas e sociais, é a entrevista narrativa. Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de narrativa, elas estão em todos os lugares e se encontram em uma variedade enorme. A entrevista narrativa propõe uma situação na qual o entrevistado seja levado a contar uma história marcante da sua vida e de seu contexto social. O grande diferencial desse tipo entrevista é a liberdade de o entrevistado comandar a situação interativa, destacando não apenas passagens de sua história de vida que mais acha relevante, mas também detalhes dessas histórias que considera primordial que o entrevistador saiba. Hall, Silva e Louro (2005) afirmam que a redescoberta do passado, e podemos dizer que esse ato pode se dar através da entrevista narrativa, é parte do processo de construção da identidade que emerge na interação. O que é suscitado pelo entrevistado, reflete os resíduos ou as memórias de conversas passadas, é a sua construção pessoal do passado (GASKELL, 2013).

É bem importante destacar que diversos fatores vão fazer com que determinada identidade seja mais ou menos marcada nessa interação, a começar pela relação entre entrevistado e entrevistador. Se este último não se sente vontade a ponto de narrar sua história, o texto que emerge dessa interação pode não ser satisfatório se o propósito é investigar o processo de construção da identidade. Lembrando que a situação de ter um dia e um horário marcado para falar de determinado assunto com uma pessoa que não é do seu convívio, pode não ser uma condição muito natural e não muito agradável para o entrevistado. O entrevistador também precisa ter sensibilidade para saber como guiar a entrevista e superar esses e outros obstáculos. Nessas e em outras situações interativas, algumas identidades do entrevistado podem se sobrepor a outras. E o que é que pode fazer com que isso aconteça? O entrevistador, o lugar, o tema da entrevista, a necessidade do entrevistado de transparecer determinada identidade? O inverso também acontece, algumas identidades podem ser

minimizadas e silenciadas. Se isso é possível, seria a entrevista uma metodologia realmente eficaz para analisar a construção da identidade? Mas de que identidade está sendo falado? Como vimos discutindo, o sujeito é constituído por múltiplas identidades, ele poderia maximizar umas e minimizar outras, mas ainda sim, aquelas identidades emergiriam de uma forma ou de outra. Saliento que esse movimento de sobrepor algumas identidades e silenciar outras não é exclusivo da entrevista, em qualquer outro tipo de interação na qual nos engajemos isso pode acontecer.

Uma questão que se coloca é: quantas entrevistas são necessárias para que um trabalho sobre determinada identidade, como a identidade docente, por exemplo, seja válido? A identidade de uma classe ou uma categoria social precisa de quantas pessoas para ser validada em uma pesquisa? Gaskell (2013) afirma que as versões da realidade não podem ser tantas e tão diferentes a ponto de suscitar um número elevado de entrevistas. Um outro aspecto é em relação a transcrição das entrevistas, o pesquisador pode demorar muito nessa etapa do estudo e isso pode comprometer o resultado final. Além do mais, esse momento de transcrição leva o entrevistador a escutar toda a entrevista, fazendo com que coisas as quais ele não tinha percebido durante a interação, ganhem significado.

3.5 O PERCURSO METODOLÓGICO

Nesta seção, discorreremos a respeito da trajetória metodológica do trabalho, desde a obtenção, a organização e o recorte do *corpus* até sua análise. Esta é pesquisa de natureza qualitativa, o que não significa que questões quantitativas sejam totalmente ignoradas. Optamos por esse caminho por acreditarmos que é nesse tipo de pesquisa que os dados são interpretados, problematizados e colocados em discussão de acordo com perspectivas teóricas que embasem tais discussões. Bauer (2013) aponta que os objetivos de pesquisas qualitativas estão relacionados

as maneiras como as pessoas se relacionam com os objetos no seu mundo vivencial, sua relação sujeito-objeto, é observada através de conceitos tais como opiniões, atitudes, sentimentos, explicações, estereótipos, crenças, identidades, ideologias, discurso, cosmovisões, hábitos e práticas. (BAUER, 2013, p. 57)

Dessa forma, o *corpus* que serviu de base para tal pesquisa é composto por dez relatos/entrevistas com moradores de Tejucupapo. Cabe salientar que os relatos estão gravados sob forma de áudio e foram obtidos e organizados por Cordeiro da Silva (2015) para a realização de sua tese de doutorado, intitulada “Um estudo da construção complexa com cláusula completiva no português popular de Tejucupapo – PE”. Por enxergar o potencial e a riqueza do material coletado por Cordeiro da Silva, e, acima de tudo, perceber a necessidade de dar uma atenção especial àquele povo, este trabalho ganha propósito. Esse tipo de entrevista, baseado nos relatos e experiências dos entrevistados, tem sido bastante utilizado como metodologia de pesquisas qualitativas. No quadro abaixo, o leitor pode verificar detalhes de cada falante e de sua entrevista:

FALANTE	SEXO	DURAÇÃO DA ENTREVISTA
A.P.S.	Masculino	1h39min
S.B.	Feminino	1h32min
E.P.S.	Masculino	2h18min
E.S.B.	Masculino	1h30min
J.T.O.	Masculino	1h32min
M.G.	Feminino	1h28min
M.C.	Feminino	1h35min
M.B.L.	Feminino	1h57min
R.M.C	Feminino	3h12min
S.F.C.	Feminino	1h43min

Quadro 04: Informações sobre os falantes e as entrevistas

A escolha por um material já coletado está ligada a questões metodológicas do trabalho, uma vez que se levarmos em conta que a identidade emerge das interações, concepção que está sendo adotada neste trabalho, essa interação precisa ser a mais natural

possível. Assim os dados coletados por Cordeiro da Silva são fruto de diversas visitas a Tejucupapo e de muitas conversas, para que houvesse uma aproximação, com os moradores antes das gravações propriamente ditas. Desse modo, quando começou o trabalho de gravação, ele já não era um completo estranho para os participantes. Ou seja, eles se sentiram à vontade para falar suas histórias de vida, isso pode ser comprovado pelo fato de todas as gravações terem mais de 1 hora e 30 min de duração, algumas passando de 2 horas, e uma com mais de 3 horas. A tentativa de coletar um material próprio poderia demandar um tempo muito maior do que é disponível para a realização desta dissertação. Além da possibilidade de as entrevistas realizadas não serem tão proveitosas, uma vez que, por falta tempo, as interações poderiam não ser tão naturais. Com isso, concordamos com Biasoli-Alves e Dias da Silva (1992) quando elas salientam que a partilha de dados é uma opção válida porque outros pesquisadores podem enxergar diversas possibilidades e perspectivas de estudo no material partilhado.

Os participantes são todos analfabetos e maiores de trinta e cinco anos de idade. Foram entrevistados seis mulheres e quatro homens, totalizando dez entrevistas. Os relatos foram sobre temas livres, o que fez com que eles se sentissem mais à vontade nos seus dizeres. Entre os temas estavam: as mudanças sofridas por Tejucupapo, educação, violência, família, trabalho etc. Pela variedade de temas abordados, podemos perceber traços distintos das identidades dos mesmos. A gravação das entrevistas se deu na casa nos próprios entrevistados, depois de várias abordagens entre o pesquisador e os moradores.

- TRATAMENTO DOS DADOS

Por se tratar de trabalho com seres humanos, o projeto desta dissertação foi submetido ao Comitê de Ética (UFPE) para que fosse aprovado e que as entrevistas sob forma de áudio pudessem ser disponibilizadas para esta pesquisa. Com o *corpus* em mãos, num primeiro momento, as entrevistas foram ouvidas atentamente para que pudesse ser feito o levantamento das orações com Processos Mentais. Cada áudio, ou seja, cada entrevista foi ouvida pelo menos três vezes. Dessa forma, para prosseguir com o levantamento, utilizamos um arquivo docx para cada áudio e, assim, que identificamos o Processo Mental, o mesmo era registrado e ao seu lado era colocado o minuto da entrevista em que aparecia. Por exemplo:

Entrevista 1 - Processos Mentais

06:00min – Ele *conhece* nossas atitudes....

07:25min – Eu *sei* que ela pode trabalhar...

Significa que havia uma ocorrência do Processo *conhecer*, aproximadamente, no sexto minuto de entrevista, e outra com o processo *saber* em 07:25. Prosseguimos dessa forma para poder voltar às gravações, quando preciso fosse, de forma mais rápida e minuciosa. Após essa etapa, voltamos às entrevistas e essas marcações se transformaram em orações transcritas com porções textuais maiores, para isso contamos com a ajuda do software Transcriber, que permite uma maior manipulação e gerenciamento dos dados. Primeiramente, cada entrevista foi transcrita separadamente totalizando dez arquivos em .docx como já foi mencionado. Em seguida, todas as orações com Processos Mentais foram colocadas em um único arquivo .docx, que totalizou 30 páginas, para que a seleção das orações que iam ser inseridas no corpo da dissertação fossem encontradas mais facilmente, além de termos uma visão geral dos dados. Com todos os Processos Mentais registrados, foram criados quatro novos arquivos .docx e os mesmos foram divididos e inseridos nesses novos documentos de acordo com a classificação dos quatro tipos de Processos Mentais, no intuito de facilitar ainda mais sua identificação e seu funcionamento. Foram criados, então, os arquivos: Processos_Cognitivos.docx; Processos_Perceptivos.docx; Processos_Emotivos.docx; e Processos_Desiderativos.docx.

Dessa forma, a análise foi guiada justamente pelas orações com Processos Mentais e seus subtipos, além, é claro, de observamos seus participantes, Experienciador e Fenômeno. Para verificarmos o número de ocorrências de cada subtipo, utilizamos o programa Wordsmith Tools, o mesmo apresenta como uma de suas funções, a contagem de palavras de cada arquivo. Assim, fizemos a contagem dos quatro arquivos referentes a cada subtipo separadamente e chegamos a um número aproximado de ocorrências de cada um, que serão apresentados na próxima seção. Apresentamos a seguir um breve resumo, para lembrar ao leitor, dos subtipos de Processos Mentais os quais já mencionamos anteriormente. De acordo com Halliday e Matthiessen (2014, p. 256), os Processos Mentais se dividem em:

- Perceptivos: Diz respeito às percepções dos fenômenos baseados nos cinco sentidos (visão, olfato, gustação, audição e tato) Ex: cheirar, entender, escutar, perceber, provar, sentir, ver etc;
- Cognitivos: Trazem o que é sentido, pensado ou desejado à consciência da pessoa. Ex: achar, compreender, confiar, conhecer, crer, pensar, saber etc;
- Desiderativos: Exprime desejo, vontade ou interesse em algo. Ex: almejar, aspirar, concordar, desejar, pretender, querer etc;
- Emotivos: Também chamados de afetivos, expressam graus de afeição. Ex: adorar, agradecer, amar, detestar, gostar, sofrer, temer etc.

A análise foi feita focalizando as orações de cada um desses quatro tipos de Processos e suas implicações para a construção da identidade dos moradores de tal lugar. Cada um dos quatro tipos de processos correspondeu a uma subseção do trabalho. Tentamos perceber valores, crenças, opiniões, posicionamentos, emoções, tudo que possa delinear a identidade dos tejudupapenses. Além da divisão dos Processos Mentais, eles ainda puderam ser analisados de acordo com a sua gradabilidade, que normalmente ocorrem com verbos de afeição (*gostar – amar – adorar*). Assim, podemos ser capazes de verificar o grau de afeição e ligação do morador dependendo do Fenômeno, ou seja, do que foi falado. Conceitos ligados a estudos sobre identidade também serão postos na análise, tais como os princípios formulados por Bucholtz e Hall (2005).

Esse caminho metodológico que, por sua vez, foi também analítico, e que fora realizado neste trabalho, se ajustou aos nossos objetivos de analisar como os tejudupapenses constroem suas identidades. Acreditamos que antes de adotar determinada metodologia em uma pesquisa, precisamos conhecer a fundo o *corpus* com o qual se está trabalhando, sob pena de não conseguir evidenciar os objetivos, a qualidade e a importância do trabalho.

As representações que tais moradores fazem deles mesmos e de seus próximos → as representações da comunidade e dos moradores onde vivem → as representações do mundo tendo em vista mudanças comportamentais, sociais, políticas e econômicas. Todas essas questões vão permear a seção seguinte e as subseções relativas a cada um dos subtipos de processo.

Essas representações vão estar salientes através dos mais diversos temas (trabalho, educação, família, televisão, violência etc) que emergiram das entrevistas. Como partimos do princípio que os sujeitos se constituem de múltiplas identidades, é provável que essas diferenças identitárias apareçam em diversos momentos da análise. E é justamente na junção de diferenças e semelhanças que tentaremos delinear as identidades de tais moradores.

É com esse tipo de pesquisa, de natureza qualitativa, mas que, vale ressaltar, também vista em seus aspectos quantitativos, e baseada propriamente em discursos concretos, que é extraída uma interpretação ancorada no conteúdo do *corpus*. Essa interpretação será alicerçada nos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional, como já venho mencionando no decorrer deste texto, em Bucholtz e Hall (2005), com questões relativas à identidade e, também, Figueredo (2011), que traz especificidades dos Processos Mentais. Entendemos que essas teorias, propostas para explicar os mais diversos fenômenos da linguagem, nos permitem fazer uma investigação satisfatória dos dados, e assim, chegar ao objetivo almejado. A análise foi feita baseada nos objetivos propostos no início deste trabalho, que tinha no seu bojo os Processos Mentais advindos da LSF, as ideias relativas a questões identitárias complementaram o estudo.

4 CONSTRUINDO IDENTIDADES

Nesta seção, vamos apresentar os resultados da investigação de como os moradores de Tejucupapo revelam traços de suas identidades, através de orações com Processos Mentais, juntamente com os participantes e as circunstâncias destas. Dessa forma, serão justapostas noções, vistas anteriormente, ligadas a questões de construção de Identidade, como semelhança, diferença, indexicalidade e relacionalidade, com as peculiaridades dos Processos Mentais, tais como expressar valores, crenças e sentimentos.

Nas seções anteriores, discorreremos justamente sobre algumas particularidades dos Processos Mentais e sobre noções presentes em estudos a respeito da Identidade, para poder uni-las nesta seção dedicada à análise. Aqui, vamos, através de tais Processos, identificar e tentar explicar as identidades que são apresentadas pelos moradores de Tejucupapo ao longo das entrevistas que constituem o nosso *corpus*. Desde já, deixamos claro que neste estudo, sobretudo nestas seções de análise, apoiamo-nos em um recorte conteudístico em relação aos dados, e, por conseguinte, em relação à Tejucupapo e seus moradores. Esse recorte se deu na medida em que escolhemos tratar dos temas mais recorrentes, ainda que muitas fossem as pautas levantadas nas entrevistas. Dessa forma, não esperamos que tal pesquisa dê conta de todos os pormenores e vicissitudes dos tejucupapenses e do lugar onde vivem, apenas que ao final deste estudo, possamos compreender traços de suas identidades com mais propriedade.

Para que o leitor tenha uma visão mais específica e detalhada, toda a análise foi dividida em cinco subseções dentro desta seção maior. Nesta primeira subseção, apresentaremos características gerais encontradas em nossos dados. Vamos expor o que emergiu das entrevistas e que acreditamos ser relevante para o nosso objetivo de investigar as identidades construídas pelos tejucupapenses. Dessarte, serão apresentados, mais adiante: a) os subtipos de Processos Mentais - emotivo, cognitivo, desiderativo e perceptivos - mais frequentes, assim como os Processos Mentais mais recorrentes de cada subtipo; b) os experienciadores com maior frequência e como eles se apresentam nos dados; e c) os temas e assuntos mais suscitados no decorrer das entrevistas.

Essa primeira apresentação mais global dos dados já salienta aspectos relevantes que serão discutidos de forma mais acurada nas próximas subseções, além de informar ao leitor as

etapas de análise das subseções seguintes. Toda a análise será baseada nesses três macro-pontos, como bem mostra a imagem a seguir.

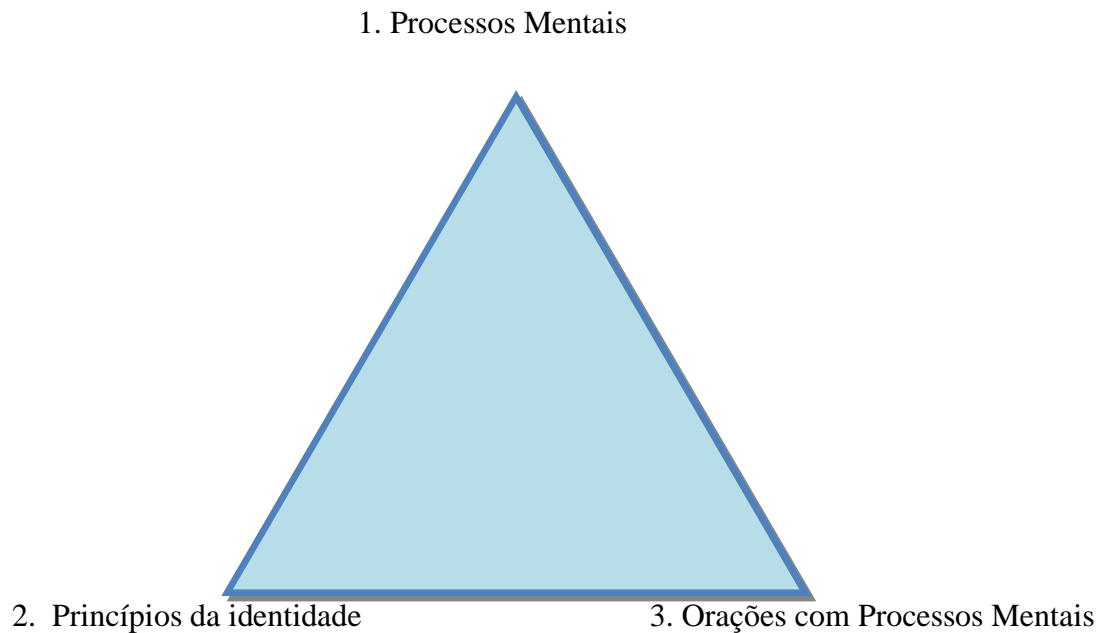


Figura 4: Triangulação da análise

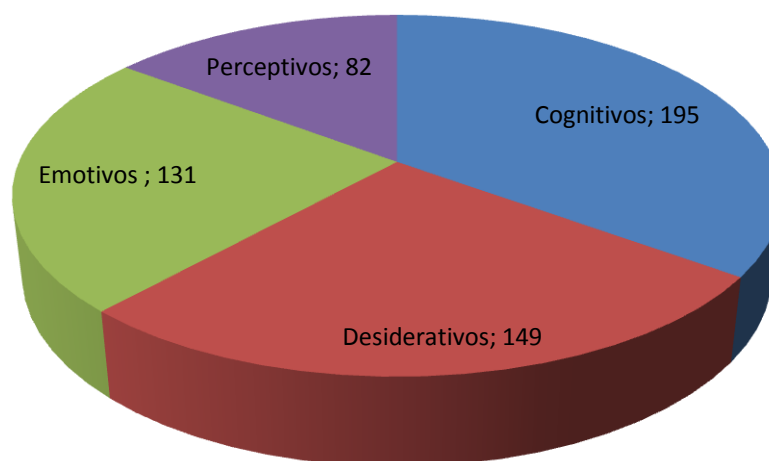
Esses três pontos nos guiaram nas análises, na medida em que os pontos 1 e 2 foram utilizados como instrumento para análise da ponta 3. E os 3 pontos compõem toda a análise. Enquanto os Processos Mentais foram apresentados de forma mais detalhada na seção 2, na seção 3 o leitor pode conhecer a respeito dos Princípios da Identidade. Nas próximas subseções, a união entre esses pontos ficará saliente e nos permitirá compreender aspectos da identidade dos tejudupapenses.

Porém, antes de começarmos a análise baseada nesse cruzamento dos dados, vamos apresentar, de acordo com a triangulação acima, o que se apresentou de forma mais recorrente nas entrevistas.

4.1 UMA VISÃO PANORÂMICA: OS PROCESSOS MENTAIS E SEUS SUBTIPOS

Como já informado, a base de análise dos dados são os Processos Mentais e, conseqüentemente, sua classificação em subtipos. Assim, é fundamental assinalar quais subtipos e quais processos se apresentaram com maior recorrência no *corpus*, porque esse fato já pode sinalizar aspectos constitutivos da identidade dos moradores de Tejucupapo. Uma vez que eles constroem seus dizeres com determinados Processos, já realizaram escolhas lexicais dentro de um leque de possibilidades da língua. A seguir, o gráfico 1, apresenta os subtipos de Processos Mentais juntamente com o número de ocorrências aproximadas⁴ de cada um.

Gráfico 1: Ocorrências dos subtipos de Processos Mentais



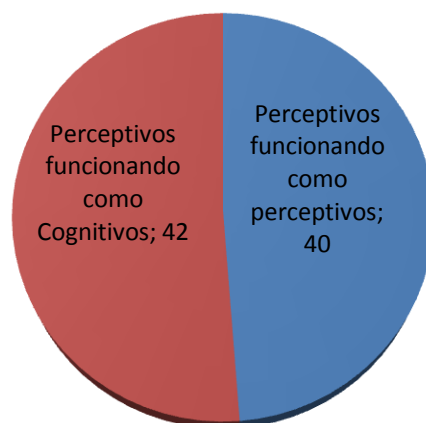
O gráfico acima demonstra a evidente diversidade dos subtipos de Processos Mentais que ocorreram nas entrevistas e, embora a quantidade de Processos Cognitivos apareça com um número consideravelmente maior, as ocorrências dos demais subtipos também se mostraram bastante expressivas e equilibradas. O leitor pode se perguntar o que faz com que os Processos Mentais do tipo Cognitivo se apresentem com mais de o dobro das ocorrências

⁴ Salientamos que tais números são aproximados devido à limitação do programa wordsmith em realizar a contagem de vocábulos.

dos Perceptivos, por exemplo. Uma primeira explicação advém da própria natureza de ambos os processos. Enquanto os cognitivos são usados para representar ideias, pensamentos e sensações da consciência do falante de uma forma mais ampla, os perceptivos estão ligados aos sentidos sensoriais, sendo assim, seu contexto de utilização é bem mais restrito, aparecendo, frequentemente, como resposta a um estímulo material externo. Esses Processos Perceptivos apareceram basicamente em dois contextos de utilização: o primeiro funcionando realmente como perceptivo surgido através de algum estímulo material durante a realização das entrevistas, ou estímulos que aconteceram num momento anterior e que foram reportados no momento da entrevista; já no segundo caso, os perceptivos funcionaram na verdade como cognitivos, ampliando ainda mais o número de ocorrências destes.

Essa possibilidade de acepções diferentes de um mesmo processo evidencia o caráter polissêmico da língua e as múltiplas alternativas que o falante tem para construir seu discurso. Uma característica comum a ambos os processos reside nos seus experienciadores, que normalmente é o próprio entrevistado, ainda que esse papel tenha sido assumido, algumas vezes, por outros seres. O gráfico a seguir apresenta o número de ocorrências no qual processos perceptivos funcionaram como cognitivos. Nesse caso, quando falamos em perceptivos, estamos discorrendo sobre o processo *ver*.

Gráfico 2: Funcionamento dos Processos Perceptivos



O gráfico (2) nos informa que 42 processos, classificados primariamente como perceptivos, se mostraram como cognitivos em nosso *corpus*. Ou seja, não estavam se referindo ao sentido da visão propriamente, estimulado, por exemplo, durante a realização da entrevista ou num momento anterior. O leitor terá mais detalhe a respeito desse funcionamento na seção destinada aos perceptivos.

Os desiderativos e os emotivos completam o quarteto dos subtipos de Processos Mentais. Diferentemente dos dois primeiros dos quais acabamos de tratar, estes se diferenciam por se apresentarem no texto, de forma expressiva, referindo-se a um experienciador que não é o entrevistado de qual parte o discurso. No caso dos desiderativos, além de falar sobre seus desejos e anseios, os falantes mencionavam também os quereres de outros experienciadores; desses casos trataremos, de forma mais detalhada, na última subseção. O mesmo acontece com os Processos Mentais Emotivos, apesar de haver predominância de o experienciador como sendo o próprio falante, ocorria do entrevistado discorrer sobre sentimentos que não era dele, de seus familiares e até de entidades religiosas como Deus e Jesus.

Na tabela a seguir, o leitor pode verificar, de forma mais detalhada, a distribuição dos dez Processos Mentais de acordo com o número de ocorrências.

Tabela 01: Processos Mentais mais frequentes

Processo	Número de ocorrências
Querer	149
Gostar	111
Saber	96
Ver	69
Achar	54
Sofrer	19
Estudar	19

Conhecer	14
Pensar	11
Olhar	7

O Processo *querer*, como pode se ver, foi o mais recorrente em nosso *corpus*, a ele se seguem *gostar* e *saber*. O que pode explicar o Processo Desiderativo *querer* aparecer com tamanha expressividade nas entrevistas? Sabemos que tal processo demonstra desejo e vontade em relação a algo, mas não apenas o que é desejado pelo falante se coloca em suas narrativas, vontades de outros experienciadores, que não eles, aparecem de forma recorrente nos seus textos. Dessa forma, *querer* foi o processo no qual seu experienciador se deu de forma mais diversificada, podendo ser o próprio falante, algum parente, alguma instituição ou até mesmo uma entidade religiosa como Jesus e Deus, como já mencionamos anteriormente. O próprio gênero, entrevista narrativa, propicia o aparecimento de outros personagens, que por sua vez, se comportam como experienciadores. Esse mesmo aspecto, ainda que com menor frequência, ocorre no processo *gostar*, segundo na nossa tabela. Falar de seus gostos e de suas preferências é quase que obrigatório quando se está falando da própria vida. Chama a atenção a utilização de construções negativas com o Processo *gostar*, caso que vamos explorar na subseção seguinte. Aqui, gostaríamos de ressaltar que nesses dois processos, os indivíduos parecem não só expor o que há na sua consciência, como tentar trazer o que está na consciência de alguma outra pessoa que funciona como experienciador.

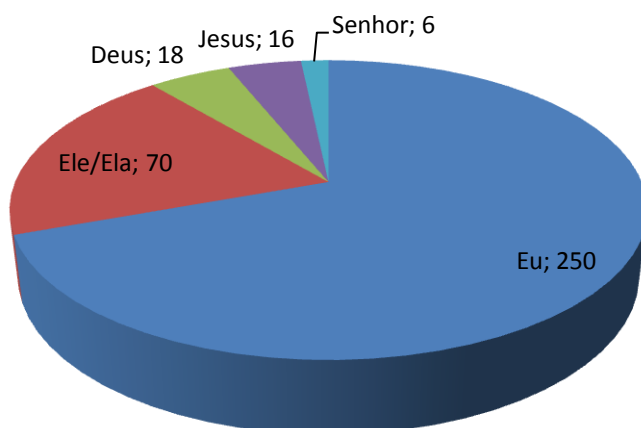
A respeito do processo *saber*, constatamos que o mesmo ocorre em dois tipos de construções diferentes, mas não excludentes, funcionando como *saber cognitivo* e como *saber material*. O primeiro refere-se a um conteúdo informacional da consciência do próprio falante, ou seja, ele sabe ou não daquilo a respeito do que se fala, é um saber (des) conhecer; já o segundo tipo de saber diz respeito a um saber habilidade, o falante é capaz de realizar ou não aquilo o qual associa ao verbo saber. Esse fenômeno que verificamos em nossos dados não é exatamente novo nos estudos linguísticos, essa informação é válida para o nosso trabalho na medida em que conseguimos perceber os experienciadores que, normalmente, vêm atrelados a cada um desses tipos do processo *saber*. No caso do saber cognitivo, o

experienciador é, geralmente, o próprio falante, o próprio entrevistado. Isso, obviamente, não exclui a possibilidade de o falante ser experienciador e aparecer no tipo material do processo saber. Porém, no material, vimos com frequência que o falante nos informa a respeito do saber habilidade de outros experienciadores: seu cônjuge, seu filho, neto etc.

Pode acontecer de um processo estar classificado em uma das categorias de subtipo, mas também poder funcionar como se pertencesse a outro grupo de subtipo. É isso que acontece com o processo *ver* em nosso *corpus*, tal processo pertence aos Processos Perceptivos, pois diz respeito à utilização de um dos cinco sentidos sensoriais, mas em suas ocorrências, também pode ser interpretado como Processo Cognitivo, uma vez que este Processo pode funcionar na verdade como perceber, mas não um perceber sensorial, é um perceber cognitivo. Dessa forma, há passagens no qual *ver* foi utilizado como *entender* ou *compreender*. Foi-se da visão à compreensão: *Eu vejo assim* > *Eu entendo assim* > *Eu compreendo assim*.

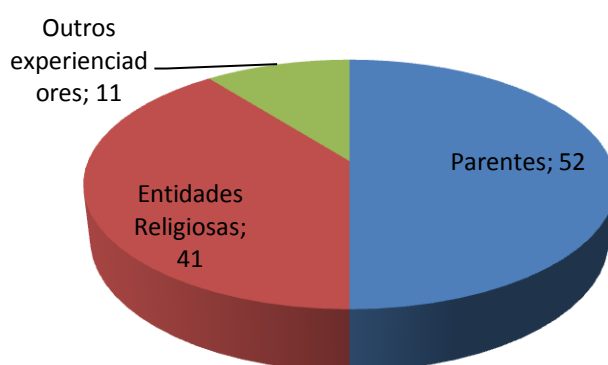
Em relação aos experienciadores, como era de se esperar, o próprio falante, instanciado pelo pronome Eu, representa a grande maioria das ocorrências de experienciadores do *corpus*. Uma característica que vale ser ressaltada é a não omissão do pronome de 1ª pessoa gramatical *eu*, uma vez que é muito comum que a marcação de primeira pessoa aconteça apenas pela desinência verbal. Aparentemente, os falantes fizeram questão de reforçar seu dizer e seu ponto de vista com o uso desse pronome. O gráfico (3) a seguir apresenta os experienciadores de acordo com seu número de ocorrências.

Gráfico 3: Experienciadores mais frequentes



Como visto antes, o pronome de 3ª pessoa do singular *ele/ela* ocupa o segundo lugar, e assim como o de 1ª pessoa faz referência ao falante, a 3ª pessoa faz referência a alguém citado pelo falante. Os experienciadores que mais ocuparam o papel intercambiável com o pronome *ele* podem ser vistos no gráfico que se segue:

Gráfico 4: A quem se refere a 3ª pessoa *ele/ela*



No gráfico 3, vimos que 70 referências feitas a experienciadores, foram realizadas com o pronome *ele/ela*. No gráfico 4, demonstramos quem são os experienciadores retratados por nossos falantes quando usam esses pronomes: a) em primeiro lugar, falam bastante de seus parentes e familiares: filhos, pais, netos, afilhados, sobrinhos, esposas, maridos etc; b) ocupando um percentual expressivo, temos Deus e Jesus que colocamos juntos pois os mesmos também não os diferenciam, falam de Deus e Jesus, por vezes, como um só; c) com poucas aparições estão outras pessoas do convívio deles, como: vizinhos, chefes e compradores de peixe. Os dois gráficos relativos aos experienciadores revelam a ligação de tais moradores com sua família e com sua religiosidade, por vezes, apontam tão certos os gostos e vontades de Deus que o fazem parecer um membro de suas famílias.

O terceiro aspecto sobre o qual seguirá nossa análise diz respeito aos temas e assuntos que foram trazidos e levantados nas entrevistas. Julgamos que a partir do momento que o falante traz um tema para a entrevista ou acha que é importante desenvolvê-lo quando solicitado pelo entrevistador, ele aponta os caminhos e os pontos que o interessam e, assim, apresenta-nos uma face de sua identidade. A partir de um comando inicial, no qual o

entrevistado tinha que falar sobre sua infância e como era Tejucupapo naquele período, os temas que surgiam eram colocados porque havia uma necessidade ou do entrevistador ou do entrevistado de serem discutidos. E quando o entrevistador parecia não querer discorrer sobre tal assunto, o mesmo conduziu a conversa para outro tema. Desse modo, tudo que fora levantado nas entrevistas, era o que parecia ser significativo para os falantes.

Na tabela (2), abaixo, é possível ver a frequência de algumas palavras que estiveram presentes em orações com Processos Mentais. Dadas as recorrências desses termos, acreditamos que eles sintetizam os assuntos que foram tratados no *corpus*. Já salientamos que muitos foram os temas tratados nas entrevistas, sendo, dessa forma, impossível expor todos eles aqui. Tentamos enquadrar as palavras da tabela a seguir num determinado assunto que se mostrou expressivo. Vejamos, adiante, a tabela com algumas palavras e sua recorrência:

Tabela 2: As palavras recorrentes nos dados

Palavra	Número de ocorrências
Deus	33
Filho/Filha/Filhos/Filhas	32
Jesus	28
Trabalhar (e seus cognatos)	25
Maré	22
Casa	22
Vida	13

Tema que aparece com bastante recorrência diz respeito à religiosidade dessas pessoas. Independentemente da religião, eles têm fé. E fazem questão de mostrar como isso conduz suas ações e suas vidas. Deus e Jesus mostraram-se bastante expressivos, sobretudo porque muitas vezes funcionaram como experienciador. Como não há em Tejucupapo muitas

possibilidades de emprego, trabalhar na maré acaba sendo a primeira, e às vezes única, opção para homens e mulheres de tal lugar. Dessa forma, é impossível para eles não falarem da atividade que lhes dá sustento e sobrevivência. Trabalhar na maré é uma espécie de identificação profissional dessas pessoas. Este ofício os singulariza. Outra pauta significativa dizia respeito ao ambiente familiar, incluindo, nesse tema, além das falas sobre seus filhos, o discurso que simboliza o apego a suas casas.

Nessa seção, apresentados os dados de maneira mais geral, como se estivéssemos vendo por cima, panoramicamente, nas seções seguintes, daremos *zoom* ao que foi visto aqui, além de apresentar ao leitor informações mais específicas e detalhadas sobre como os tejudupapenses constroem e rechaçam identidades. Cada uma das seções seguintes terá como base um tipo de Processo Mental, começamos com o processo *emotivo*, depois partimos para os *perceptivos*, em seguida os *cognitivos* e finalizamos com os *desiderativos*.

4.2 A IDENTIDADE PELA NEGAÇÃO VERBAL NO PROCESSO *GOSTAR*

O processo *gostar* foi o mais recorrente entre os *emotivos*, e por isso nossa escolha para começar a análise, uma vez que através da utilização de tais processos, os tejudupapenses dizem muito a respeito de quem são. Verificamos que os falantes do nosso *corpus* utilizam o Processo Mental *gostar* para a construção de duas macroidentidades diferentes. A primeira, eles o fazem com o processo *gostar* através de uma construção negativa; já na segunda é utilizado em orações afirmativas. Para a criação dessas macroidentidades, eles vão se utilizar do que Bucholtz & Hall (2005) nomeiam de distinção e adequação, um dos princípios elaborados pelas autoras que mencionamos na seção 3, quando tratamos da identidade e suas nuances. Este princípio diz respeito à marcação da identidade pela semelhança/diferença e pela relacionalidade. Nessa criação, as identidades podem se alinhar ou se afastar das posições às quais se relacionam. Para as autoras, uma posição identitária é sempre estabelecida em relação a outras posições. Entretanto, esses dois mecanismos de construção de identidade, com e sem a negação associada ao processo *gostar*, se alinham para o fortalecimento de apenas uma identidade. Trataremos melhor disso mais a diante. Ainda vamos mencionar

identidades periféricas que não se referem ao gosto da maioria, mas sim de alguns falantes especificamente, mas que de uma forma ou de outra se vinculam com a construção identitária global dos moradores de Tejucupapo.

Na primeira parte desta subseção, tratamos das orações nas quais esse processo está acompanhado por uma palavra que lhe indica negação, normalmente o advérbio *não*. Ora, quando se nega algo se está marcando sua posição sobre o que está sendo dito em relação a outras posições, sujeitos, valores etc. Significa que a negação, ao mesmo tempo em que diferencia, também é capaz de relacionar posicionamentos. Uma posição sempre se estabelece em relação a outras posições, que podem corroborar-se ou negar-se, ou seja, podem encontrar semelhanças ou diferenças entre si. Logo, se os Processos Mentais do tipo emotivos expressam sentimentos e graus de afeição, a negação desses processos é possível porque existem posições, sobretudo de outras pessoas, que diferentemente de quem nega, se coloca positivamente em relação a estes determinados sentimentos e graus de afeição. Dessa forma, podemos dizer que a negação verbal, associada a um Processo Mental, é responsável, em nosso *corpus*, pela (re)afirmação e pela negação de identidades. Vejamos os exemplos a seguir nos quais os moradores discorrem sobre suas preferências a respeito de carnaval e festas em geral, através de orações negativas.

(44) Já gostei muito (carnaval) hoje eu **não gosto** mais... não dá pra mim... não tenho mais perna pra essas coisas mais não... eu **não to gostando** de carnaval, chego muito cansada da maré... não tenho mais perna...

(45) Carnaval eu **não gosto não**... sou sincero a dizer... eu **não gosto** de Carnaval, quem quiser dá valor... dá... por mim se carnaval terminasse era uma grande coisa...

(46) Carnaval eu também **não gosto não**... mas também não sou contra quem gosta...

Vamos perceber que podemos encontrar similitudes entre os gostos e preferências desses moradores. Isso significa que essas construções não refletem um gosto específico de determinado morador, eles partilham das mesmas predileções. Nos três exemplos um mesmo *gosto* é negado, no (44) para deixar claro que sua posição é, também, em relação ao ‘agora’, o

falante emprega o presente-no-presente, apontado por Figueredo (2011) como a localização temporal que se liga ao momento da interação. Outro aspecto desse exemplo, reside na ideia de transitoriedade mencionada por Bucholtz e Hall (2005), quando as autoras discorrem sobre o princípio da posicionalidade. O falante diz que já gostou de carnaval, hoje já não gosta mais. Ou seja, as posições identitárias percebidas através desses gostos são transitórias. Nos excertos (45) e (46), os tejudupapenses corroboram com a ideia do (44). Dessa forma, podemos dizer que tais semelhanças entre as preferências dos tejudupapenses contribuem e se adequam para a construção de um perfil identitário, assim como as diferenças também o fazem. Nos excertos que se seguem, vemos outra nuance associada ao processo *gostar* e à negação, uma certa reclusão dos tejudupapenses.

(47) Antes de ser evangélico... eu **nunca gostei** de festa... eu nunca **gostei** de problema nenhum... toda a vida eu fui uma pessoa resguardada...

(48) O que eu **não gosto** mesmo de brincadeira é o tal do carnaval... **gosto não**... pra eu dizer assim “vou fechar minha porta pra ir pra festa... vou não” eu **não gosto** de festa...

Essa identidade, que apresenta os moradores como pessoas mais reclusas, se constrói não apenas individualmente, na qual a mesma moradora diz que não gosto de carnaval, e logo em seguida, amplia afirmando que não gosto de festa, no exemplo (48). A gradação, nesse caso, aconteceu não pelo processo, mas sim pelo fenômeno: *carnaval* > *festa*. Tal identidade se constrói coletivamente também quando o morador menciona não gostar de festa e que sempre foi uma pessoa resguardada, exemplo (47). Isso nos mostra que essa característica relacionada à reclusão e a um certo isolamento, em menor ou maior escala, de uma forma mais ou menos sutil, está sempre presente nos discursos dessas pessoas. Ainda podemos dar exemplos dessa característica nos trechos a seguir:

(49) Eu **não gosto** da casa de ninguém... **nunca** na minha vida eu **gostei**... desde de pequenininha... meu negócio é trabalho... eu **gosto** de trabalhar...

(50) Eu **nunca gostei** de ir na casa de ninguém... eu vou assim... às vezes Miriam me chama... mas pra eu gostar eu **não gosto não**...

(51) Eu tinha um negocinho (bar) aqui e acabei porque eu **não gosto** de violência.. Eu **não gosto** de violência... Nunca **gostei** de confusão com ninguém... já morei em várias casas... ninguém tem o que dizer de mim

No exemplo (49), ao mesmo tempo em que a falante corrobora um perfil que vem sendo (des)construído, ela o contrapõe com uma outra identidade: a trabalhadora⁵. Uma questão que se coloca advinda desses primeiros exemplos é o porquê dessa característica mais caseira dessas pessoas. O que explica esse *gosto*, ou esse *não gosto*, que eles expressam em suas falas. Primeiro: a faixa etária média dos nossos falantes é entre 40 e 90 anos, o que faz com que já não tenham mais tanta disposição para festividades, como eles mesmo relatam; segundo: em alguns casos, sua religiosidade, quando se trata, sobretudo, dos evangélicos, não os aconselham a participarem de festividades, como o carnaval, por exemplo, que foi bastante citado nas narrações; terceiro: o trabalho é responsável por tomar-lhes quase todo tempo e ânimo. Assim, investir tempo, disposição e dedicação em algo que não terá retorno financeiro, parece não ser prioridade entre eles. Os excertos (50) e (51) ajudam na construção dessa identidade pacata na qual eles vêm desenvolvendo ao mesmo tempo em que negam uma identidade mais agitada. Afirmarem que não gostam de confusão e violência parece ser um caminho natural e que não surpreende, uma vez que eles não gostam de qualquer tipo de agitação ou de algo que os façam sair de suas rotinas.

Toda essa construção mais reclusa, familiar e caseira, aliada com uma identidade guerreira e trabalhadora que eles constroem e apresentam de si mesmo, serve para contrapor e distingui-los de determinada identidade festiva, e até fútil, que eles parecem criar em relação a quem gosta de carnaval e festas. Dessa maneira, eles utilizaram justamente o Processo *gostar*, agora sem a negativa, para traçar uma identidade de adequação em relação ao gosto pelo

⁵ Mais adiante iremos discorrer sobre a identidade profissional dessas pessoas e de como elas fazem questão de exaltar o gosto pelo seu ofício.

trabalho, mostrando, dessa maneira, a importância de uma atividade para seu sustento e de seus parentes.

Através da negação verbal associada ao Processo *gostar*, os falantes se opõem a determinadas identidades e marcam diferenças em relação a elas, num movimento de distinção dessas identidades para se adequar a identidade que lhes parece ser a deles. Com isso, eles nos apresentam duas identidades as quais afirmam pertencer a uma delas e rechaçar a outra. Veja que a identidade festiva se deu como contraponto a uma outra identidade cuja apresentação ocorreu também através do processo *gostar*: a identidade que os categorizam como trabalhadores natos, construídas agora não mais pela negação.

Além desse macro posicionamento no qual podemos delinear a negação de determinada identidade, a utilização de construções negativas ainda nos apresenta outras características que, de uma forma geral, mostraram-se relevantes de serem ditas pelos falantes. Pequenas informações reveladas por eles ao longo de suas narrativas corroboram com esse perfil ora delineado. Observemos os trechos a seguir:

(52) Eu uso telefone... mas **gosto** de tá falando **não**... eu **não gosto não**... se eu ligar pra você é pra perguntar isso e isso e pronto... pra que tanta conversa... eu não ligo pra ninguém pra conversar... se eu quero falar com minha filha eu falo pessoalmente...

(53) Come todo mundo e sobra... porque a gente não é miserável não.. Deus **não gosta** de ninguém que viva mendigando por que nunca vi um justo sequer mendigar um pão...

Nas construções acima, com o processo *gostar* junto com uma negação, os moradores apontam para questões identitárias que podem ser entendidas como parte do estilo de vida que se leva em Tejucupapo. No exemplo (52), o morador relewa sua preferência por conversas olho no olho, expondo sua antipatia pelo uso do telefone, já no fragmento (53), a moradora, evangélica, ao apontar as preferências de Deus, se coloca ao lado de tal entidade comungando delas e de suas ideias. Deus funciona como uma autoridade que legitima seu discurso e seu posicionamento.

Afirmamos no início desta subseção que a utilização do Processo *gostar* nos permitiu visualizar duas macroposturas identitárias através das preferências dos falantes; a primeira, como já foi mostrada, dizia respeito à paciência, construída através da negação de festas, carnaval, rua, casa dos outros, violência etc; já a segunda, que por sua vez estabelece ligação direta com a primeira, se refere à identidade profissional e ao apreço dessas pessoas por aquilo que lhe dá sustento. Observemos os exemplos apresentados a seguir:

(54) eu trabalhava também... que eu sempre **gostei** de trabalhar... pra ganhar meu dinheirinho...

(55) Eu **gosto** de trabalhar... **gosto** de ter minhas coisinhas... comprar minhas coisinhas... por pobre... mas graças a deus **gosto** de ter minha geladeira dentro de casa... de ter minha freezer... me esforço e compro...

Os dois fragmentos citados, (54) e (55), são de duas moradoras que colocam o trabalho como principal forma de independência. Elas não são provenientes de famílias ricas ou que possam lhe assegurar algum tipo de ajuda ou benefício, dessa forma, as mesmas sabem que para suprir necessidades básicas, precisam exercer alguma atividade, e transformam a necessidade de trabalhar em algo gratificante, recompensador e que lhes proporcionam o que elas querem sem precisar recorrer a familiares. Tentam fazer do trabalho algo prazeroso, aprendendo a gostar do que fazem.

É bem verdade que os tejudupapenses apresentam o trabalho como algo necessário ao qual eles têm apreço. Mas uma atividade em especial ganha destaque tanto entre os homens quanto entre as mulheres daquele lugar: o trabalho na maré. A pesca é uma das principais formas de trabalho e obtenção de renda em Tejudupapo, já foi o principal, mas hoje, com a facilidade da procura de emprego em outras cidades e com o surgimento de diversas empresas, é uma escolha menos frequente. Até porque os próprios moradores apontam o quão pesado é esse trabalho. Nos excertos que se seguem, o leitor pode ter uma noção do lugar que o trabalho na maré ocupa na vida dessas pessoas.

(56) se não for um vizinho de lado pra emprestar um pouco de açúcar... ia morrer.. é por isso que maré não tem futuro... Eu **gosto** de trabalhar na maré... mas **sabendo** que não tem futuro...

- (57) é por isso que eu digo que trabalho na maré não tem futuro... **Gosto** de trabalhar na maré... mas sou mais trabalhador rural...
- (58) DOC: Você disse que mesmo com todo trabalha pesado... gostava de trabalhar na maré...
INF: Eu **gostava não**... eu **gosto**... **gosto** de trabalhar na maré
- (59) INF: Eu me aposentando eu não vou abandonar minha maré... Não abandono minha maré não... vou uma dia... dois... eu **gosto** da maré...
DOC - Mas você num falou que o serviço é pesado...
INF - É pesado... meu filho... mas é porque a gente... a gente **gosta**...
- (60) a maré é bom demais... até hoje eu ainda acho bom... to ainda fichado mas eu tenho saudade de trabalhar na minha maré... Eu **gosto** de trabalhar na maré... a gente acha o que vender... o que comer... é bom por isso...
- (61) **Gostava**... trabalhava muito na maré... há muitos anos que eu deixei de ir pra maré... Eu **gostava** de pescar... hoje em dia não posso mais nada...

Todos os exemplos apresentados acima deixam claro o quanto tais moradores estimam e consideram seu trabalho, ainda que reconheçam que não é uma atividade fácil, e que não achem justo o retorno financeiro que recebem por ele. Entre os falantes, há aqueles que ainda trabalham e os que já deixaram de trabalhar na maré, mas todos se referem a esse ofício com muito respeito, afeição e gratidão. Esse gosto construído pelo trabalho na maré pode ser explicado devido a pouca oferta de emprego e a falta de possibilidade de ocupar-se de outras profissões em Tejucupapo. Ainda que diversas fábricas existam na cidade, eles contam que as pessoas que, normalmente, trabalham em tais empresas não são moradores de Tejucupapo. Caso o morador não seja dono de um estabelecimento ou trabalha na área rural, o único e mais recorrente caminho é o trabalho na maré, no qual os pais ensinam aos seus filhos desde pequenos. Ainda que não queiram esse futuro para eles, essa parece ser a alternativa mais viável. O gosto de trabalhar na maré ainda se sobrepõe à desvalorização do trabalho, pois o

que eles pescam, vendem a um valor x , já o comprador, normalmente revende por quase o dobro.

Pesado, sem futuro, pouco valorizado... é assim que o trabalho na maré é classificado por eles mesmos, mas eles afirmam gostar, uma vez que é isso que os tornam independentes e lhe permitem sua sobrevivência. Aparentemente é um afeto que, embora construído pela necessidade, hoje já faz parte deles e se apresenta como natural. Mesmo construído, tal gosto de solidifica, podemos ver isso no exemplo (59) na qual a moradora justamente através de um Processo Mental afirma que “não abandonaria a maré”. Não abandonar a maré significa não abandonar seu trabalho e não abandonar Tejucupapo. Afirmar que gosta já tem um grande peso, agora afirmar que não abandona evidencia um grau de afeição ainda maior.

E ainda no exemplo (59), o falante responde ao entrevistador com um “a gente gosta (da maré)”. Ele se autoriza a falar por todos os moradores que exercem a pescaria e o faz porque acredita que todos os demais pescadores que trabalham na maré pensam da mesma forma. Eles não têm muita escolha se decidem continuar vivendo em Tejucupapo, embora, também, não possamos chamar isso de escolha, uma vez que sair, sem qualquer suporte financeiro, do seu lugar de origem para tentar a vida em outra cidade, por exemplo, pode não ser uma questão de escolha.

As duas posturas identitárias que estamos desenvolvendo nesta seção se ligam a dois princípios de formas de vidas coletivas encarnados no tipo aventureiro e trabalhador apontado por Sérgio Buarque de Holanda, na sua obra *Raízes do Brasil*. Para o autor, no primeiro o ideal é colher o fruto sem plantar árvore, ou seja, o ponto de chegada assume uma importância tão grande que podem chegar a serem dispensados todos os processos intermediários. Os esforços dirigidos a uma recompensa imediata são aprovados pelos aventureiros. Agora, falando sobre o tipo trabalhador, o autor nos diz que

enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo de proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo. [...] Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro - audácia, imprevidência, *irresponsabilidade*, instabilidade, *vagabundagem* - tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo. (HOLANDA, 1995, p. 44)

Com essa classificação que trazemos acima, não estamos categorizando de forma rígida e inflexível os tejudcupapenses como trabalhadores, até porque o próprio autor afirma que esses tipos não existem em estado puro no mundo real, eles simplesmente nos ajudam a entender o homem na sociedade. E embora possa, de fato, parecer que o tipo trabalhador se liga ao povo de Tejudcupapo, sabemos que as identidades são transitórias e estão em constante mudança. O autor ainda completa que os trabalhadores se debruçam sobre coisas que visem à estabilidade, à paz e à segurança pessoal (HOLANDA, 1995, p.44). Ao que parece, esses são os objetivos de vida das pessoas que foram entrevistadas para esta pesquisa.

Um fato curioso presente nos relatos dos tejudcupapenses é a utilização da palavra *maré* para se referir ao trabalho deles. Em seu dicionário, Ferreira (2009) define o vocábulo *maré* como movimento periódico das águas do mar, pela qual elas se elevam ou se abaixam em relação a uma referência fixa no solo. O autor ainda dá outras contextos de utilização da palavra. Porém, para os nossos falantes, o termo *maré* é o mesmo que trabalho; *maré*, num movimento indexical, quer dizer trabalho. Por isso, quando o morador diz no exemplo (59) que não abandona e que gosta da *maré*, está dizendo, na verdade, que gosta de trabalhar na *maré*. A suspensão do processo material *trabalhar* se explica uma vez que, para eles, falar da *maré* é falar, diretamente, de trabalho, logo, citar ou não tal processo não muda o sentido do seu dizer. O uso de estruturas linguísticas, como *maré*, podem ser ideologicamente associados a pessoas e grupos específicos, no caso deles, associado a sua própria classe de trabalhadores e sua atividade.

As preferências acabam se alinhando, prova disso é o que pode ser conferido nos exemplos a seguir, os quais dizem respeito à predileção dos tejudcupapenses por assistir televisão. Tal veículo ainda é um meio de entretenimento e informação bastante popular no mundo todo, porém, atualmente, ele divide espaço com a internet e com canais de TV a cabo que, por sua vez, disponibilizam conteúdos diferentes como canais exclusivos de séries e filmes. Quase não há referência à internet no *corpus*, significa que eles ainda estão fixados na televisão, essencialmente naquela que oferece conteúdo gratuito. Eles parecem não ter opção para outras diversões. Não é exatamente um gosto escolhido, é um gosto forçado, uma vez que assistir televisão parece ser uma das poucas opções, talvez a única, para quem não dispõe de tempo (e não gosta) de sair, para quem não tem dinheiro, pois o que ganha é para suprir necessidades básicas; para quem, em alguns casos, não tem mais disposição; para a falta de opções de lazer que circunda Tejudcupapo; e por fim, para quem não teve chances de

experimentar outras formas de entretenimento. Percebemos que o gostar do trabalho, de que falamos anteriormente, é um gostar com mais convicção, que faz mais sentido para eles e do qual os mesmos exaltam e se orgulham, embora tanto gostar de televisão quanto gostar do trabalho na maré parecem opções de quem não teve outras alternativas. Nos fragmentos abaixo, trazemos passagens as quais podemos observar o que eles falam a respeito da televisão.

(62) eu disse a mulher... eu não sei nem como é... eu vejo pela televisão que é meio cinzentada... eu assisto o programa de cardinot... que eu **gosto** muito de assistir aquele programa de cardinot que passa de meio dia... mas eu nunca vi não...

(63) **Gosto** de assistir televisão... **gosto**... tenho logo três aqui... eu assisto novela... eu assisto cardinot... Só não gosto de jogo... gosto de jogo não... desenho de boneco eu **gosto** de assistir... to fazendo nada e fico lá sentado assistindo

(64) INF: Eu assisto programa evangélico... **gosto** de escutar meu jornal... eu **gosto** de assistir

DOC: A senhora assiste novela?

INF : não

DOC: E filme?

INF: Também não

(65) Novela eu não gosto muito não que eu critico muito.... **gosto** de televisão... **gosto**... mas só tem três coisas que eu **gosto** de assistir... negócio de repórter... jogo e cidade alerta

Como visualizamos, os gostos e preferências dos tejudupapenses se relacionam e dessa maneira podemos perceber semelhanças entre essas pessoas. É nítida a importância que eles atribuem a programas jornalísticos, através dos quatro excertos supracitados, de (62) a (65), eles apresentam suas predileções por telejornais, e em dois fragmentos, (64) e (65), rejeitam telenovelas. Diante do exposto, podemos presumir que eles se tendem a se interessar muito mais pela realidade e por aspectos concretos da vida do que por determinados tipos de arte. Talvez porque nunca tiveram contato com literatura, cinema etc

Foram construídos, como acompanhamos nesta seção, através do Processo Mental Gostar, ora em orações negativas, ora em orações afirmativas, um pouco dos aspectos identitários do povo de Tejucupapo. Podemos ver que os três pontos da triangulação se ligaram nesta subseção: experienciador + processo + tema (materializado através do fenômeno), ou seja, *eu + gostar + identidades opostas construídas pelo processo*. De forma geral, eles usaram o processo *gostar* no presente simples e com desdobramento atual. Ao delinear as duas macroidentidades, vimos que as mesmas não são independentes ou autônomas, elas andam juntas e se complementam; de um lado o que se sobressai é a exaltação de sua identidade profissional e do seu trabalho, mesmo reconhecendo o quão laborioso é o seu ofício; de outro lado, a rejeição por festas e ações que fujam da normalidade, intensificando sua característica de retidão. Essas duas posturas parecem se fundir e assim revelar um aspecto significativo da identidade dessas pessoas.

4.3 OS PROCESSOS PERCEPTIVOS E O TEMA VIOLÊNCIA

Os Processos Perceptivos, como apontado na primeira subseção, apresentam o menor índice de ocorrência em nosso *corpus*. Isso se explica pela sua natureza, pois indicam, geralmente, ações que acontecem no momento em que se fala. Ainda assim, são responsáveis por retratar um aspecto importante dos dados: a visão dos falantes sobre a violência em Tejucupapo. Categorizamos por violência tudo que se referiu a brigas, tráfico de drogas, assaltos etc. Tal assunto foi bastante levantado nas entrevistas e sua introdução se deu, especialmente, através do Processo Mental Perceptivo *ver*, que nessas situações também pode ser entendido como perceber. Como nossos falantes são todos adultos, e alguns até com idade mais avançada, eles puderam fazer um movimento de comparação entre a situação de Tejucupapo em relação à violência na época em que eram crianças ou adolescentes, às vezes nem indo tão longe, com o momento atual de suas vidas. Essa dinâmica de comparar o passado com o presente é bastante recorrente em todo o *corpus*, frisar as mudanças em relação ao lugar e às pessoas se mostraram importantes, pois destacam o quanto essas pessoas podem falar com propriedade do que está sendo tratado. Vejamos a seguir alguns exemplos desse exercício comparativo do qual falamos:

- (66) Tejucupapo não era assim não... Faz 57 anos que eu vivo aqui... 57 anos não é 57 dias não... Ninguém **via** essa violência não senhor... violência não...
- (67) No meu tempo eu não **vi** isso não... era difícil alguém dizer assim “mataram fulano”... ninguém **via** isso... só morria quando Jesus tirava...
- (68) antes a gente dormia até de porta aberta... Ninguém **via** esse negócio de crack... Não existia isso...
- (69) DOC: quando o senhor era mais novo essa violência já existia em Tejucupapo?
INF: Não... não... Oia... Tejucupapo era um amor de lugar... O senhor andava aqui dentro... qualquer hora da noite e do dia... O senhor não **via** esse negócio, não (violência)... Ninguém não **via** batimento de boca

O Processo Mental *ver* nos ajuda a entender que quando eles empregam a construção negativa “ninguém via”, estão, na verdade, concebendo essa falta de visão como não existência da violência, e, sendo assim, era impossível de ser visto, ou seja, impossível desse Processo se realizar quando o assunto era violência. E é através dessa impossibilidade que eles mostram como enxergam a violência no antes e no agora. No exemplo (66), o morador, para legitimar e validar seu discurso, informa-nos há quanto tempo reside em Tejucupapo. No fragmento seguinte, (67), essa validação é feita a partir do exemplo trazido pela moradora ao afirmar que eram raras as vezes em que teve conhecimento de assassinato na localidade. Nos trechos (68) e (69), ambos apontam como consequência do aumento da violência a perda da liberdade dos moradores; não poder mais dormir de portas abertas e nem andar por Tejucupapo a qualquer hora do dia são sequelas do crescimento da violência. Mais uma vez, eles se sentem capazes de fazer tais afirmações e de propor seus discursos como legítimos porque conhecem e habitam tal lugar há bastante tempo. Podemos entender, de acordo com o que Bucholtz e Hall (2005) vão chamar de *autorização*, que esse processo comparativo no qual eles comentam sobre o passado, autoriza-os a apresentar determinada posição sobre esse assunto.

Um aspecto interessante a respeito da insegurança em Tejucupapo, apontado pelos moradores, diz respeito ao que eles atribuem como fator dessa modificação do lugar onde vivem. Para eles, a entrada de pessoas de fora, sobretudo de pessoas portadoras e usuárias de drogas, e que não têm origem familiar em Tejucupapo é o principal motivo para que o lugar passasse pela transformação negativa em que vivem. Notamos, também, que ao falar de drogas, eles ligam-na diretamente com a violência. Assim, pressupõem que quem usa algum tipo de droga esteja de alguma forma relacionado à violência. Ou seja, a droga pressupõe ou indexicaliza, usando um dos princípios de Bucholtz e Hall (2005), comportamentos negativos. Existe um sentimento de conhecimento e de pertencimento ao lugar que habitam que o fazem desacreditar da possibilidade de antigos moradores, e, naturalmente, mais velhos, estarem envolvidos com drogas e assaltos, não só pela idade destes, mas também porque souberam criar e educar seus filhos. Na seção anterior, nossos falantes se definem e definem os demais tejucupapenses como trabalhadores por excelência. Constroem, também, essa identidade para seus conterrâneos. O mesmo acontece aqui; para eles, o povo de Tejucupapo, de forma geral, não tem envolvimento com drogas e nem usam de violência, essas ações as quais eles consideram negativas ocorrem por conta de pessoas estranhas à comunidade.

Os Processos Mentais Perceptivos, como já falamos, se referem à realização ou não de um dos cinco sentidos; teve destaque, em nossos dados, o processo que se liga a visão: *ver*. Mas nem sempre este processo ocorre nessa acepção de visão imediata e sensorial, podendo funcionar como um “perceber” ou um “compreender”. Nos fragmentos a seguir, também relacionados à violência, encontramos trechos nos quais ocorre tanto *ver*⁶ no seu sentido primário, o de visão, como também funcionando como percepção e compreensão.

(70) eu disse a mulher... eu não sei nem como é esse negócio... nem eu **vi**... nem quero **ver**... já basta aquela catanga de mofo... eu vejo pela televisão... eu assisto o programa de cardinot

(71) Meu pai soube me criar... eu **vi** aí no programa de cardinot o menino de sete anos roubou a bicicleta do policial... com sete anos...

⁶ Para mais acepções possíveis a respeito do verbo *ver*, confira Borba (1991)

- (72) O que você **vê** na reportagem hoje é aluno furou aluno... aluno tentou furar professor... que nem um dia desses eu **vi** na reportagem
- (73) Pelo que eu **to vendo** por aí, a violência... quanto mais dias vai multiplicando...
- (74) Eu **vejo** aí muitos casos... o padrasto matou o enteado.... espancou... fez isso e fez aquilo... porque acontece isso... a mulher tem filho...
- (75) A gente **tá vendo** o que tá acontecendo hoje esses negócio de maconha... drogas... essas coisas...
- (76) Os problemas que eu **vejo** aí... ai embaixo tinha um rapaz... ele fechou o bar porque aconteceu um negocio no bar dele... ele chamou as autoridade... e ameaçaram matar ele...

Nos três primeiros exemplos (70), (71) e (72), notamos que as orações utilizam o Processo Ver apontando que a visão é exercida através do hábito de assistir televisão. Tal costume pode moldar a forma como eles enxergam e apreendem a questão da violência no mundo. Os programas policiais parecem ser os preferidos e a principal fonte de informação, através deles, os tejudupapenses podem ir além do que ocorre no lugar onde vivem, chegando a fazer comparações entre Tejudupapo e cidades próximas. Como se pode verificar, todos os exemplos caracterizam-se por ter o mesmo experienciador: o próprio falante. Nos Processos do tipo perceptivo é onde há a menor variação em relação ao agente que ocupa esse papel. O experienciador desse processo, em nossos dados, foi sempre um agente consciente e humano. Na subseção anterior, já havíamos mencionado tais programas porque nossos falantes apontaram como sendo uma atração televisiva de sua preferência.

Em paralelo a esta compreensão e da violência visualizada e constatada por meio da televisão, estão suas percepções através do que veem ao seu redor. Assim como eles atribuem a culpa da violência em Tejudupapo a pessoas estranhas, existe outro culpado quando o assunto é a violência fora do lugar onde vivem. Para eles, a forma como os pais criam seus filhos pode ser determinante para o envolvimento ou não dos mesmos com as drogas e em atos como roubo e assassinato. Podemos ver que no fragmento (71), o falante quando afirma

“meu pai soube me criar” está relacionando essa sua criação ao seu não envolvimento com drogas e violência. A estrutura familiar, para eles, é determinante no caráter dos filhos e nos acontecimentos que têm lugar dentro de casa. Nos exemplos (73) e (75), os falantes, apesar de construírem seus dizeres com o processo através da localização temporal presente-no-presente, não estão se referindo ao agora da interação. Se optam por essa construção, é porque, talvez, queiram dar ênfase que a situação ao qual descreve acontece é tão atual que se confunde com o agora interativo.

Mas não são apenas semelhanças que ocorrem nas falas dos tejudcupapenses. A emergência de diferenças é natural quando se trata de seres humanos, ela nos permite compreender que cada pessoa apreende o mundo de maneira distinta, e isso pode gerar atrito, mas ao mesmo tempo é responsável por um exercício contínuo de construção e constituição de mim pela diferença com o outro. É por isso que apesar do expressivo sentimento de aumento da violência, mostramos a seguir dois exemplos nos quais dois moradores apontam não sentir essa insegurança comentada pelos seus conterrâneos.

(77) eu moro na outra rua... há quatro anos... Nunca ouvi dizer que teve assalto por aqui... tem briga, né... mas assalto não... a gente volta da igreja de dez horas... ninguém **vê** uma confusão...

(78) Mas ninguém não **vê** violência... nem nada não aqui mais não... agora graças a deus... Tejudcupapo tá com destino agora... mas não valia nada

Embora morando no mesmo lugar, podemos verificar que eles compartilham de percepções e sentimentos diferentes em relação a Tejudcupapo, como fazem em relação à violência. Há de se ressaltar também que o que cada um entende por violência pode ser diferente, o falante do exemplo (77) afirma tem briga, mas logo em seguida diz que não se vê confusão. O que ele está tomando por briga e por confusão? São diferentes? O mesmo não esclarece se há diferença entre as ações. A falante do exemplo (78) vai ainda mais longe, afirma que “não se vê violência nem nada aqui MAIS não”, ou seja, a percepção dela é completamente diferente da de seus conterrâneos, além de não haver mais violência hoje, ela

dá a entender que existia antes, o que foi sempre negado, até com certa veemência, pelos outros moradores.

Em síntese, nesta subseção, o leitor teve ciência do tipo de leitura e de percepção que nossos falantes têm do mundo quando o assunto é violência. Como os mesmos percebem Tejucupapo ao longo dos anos, e para isso, elaboraram construções que nos permitiram verificar dois momentos distintos da vida no lugar onde habitam. Vimos que muitas vezes eles se colocam como um experienciador passivo, quando constroem seus dizeres com “ninguém vê”, “ninguém via” ou “a gente tá vendo”. Desta forma, o processo ver evidenciou muito mais o tema violência, do que a instanciação dos tejucupapenses como experienciadores individuais.

4.4 OS PROCESSOS COGNITIVOS: AVALIAÇÕES E SABERES

Diferente das seções anteriores, nas quais destacamos praticamente um único processo para ilustrar nossa análise, aqui abriremos espaço para evidenciar a utilização de dois Processos e suas contribuições para nossa investigação. *Saber* e *achar* foram os Processos responsáveis por guiar esta seção em decorrência da tamanha expressividade com que os mesmos se apresentaram no *corpus*. Entretanto, podemos trazer, ainda, um ou outro exemplo de outro processo apenas para reforçar uma passagem ou ideia da entrevista. Justamente por serem recorrentes, tais processos estiveram presentes em orações nas quais muitos foram os temas e os assuntos, por isso, nosso foco, não será apenas em um ou outro tópico, como fizemos nas seções anteriores. Aqui, tratamos, também, dos experienciadores e de como eles aparecem nos Processos Mentais do tipo cognitivos. Vamos mostrar que o funcionamento dos cognitivos pode atrelar-se a aspectos semânticos e estruturais regulares. Para ficar mais claro: em que ocasiões o processo *achar* ocorre? São sempre as mesmas situações? Com os mesmos experienciadores? O que os tejucupapenses acham do mundo? Eles acham sempre as mesmas coisas? Tais indagações também se aplicam ao processo *saber*. Essas e outras questões em relação a estes dois processos vão nortear esta subseção.

Na seção anterior, o leitor pode perceber que foi recorrente, por parte dos tejucupapenses, um movimento comparativo, em relação à violência, que confrontava o

passado e o presente. Essa atividade continua quando analisamos o processo *achar*⁷, agora não mais se referindo apenas violência, embora também a mencione, já foi possível verificar que diversos temas entraram em jogo. Entre eles: educação, saúde, saneamento básico etc. Veja a seguir seis exemplos com o processo *achar* no qual eles apontam melhorias de diversos aspectos.

- (79) Eu criei minha filha que nem eu to lhe dizendo... na força... na batalha mesmo... pesada... que eu não fosse uma mulher do jeito que eu sou... eu criei seis filha fêmea.. mas eu to **achando** que esse tempo agora é melhor... e naquele tempo a gente trabalhava de morrer e não via dinheiro não...
- (80) Eu **acho** assim... que naquele tempo era pior... assim mesmo ainda tem umas ruas com calçamento... dá pro povo andar... e antes não tinha em canto nenhum aqui...
- (81) As casa quando a chuva vinha na nossa casa já tava tudo alagado de água... eu **não acho** que naquele tempo era melhor não... **To achando** que o tempo tá melhor hoje
- (82) eu tenho minhas filhas... elas trabalham... pra mode lutar com a vida... agora eu to tendo esse descansinho de tá aqui sentada... eu não podia nem sentar... nem de noite nem de dia... tinha que trabalhar... mas hoje em dia... eu digo a coisa... as coisas pra vista de tempos atrás ta melhor... eu **acho** que teje melhor...
- (83) Se eu fosse uma mulher nova... hoje em dia... só cria o filho burro quem quer... naquele tempo não tinha essas coisas de escola assim não (público)... eu **acho** que seje bom... eu **acho** que seje muito bom...
- (84) Pro que era Tejucupapo... Tejucupapo agora é outra coisa... mudou demais... Antigamente... faz pouco tempo... Tejucupapo tava sem valor de nada... meu vei... agora eu **to achando** que agora tá com valor... tejucupapo tem valor...

⁷ É necessário acrescentar que o processo *achar* pode fazer parte de orações que Halliday e Matthiessen (2014) vão chamar de metáfora interpessoal de modalidade. Para os autores, quando isso ocorre, o sentido do que é dito, é expresso não de forma congruente, mas sim metaforicamente, modalizando o dizer.

Todos os exemplos supracitados não estão juntos apenas por apresentarem construções com o Processo achar, mais que isso, utilizam-no como uma espécie de sintetizador avaliativo de uma ideia ou pensamento. Bucholtz e Hall (2005) apontam como uma das formas de indexação orientações avaliativas e epistêmicas durante a fala. Ou seja, é próprio da interação esse tipo de comportamento avaliativo. Em todos os excertos, fica bem clara a impressão de melhoramento que os tejudupapenses aparentam ter em relação ao mundo que os rodeia. Percebemos, também, que o fato de eles acharem que Tejudupapo atualmente está melhor não advém de um único motivo. Cada fragmento apresenta uma situação particular na qual eles reconhecem uma mudança e fazem uma avaliação positiva, destacando melhorias em Tejudupapo.

No exemplo (79), ao destacar a luta para criar as filhas, a moradora aponta que ainda que trabalhasse muito, o dinheiro custava a entrar, com isso, podemos entender que apesar de não ser com facilidade, atualmente, a recompensa pelo trabalho acontece de maneira mais adequada. Já no fragmento (80), uma questão mais pontual foi lembrada pela moradora: o calçamento das ruas. Embora a mesma mencione que não são todas as ruas que hoje são calçadas, no seu tempo de infância, ela não se lembra de nenhuma. Houve, também, menção, no excerto (81), a mudança na estrutura das casas, o que fez com a preocupação com a chuva se tornasse menor. A educação também foi apontada como uma das áreas nas quais pode ser percebida uma grande melhora nos arredores de Tejudupapo. A moradora, no exemplo (83), relata a facilidade de ingressar no ensino público nos tempos atuais. Já no fragmento (82), a tejudupapense ressalta que ainda que pobre, atualmente ela pode descansar sem se preocupar apenas em ter que trabalhar dia e noite para sustentar sua família. Para cada um, o sentimento de melhora é oriundo de um motivo que tem relevância em suas vidas. Às vezes, este sentimento não provém de um motivo específico, ele parte, na verdade, de uma impressão geral, como no trecho (84).

Há um paradoxo entre as comparações da seção anterior e a desta; se lá, eles apontam uma situação pior em relação ao sentimento de segurança, aqui já há uma melhoria quando o assunto vem a ser alguns serviços básicos para a sua qualidade de vida. Embora ainda não sendo como eles achem que deva ser, reconhecem que houve mudanças consideráveis que melhoraram suas vidas. Esse reconhecimento aponta que apesar da idade mais avançada de alguns de nossos falantes, eles ainda se mostram lúcidos e críticos para discorrer sobre o lugar

em que vivem. Não se contentam com pouco, mesmo reconhecendo avanços já conquistados. Em todos os nossos exemplos, o processo *achar* funcionou como uma espécie de sintetizador avaliativo dessas ideias de que algo melhorou:

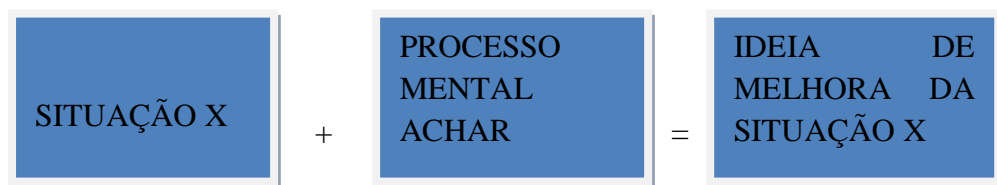


Figura 5: O processo *achar* nos dados

Sabemos que o processo *achar* pode trazer consigo uma carga de dúvida, uma vez que achar mobiliza uma ideia de caráter subjetivo e incerto, mas, através dos exemplos, vimos que não há dúvida, por parte dos falantes, quanto às mudanças e melhoramentos pelas quais Tejucupapo passou ao longo de aproximadamente 40 anos. Tanto não há dúvidas, como também não existem discursos contrários, ou seja, nenhum dos participantes que foram entrevistados se colocou negativamente e apontou um retrocesso. Diferente do que aconteceu na seção anterior, na qual houve posições contrárias em relação à violência em Tejucupapo, aqui, dadas as devidas ressalvas, eles foram unânimes em reconhecer as melhorias do lugar onde vivem.

Essas mudanças pelas quais passaram Tejucupapo aconteceram não só internamente, a área em volta do distrito foi tomada por fábricas e grandes empresas dos mais diversos ramos. Esse fato não passou despercebido nos relatos dos moradores. O processo *achar* esteve, também, presente nas orações nas quais os mesmos manifestaram suas opiniões a respeito das consequências que tais empreendimentos poderiam ocasionar com seu lugar. Nos fragmentos a seguir, eles opinam sobre as consequências que podem ocorrer por conta de grandes empresas.

(85) é fácil... viu... eu também to **achando** que essa fabrica aí vá prejudicar a maré... mas talvez que nem prejudique... porque na época a santa Tereza tava poluindo o rio... tava poluindo a maré... não tinha peixe mais no rio... ai fizeram queixa...

(86) DOC: E essa fabrica da Fiat que vai chegar por aqui... o senhor achar que vai poluir o rio?

INF: Rapaz... eu **acho** que sim... depois que os homens bota a mão acabou... o homem quando bota a mão numa coisa... melhora uma coisa e piora outra... não tem pra onde correr..

(87) DOC: fora a água... o senhor acha que eles vão desmatar as plantas...

INF: Rapaz... eu **acho** que sim... porque o que já tá acontecendo aqui.. povo cortando o sitio do povo... comprando as terras... só é o que a gente vê... é sitio derrubado...

Nos trechos acima, é interessante perceber como o mecanismo que envolve a utilização de *achar* é igual quando se trata da relação entre empresa *versus* meio ambiente. A diferença é que nesse caso, eles se mostram favoráveis em relação a uma situação negativa. Nos três fragmentos, eles justificaram de alguma forma suas percepções favoráveis à danificação dos elementos naturais por parte das empresas que estão se instalando por lá. Enquanto os moradores dos exemplos (85) e (87) defenderam seus posicionamentos com exemplos mais concretos baseados em acontecimentos que perceberam, o morador do exemplo (86) aponta uma justificativa mais geral. A característica sintetizadora avaliativa do processo *achar* permaneceu nesta leva de exemplos.

Com isso, vemos que tanto nos exemplos que foram dedicados a falar das melhorias em Tejucupapo, quanto nos trechos destinados a comentar o impacto sofrido no meio ambiente, *achar* vem atrelado sempre com certa avaliação e algo que justifique a forma de pensar dos tejucupapenses. O que é *achado* por eles têm algum fundamento ou explicação para sê-lo, ainda que de forma mais abstrata.

Nos dois blocos de exemplos com o processo *achar* que apresentamos anteriormente, o mesmo se comportou de forma semelhante, sendo responsável por condensar uma ideia ou pensamento em relação a determinado assunto. Essa percepção da melhora do lugar,

visualizada nos exemplos de (79) a (84), é um traço da identidade que os constituem como tejudupapenses, pois só eles, enquanto moradores, podem apontar tais mudanças. E só eles podem discorrer sobre o impacto de certas mudanças pelas quais sofreu Tejudupapo, como vimos em (85) a (87).

Nos trechos que apresentamos adiante, além do caráter sintetizador de tal processo, podemos verificar que ele aponta para a causa de um determinado problema.

- (88) O que aumentou esse negócio de droga eu **acho** que foi que aqui não tinha muita gente de fora... hoje Tejudupapo vem gente de santo amaro... de São Lourenço... do Recife...
- (89) teve uma mulher que falou... seu filho não vai pra escola... ela disse... olhe, eu posso fazer o que.. eu não posso dar nele... eu digo vai pra escola e ele diz que não vai... eu não posso dá-lhe... se eu der ele diz que vai dar parte pro conselho tutelar.. Isso é a cachorrada do Brasil, que eu **acho** pra mim (a interferência da lei)
- (90) A bagunça do mundo pra mim eu **acho** que é isso: a criação dos pais... eu tenho muito medo da minha filha... imagina chega aqui um dia... tua filha com treze... catorze anos se casou-se....

Nos exemplos supracitados, o processo *achar* envolve uma oração que funciona não só como sintetizador de uma ideia, mas também como uma justificativa a um determinado problema apontado pelos nossos falantes. No trecho (88), o morador reafirma, agora através do processo *achar*, que as drogas entraram em Tejudupapo por conta das pessoas de fora, esse mesmo pensamento rondou a discussão sobre o aumento da violência no lugar que tivemos na subseção anterior. Nos excertos (89) e (90), os tejudupapenses discorrem a respeito dos filhos, em (89), acha errado a interferência da lei, que tira o direito dos pais de educar seus filhos através de formas mais pesadas de coerção. No exemplo seguinte (90), julga que os pais e a forma como os mesmos criam seus filhos são os responsáveis pela “bagunça do mundo”. A diminuição de autoridade dos pais, por conta da lei, faz com que eles não criem seus filhos de forma correta, dando espaço para que os mesmos se envolvam com drogas e violência. Dessa

maneira, os pontos se interligam. E uma coisa leva a outra na construção do pensamento desses três exemplos que representam o povo tejudcupapense.

Também percebemos que o Processo Mental *achar* foi utilizado em orações para ratificar gostos e preferências. Dessa forma, através de construções com esse funcionamento do achar, foi possível verificar novas predileções dos falantes que nos ajudam a inserir mais peças sobre o mosaico identitário que os constituem. Vejamos nos exemplos a seguir o quão saliente ficam os gostos através do processo *achar*:

(91) ainda passei dois anos... depois eu saí... mas que o evangelico é bom é... dois anos eu passei mas **achei** bom... não **achei** ruim não... **achei** bom...

(92) Todo dia... todo dia tem gente aqui... tem dia que essa casa tá tão cheia... dos meus filhos... das minhas filhas... dos meus netos... de tudo.. é... eu **acho** bom

(93) Tá um pelo cemitério... outro pela cadeia... eu não **achei** bom acontecer isso com ela...

(94) eu podia achar bonito... eu sou contra... como é que você vai andar num lugar... cheio de gente... casa de familiares... você vem semi nua... isso não existe não... você tem que andar normal...minha mulher usa short... do joelho pra cima... até mais curto... Tem umas mulher que eu acho... eu não **acho** bonito... pode ser a mulher mais bonita do mundo...Eu **acho** vulgar... **acho** feio.. ela pode ser bonita... pode ser o que for... pode ser famosa... é umas roupas que tem umas calças bem ligadas que faz física, né...

Observamos que em (91), (92) e (93) os falantes constroem a oração através do Processo Mental *achar* seguido do advérbio bom. Verificando essa utilização, chegamos a uma pequena fórmula: *achar + bom = gostar*. Perceba que se substituirmos “*acho bom*” das orações e colocarmos o processo *gostar*, seu sentido não seria alterado, mantendo-se praticamente o mesmo. Ter gostado de ter sido evangélico (91) ou gostar de quando a casa está cheia (92) foram alguns dos fragmentos que trouxemos para demonstrar esse funcionamento do processo achar. Os trechos supracitados partilham apenas dessa fórmula,

uma vez que cada exemplo se refere a um assunto diferente, o que mostra, também, a singularidade e individualidade de cada entrevista. Em (94), não há a fórmula a qual mencionamos, mas há a possibilidade do achar utilizado ser equivalente ao verbo gostar, quando o morador afirmar não achar bonito, pelo contrário, achar vulgar, mulheres com roupas muito justas. O falante enquadra explicitamente determinadas mulheres na categoria vulgar baseado num tipo de vestimenta. Embora muitos assuntos foram recorrentes em todos os relatos, as histórias de vida e particularidades de cada falante fez com que cada entrevista se configurasse de forma diferente, por isso é possível encontrar assuntos muito diversos em cada entrevista.

O processo *achar* ainda ocorreu em muitas outras situações, porém não iremos prolongar a sua análise, uma vez que acreditamos que as porções textuais acima foram significativas e possibilitaram a demonstração do funcionamento do mesmo no corpus. Com a utilização desse processo, vimos aspectos que os singularizam como tejudcupapenses e revelam faces de suas identidades, seja ilustrando as melhoras do lugar onde vivem, seja informando sobre os impactos causados pelas fábricas e indústrias que veem se instalando, seja apontando gostos, predileções e impressões sobre os mais diversos assuntos. Se fazem apontamentos sobre esses assuntos, é porque têm propriedade para tal, a identidade enquanto morador de Tejudcupapo, autoriza-os a fazê-los.

Agora partiremos para tentar captar traços identitários através de outro Processo Mental Cognitivo: *saber*. Esse outro processo de tamanha expressividade, também foi utilizado de diversas formas e, dessa maneira, esteve presente para discorrer sobre diferentes situações e passagens da vida de nossos informantes. Ao longo desta segunda parte da subseção, iremos destacar quatro contextos de utilização de *saber* e observar como emerge o experienciador em situações distintas através desse processo, o que pode salientar nuances a respeito da identidade de nossos falantes. Os primeiros exemplos de orações com o processo *saber*, os que apresentamos a seguir, foram construídos com a negativa + tal processo. Dando continuação a um assunto do qual já foi discutido aqui, a questão da violência e, sobretudo das drogas, eles nos contam a respeito de seus (des)conhecimentos sobre tais produtos ilícitos, não sabendo quem trouxe estas substâncias para Tejudcupapo e nem mesmo sabendo reconhecê-lo.

- (95) eu disse a mulher... olhe meu senhor... Eu não **sei** nem como é esse negócio... eu não **sei** nem como é... nem eu vi e nem quero ver... já basta aquela caatinga de mofo... que catanga de mofo... aí aquele que sabe diz “rapaz, isso é a droga” mas eu nunca vi não... Não **sei** se é marrom, se é preta... não **sei** de que jeito é...
- (96) olhe... aqui... a rua dos veio que agora é rua dos céus... a favela do óleo... a rua do cemitério... isso aqui tá empestado... Tejucupapo não era assim não senhor... Eu não **sei** quem foi que trouxe esse negocio (droga) aqui pra dentro...
- (97) aqui droga tem muita... embutida... mas tem muita droga... tem um primo meu que foi preso faz uns três meses chei das droga na bolsa... o bicho era traficante vei... droga aqui tem muita... ninguém **sabe** de onde vem, de onde não vem... mas tem muita aqui...
- (98) Ninguém **sabe** quem bota... ninguém **sabe** quem fornece... mas tem muita droga aqui...

Os quatro fragmentos supracitados evidenciam o desconhecimento dos tejucupapenses em relação às drogas e ao funcionamento do tráfico em Tejucupapo. Na primeira subseção desta análise, dizemos que encontramos dois tipos de utilização do *saber*: o cognitivo e o material. Classificamos este *saber* dos exemplos acima como *Saber Cognitivo* porque se trata de um conhecimento que o indivíduo possui ou não, ou seja, tem a ver com o conhecimento de algo presente na consciência do falante. Se nos exemplos (95) e (96), eles constroem orações baseado no desconhecimento individual deles, nos excertos (97) e (98), o pronome ninguém funciona como um indefinido coletivo na qual pode se aplicar a todos os moradores de Tejucupapo, que não sabem como se dá o surgimento das drogas no lugar. Para eles, sobretudo no exemplo (95), dizer que não conhecem e que nunca viram drogas é uma tentativa de afastar-se de atividades e condutas que acreditam ser erradas. Dessa maneira, eles se distanciam ainda mais do tipo aventureiro de ser, e assim reforçam sua identidade de pessoa honesta e do tipo trabalhador.

No princípio da parcialidade, Bucholzt e Hall (2005) apontam que a identidade construída no decorrer da interação pode ser intencional, assim, frisar esse distanciamento das

drogas pode ser um processo cuja intenção reside na integridade da identidade trabalhadora e honesta que eles apresentaram nas suas falas. Apesar de ser muito mais recorrente com construções na primeira pessoa, o saber cognitivo também ocorre na terceira pessoa. Justamente pelo saber cognitivo externalizar um (des)conhecimento presente ou não na consciência do falante, é que ele se apresenta de modo mais frequente na primeira pessoa do singular, partindo do próprio falante. Em (97) e (98), os falantes afirmam que há uma grande quantidade de droga no lugar, isso corrobora com a percepção de que a violência, de forma geral, cresceu em Tejucupapo, como visualizamos na subseção destinada ao processo *ver*. Entretanto, eles permanecem sem saber a causa desse aumento.

Em paralelo a um saber instaurado na consciência do falante, está um outro que vai além do contido na mente do tejucupapense, diz respeito a um saber que tem como resultado uma ação, podendo ser do próprio falante ou de outrem, construindo, assim, um saber material. Desse jeito, quando o falante diz “*sabe assinar o nome*”, no fragmento (105), no bloco de exemplos a seguir, está dizendo que tem o conhecimento de que uma terceira pessoa possui uma habilidade ou uma competência para realizar determinada tarefa, que resulta numa ação. Esse tipo de conhecimento que o falante possui, tem como consequência uma ação que foi construída como um saber material. Nos exemplos a seguir, o leitor pode verificar a importância que os tejucupapenses atribuem ao saber que, neste trabalho, estamos chamando de material, o saber agir:

(99) trabalhei na cana... trabalhei na cana... eu cortei cana... eu adubei.. tudo isso eu fiz... plantei... agora na época que eu trabalhei eu trabalhava clandestino... nunca trabalhei fichado não... mas tudo de cana eu **sei** fazer... **sei** fazer tudo de cana... tudo... eu **sei** plantar... eu **sei** cortar... **sei** adubar...

(100) antigamente trabalhava homem... menino... e mulher... hoje não trabalha mais menino e nem mulher... mulher trabalha se tiver alguma leitura ou na cozinha.. de cozinheira... empregada doméstica.. ne... se tiver uma leitura tudo bem... e se não tiver... como é que fica... A minha mesmo não **sabe** de nada... a minha só **sabe** fazer uma comida... não trabalha mais... (a mulher dele)

(101) Ela **sabe** lavar prato... ela **sabe** cozinhar... Ela **sabe** fazer tudo tudo tudo... é uma menina inteligente...

- (102) Ele não **sabe** fazer nada não... nada... nada... nada ele **sabe** fazer... ele só faz uma massa quando meu menino tá trabalhando... somente... ele não **sabe** tirar uma ostra... ele não **sabe** tirar o sururu.... ele não **sabe** fazer é nada... nada... nada... não **sabe** botar um tijolo... nem retelhar uma casa ele **sabe**... foi criado que nem filhinho de papai (o neto)
- (103) só tem uma pessoa aqui que não usa energia... o vei e a veia... é candeeiro lá na casa dele... é candeeiro.. Ele não **sabe** usar energia, ele tem medo... ele disse que deus defenda ele... ele não quer não..(vizinho)
- (104) mas Rosa diz “a senhora não me criou”... mas venha cá... os que ficaram sabem fazer alguma coisa... Rosa **sabe** fazer um almoço... Rosa **sabe** bordar porque naquele tempo uma mãe não podia dar uma boa educação...
- (105) os que estão vivo estudaram... **Sabe** assinar o nome... mas o veio aqui não aprendeu nada (os filhos)

Em todos os trechos supracitados fica evidente uma característica dos tejudcupapenses: o valor atribuído aos serviços braçais, manuais e ao trabalho de uma forma geral. Além da importância dada ao trabalho, atividades feitas dentro de casa também ganham relevância. No exemplo (99), a falante sente orgulho ao afirmar que sabe realizar o trabalho desenvolvido dentro da cana de açúcar, em paralelo a essa valorização desse saber, está o discurso, em tom de lamentação, da moradora do exemplo (102), ao comentar sobre a falta de aptidão do seu neto para alguns serviços que a mesma acha importante, no qual ela atribui à criação do mesmo. A importância e a significação dada a essas atividades são tão grandes que ficam salientes em dois exemplos: o falante do exemplo (101) categoriza a mulher do neto como inteligente por saber fazer tarefas caseiras; já no exemplo (104), a falante aponta que foi melhor a filha não ter sido criada por ela em Tejudcupapo porque a mesma teve oportunidade de aprender serviços que ela não poderia ensinar, a distância da filha valeu a pena pelas atividades que ela aprendeu. Nessas falas nas quais o outro é tomado como foco, nossos tejudcupapenses dizem muito a respeito de quem são. A seguinte frase atribuída a Freud diz

que “quando Pedro me fala sobre Paulo, sei mais de Pedro do que de Paulo”. Falar do outro é falar tanto do outro quanto de si.

Os excertos trazidos anteriormente exemplificam o que chamamos anteriormente de saber material; é um saber habilidade. Em nosso *corpus*, esse tipo de saber foi bastante utilizado para mencionar a predisposição, ou a falta dela, de alguns familiares dos nossos falantes, para atividades que eles acham importantes. Essa característica só amplia e complementa a visão que o tejudupapense deixa transparecer de trabalhador nato e a de que gosta do que faz. O princípio da indexicalidade se apresenta aqui sob duas formas: a) há uma explicitação de categorias de identidade através das atividades e dos trabalhos sobre os quais eles comentam, vimos que os tejudupapenses constroem a identidade do trabalhador, por exemplo; b) além de construir tal identidade, eles assumem esse papel de trabalhador, ora apresentado em diversas passagens.

Nesta seção, apresentamos duas formas nas quais foram usadas o processo *saber*, quais experienciadores estavam atrelados a essas formas e quais traços das identidades dos nossos falantes foram percebidos. No primeiro caso, eles nos falam sobre conhecimentos de suas consciências que eles têm ou não, chamamos de *saber cognitivo*. Nesse caso, foi possível construir traços identitários a respeito do que eles diziam sobre eles mesmos e sobre seus conterrâneos, como por exemplo, o distanciamento das drogas. Se afastar e afastar as pessoas de Tejudupapo das drogas foi um mecanismo que pode ter sido utilizado, ainda que inconscientemente, para sustentar uma identidade trabalhadora e negar algum traço que possa ser visto com maus olhos.

Já no segundo caso, o *saber material*, esse reforço à identidade trabalhadora acontece de outra forma. Vimos que eles demonstraram apreço por determinados saberes e habilidade, sobretudo dos familiares. Isso fez com que pudéssemos delinear uma identidade a partir do que eles dizem sobre os outros, uma vez que quando se fala de outrem, também se fala de você mesmo. No momento em que eles comentam e valorizam as aptidões de outras pessoas para determinadas tarefas, deixam claro o quão importante elas são para eles. Ao estimarem o que chamamos de saber material, informam-nos detalhes de suas identidades corroborando com a postura trabalhadora que vêm defendendo nas suas falas.

4.5 PROCESSOS DESIDERATIVOS: DESEJOS DE QUEM?

Depois das preferências, das percepções e dos pensamentos dos tejudupapenses, esta subseção apresentará os desejos e os anseios que permearam os discursos dos nossos participantes. Como já apontamos na primeira subseção, o processo *querer* apresentou um número expressivo. Poucas foram as ocorrências de outros processos desiderativos. Foram encontradas aproximadamente 149 inserções do processo *querer*, nos quais dois pontos se sobressaem nos relatos dos nossos falantes: as vontades de Deus e Jesus e as expectativas de uma vida melhor em relação a trabalho, moradia, educação etc. O leitor vai verificar que assim como ocorre em outros processos, mas em menor quantidade, a presença de Deus e Jesus como experienciador é significativa e divide espaço com os desejos deles mesmos. A diferença é que os anseios deles são mais pontuais e específicos, enquanto as vontades das entidades religiosas foram mais gerais, elas emergiam para corroborar e defender uma ideia ou posicionamento levantados por eles.

Assim, em relação aos desejos, esta subseção foi dividida em três partes: na primeira, vamos expor as vontades de entidades divinas que eles mencionaram em suas falas e que tomam como preceitos para uma boa vida; na segunda, os anseios e desejos em relação às pessoas próximas, sejam desejos dos próprios falantes em relação a essas pessoas, sejam desejos dessas pessoas trazidos pelos falantes; por fim, desejos particulares dos próprios falantes, em relação à sua vida, ao mundo e ao futuro.

De forma geral, encontramos em nosso *corpus* muitas referências a Deus e Jesus, de diversas formas, tanto na posição de Experienciador quanto como participante do Fenômeno da oração; sua ocorrência no primeiro caso se deu entre os emotivos e, principalmente, entre os desiderativos. A forma como eles trazem essas entidades para seus discursos, mostra-nos não só importância e o sentido que a religião tem na vida de alguns dos nossos tejudupapenses, mas também como eles tentam associar a religião com coisas práticas do dia a dia. Vejamos abaixo os primeiros exemplos:

- (106) O que mais ele **quer** da gente... é que a gente faça o bem... faça o bem sem olhar a quem... e também ele **quer** que a gente faça o bem a quem não faz o mal...

(107) A gente só deixa de pecar quando morrer... mas viveu aqui... a gente não tá livre de nada... então Deus **quer** que a gente deixe mais de fazer tanta coisa ruim... pra que ele aja melhor na nossa vida...

(108) e é isso que Deus **quer**... se hoje você é uma pessoa boa... amanhã Deus **quer** que você seja melhor do que hoje... pra você ser uma pessoa boa... não precisa ser crente não... se for uma pessoa boa... que goste de ajudar...

(109) A bíblia tá repleta só de coisas boas pra gente fazer... pra gente não ser arrogante... porque Deus não **quer** que o homem seja arrogante... Deus não quer o homem seja avarento...

Podemos perceber que as vontades de Deus são trazidas como uma espécie de conselho. Todos são configurados com o desdobramento atual com o tempo no presente simples. Além disso, se enquadram no tipo desiderativo “*esperar*”, no qual as orações com o desejo são projetadas e iniciadas com o “que” do subjuntivo. Os exemplos de (106) a (109) apresentam certas vontades divinas, que se fossem seguidas, poderiam ser a solução para determinados problemas ou situações da vida humana. Os falantes se colocam como um elo propagador das palavras e das vontades de Deus.

Nesses exemplos, de (106) a (109), é possível dizer que há uma tentativa de “injunção ideológica” através da religião. É um aconselhamento que parte do falante, no qual ele toma para si como discurso, mas que subjaz de uma orientação ideológico-religiosa maior que ele. Trazem entidades tais religiosas como suporte e solucionador de empecilhos. Todos os exemplos apresentados mostram o processo querer na terceira pessoa e projetam o desejo numa oração iniciado com “que”. De (106) a (108), o conselho é através de uma construção afirmativa, já em (109), negativa. Nas construções afirmativas acontece também de o falante não só apontar o desejo de Deus, mas também de detalhar a causa, consequência e o modo desse desejo. Por exemplo, em (106) a falante afirma que Deus não apenas quer que a gente faça o bem, mas que façamos o bem a quem não faz o mal; em (107) o motivo de Deus querer que nós deixemos de fazer coisa ruim, é para que ele possa agir melhor em nossas vidas; em (108) é dito que Deus quer que você seja uma pessoa melhor a cada dia, mesmo que não seja

“crente”. Podemos perceber que todas as vontades de Deus trazidas pelos falantes veem com delimitações ou especificações impostas a nós.

Se no tópico anterior, os tejudupapenses tomam que as vontades religiosas devem influenciar o comportamento das pessoas, no tópico a seguir, eles vão argumentar a respeito de como o tempo mudou as vontades e as expectativas das pessoas próximas, como seus filhos e pessoas da comunidade. Ou seja, nos primeiros casos, há um comportamento que é determinado através de uma conduta baseada na ordem divina, já no segundo, ele ocorre por questões temporais e mudanças da sociedade. Se lá, era um comportamento de caráter ético e moral, aqui é de viés social.

Nos exemplos a seguir, nossos falantes revelam desejos de outrem para com as coisas do mundo. Os tejudupapenses entendem que as mudanças comportamentais pelas quais passaram as pessoas e que resultou em novas vontades, tem como grande aliado o passar do tempo. As pessoas expressam novos desejos no decorrer da evolução temporal.

(110) Agora o pessoal tão fazendo tudo assim (de tijolo)... ninguém **quer** mais casa de Taipa... não **quer** mais nada... mas essa casa era de Taipa... eu trabalhei e levei anos e anos pra fazer ela...

(111) aquelas esteiras... antigamente é onde a gente dormia... hoje em dia ninguém **quer** dormir numa cama mais velha... antiga... Hoje em dia só **quer** a cama box... é muito do luxo... viu

(112) INF: casa dentro do mato não tem mais que ninguém quer...

DOC: por que o povo não quer casa no mato...

INF: porque não **querem** mais... e agora aqui dentro de Tejudupapo os mato que a gente morava... que era sítio... agora tudo é cana

(113) Os trabalhador só **querem** tudo na hora... só trabalha quem precisa e eu não tinha condições...

(114) Tem muita gente agora tudo trabalhando... hoje em dia tem tudo... não trabalha quem é preguiçoso... Muitos não **querem** varrer rua... se envergonha pra varrer rua (sobre empregos qualquer)

(115) Era lençol.. toalha rasgada... blusa veia... saia veia... que o pessoal dava... tudo isso era que colocava nas crianças... Hoje em dia as mães **quer**? Ninguém **quer** isso... **quer** não... é tudo aqueles pano bonzinho... fralda não usa mais... não usa esse negócio de toca... é tudinho o que... calça descartável... já nasce colocando na maternidade...

(116) DOC: Vocês faziam como com água antigamente...

INF: água da cacimba... abria um buraco até aparecer água no olho d'água.. aí enchia e o pessoal botava água... mas agora ninguém **quer** mais botar água de cacimba... nem água de bica... só querem agora água de torneira...

(117) As meninas hoje não **querem** casar... as meninas hoje que nem eu vejo aí diz assim “seu for casar eu quero ser liberta... ir pra onde eu quiser e chegar a hora que eu quiser”...

Os exemplos apresentados anteriormente se associam com diversos outros trechos ora trazidos nas outras seções, pois têm no seu bojo uma motivação temporal. Através de termos e expressões que localizam temporalmente o dizer, como “hoje em dia”, “antigamente”, “hoje” e “mais” podemos perceber que as passagens mencionadas por nossos falantes se configuram de forma comparativa com tempos anteriores. Dessa forma, podemos entender que o que atualmente acontece, ou seja, o que é desejado e almejado hoje, não o era num tempo anterior. Essas expressões temporais apontam para o caráter transitório e local da identidade, mencionados por Bucholtz e Hall (2005). Essas novas surgem e individualizam os tejudupapenses, na medida em que se apresenta como desejos particulares deles, ou seja, desejos locais.

Em todos os excertos, é possível notar, através das falas dos entrevistados, que seus conterrâneos já não aceitam um estado ainda mais precário de vida ao qual se sujeitavam em outros tempos. Com o passar dos anos, as necessidades foram mudando e seus desejos se alinhando com pessoas de fora de Tejudupapo, ainda que a situação de vida não fosse das melhores. Houve mudanças em relação à estrutura das casas, não mais de taipa; também não são mais desejadas casas muito afastadas, no mato, por exemplo; e já não se aceita dormir em qualquer lugar, como antes. Outro quesito, no qual houve mudanças as quais também foram atribuídas ao tempo, diz respeito ao trabalho e suas condições. Quando dizem que os

trabalhadores querem tudo na hora, a falante se refere ao fato de que em determinados trabalhos, o pagamento é feito, preferivelmente, após a realização da atividade; quem trabalha não pode esperar, como eles provavelmente faziam antes. A necessidade não espera.

A ideia de que sempre há trabalho pra quem quer é constante, sendo assim, algumas pessoas podem optar por escolher exercer uma ou outra função. No exemplo (114), vemos o falante comentando que algumas pessoas não querem varrer rua, pois se envergonham. O que, provavelmente, não seria o caso dele. O falante não aprova tal atitude, pois fica evidente que para ele não seria vergonha trabalhar varrendo rua; vergonha seria ser preguiçoso.

Em (115) e (116), *fralda descartável* e *água na torneira* representam novos desejos que se tornaram cada dia mais comuns porque os tempos são outros. Mas acreditamos que o desejo de novos hábitos só existe porque esses novos hábitos se tornaram uma realidade viável e possível. Graças não apenas ao tempo, como eles atribuem, mas também a uma melhora nas condições de vida em Tejucupapo. Condições essas que os próprios afirmam terem melhorado. Ou seja, novas condições de vidas implicam novos hábitos e novas vontades, e sobretudo, novas identidades. Partindo do pressuposto de que as identidades são transitórias, esses novos desejos dos tejucupapenses ilustram bem essa transitoriedade pela qual passou e vem passando a identidade do povo tejucupapense. Os antigos moradores percebem essa transição de identidades, enquanto para os mais novos, essas identidades se apresentam como única.

No último exemplo deste bloco, (117), a falante reporta um discurso o qual ela diz pertencer às “meninas de hoje” em relação ao casamento. Ao dizer que elas não querem se casar, pois podem ver sua liberdade comprometida, ela reconhece, através das meninas de Tejucupapo, uma mudança comportamental da figura feminina no casamento. Há um reconhecimento de que as mulheres mudaram e que muitas não aceitam ser submissas e privadas de sua liberdade; como, podemos entender, era comum acontecer antes.

Na apresentação dos exemplos nesta seção, estamos seguindo uma ordem que vai das vontades dos seres mais abstratos, passando por vontades de pessoas de uma forma geral, chegando agora nas pessoas de suas famílias. Nos exemplos a seguir, os falantes mencionam as expectativas que eles têm para seus filhos em relação ao trabalho.

(118) eu não **queria** que eles trabalhassem na maré... a minha predileção é que eles arrumassem um emprego... pra viver do emprego deles...

(119) DOC: Mas você não queria que seus filhos trabalhassem na maré não?

INF: E eles iam trabalhar em quê...

DOC: Mas você queria que seus filhos trabalhassem na maré... se fosse a sua vontade...

INF: Não... não **queria** não... queria ter pra eles um bom emprego... pra eles trabalharem... se eu alcançasse e Jesus me desse a proteção... tivesse a condição... já ia tá estudando os dois...

(120) Eu **queria** que eles trabalhassem na maré não... eu queria assim... é porque esse lugar é um lugar sem vida... Sabe qual é a vida daqui? Lama de mangue e corte de cana

(121) **quero** que eles trabalhem pra arrumar um serviço mais melhor que maré... **quero** que eles arrumem outro serviço...

A relação dos tejudupapenses com o trabalho na maré já fora explorada anteriormente no começo da análise. Entretanto tal assunto se faz novamente presente quando o foco torna-se seus filhos. Já na seção 4.2, eles demonstram um afeto pelo trabalho na maré, reconhecem que é uma atividade difícil, mas afirmam alguns afirmam não querer abandonar. Quando se trata dos filhos, o discurso já muda; não querem que os mesmos sigam o mesmo caminho em relação à profissão. No trecho (119), a falante reforça o que já tinha sido discutido: a falta de opção de trabalho em Tejudupapo. Apesar de a mesma não querer o trabalho na maré como futuro para os filhos, a tejudupapense não visualiza outra alternativa. O desejo de outro trabalho para os filhos é um desejo de vida melhor para eles. A esperança de que seus filhos desempenhem outro ofício vem atrelada a possibilidade de que os mesmos tenham uma vida mais próspera, com menos dificuldade.

Por fim, trazemos desejos e vontades apresentados pelos falantes em relação a eles mesmos. Suas expectativas e anseios sobre os mais diversos temas, sem qualquer menção aos desejos de outrem.

- (122) eu trabalhava direto... eu pensando que ele ia classificar minha carteira... só que ele tava com safadeza comigo... de domingo a domingo... ele “venha trabalhar”... e eu ia... eu não vou pisar na bola... porque eu **queria** crescer na empresa... passar de trabalhador rural pra tratorista...
- (123) Eu **quero** ter a possibilidade de ganhar essa causa do meu patrão por isso... para ele saber que ele me deu a oportunidade... eu fiz por onde... ele fez eu de palhaço... né... aí o advogado disse que ele vai ter que botar na minha carteira como tratorista...
- (124) A gente fica imaginando da pessoa caindo a idade... agora eu só não **quero** morrer... né... a gente morre a pulso... porque chegou o dia da gente ir... deus marcou o tempo... a época... aí a gente tem que ir... mas dizer que a velhice é bom... num é não... a gente **quer** fazer as coisas e não pode...
- (125) INF: Eu não **quero** morar com ninguém...
 DOC: É melhor morar sozinha?
 INF: Eu acho que é... eu já morei com tanto homem e não tive sorte com nenhum
- (126) INF - Eu não tenho sorte com homem não...
 DOC - Homem atrapalha é...
 INF - Num é atrapalha... é que eles se põe enchendo meu saco... você num vai numa festa.. você num vai numa missa... você não vai numa dança... você num vai num samba... e eu não **quero** minha vida amarrada... eu gosto da minha vida liberta...
- (127) eu não tenho esse negócio comigo não... você pode trazer seu pai, sua mãe, sua namorada, o seu vizinho, o seu amigo, seja quem for... você chegando aqui... graças a Deus eu to de bem com a vida...E **quero** ver todo mundo feliz da vida... só não **quero** que ninguém chegue aqui pra me complicar...

Neste último bloco de exemplos, apresentamos ao leitor aspectos pelos quais é possível visualizar traços identidades de nossos tejuocupapenses que não tinham sido

mencionados em outras seções. Isso ocorreu porque, através de desejos e vontades individuais, eles deixaram transparecer anseios que não costumam ser ditos em conversas quaisquer. Encontramos querereres ligados as mais variadas áreas e assuntos. Vale destacar que a maioria dos exemplos desse bloco são do tipo “querer”, ou seja, a oração projetada é finita e o experienciador é o participante agente do desejo. Nos trechos (122) e (123), o falante expressa sua vontade de evoluir na empresa onde trabalhava, em seguida, comenta sobre a causa na justiça que está movendo contra o ex-patrão, informando que quer ganhá-la não apenas pelo dinheiro, mas para mostrar a seu antigo chefe que ele não fora honesto. Ganhar a causa é uma forma de perceber que seu esforço antes não recompensado, agora recebeu o devido reconhecimento.

Se de um lado, temos o desejo de galgar melhores posições no trabalho, de outro temos a vontade de viver. A falante, sentindo o peso da idade, expressa o desejo de não querer morrer e a vontade de querer poder fazer determinadas atividades, mas já não conseguir mais. Na segunda inserção do processo querer nesse exemplo, a falante generaliza seu querer e o coloca como vontade de todas as pessoas que estão na categoria temporal velhice.

A guisa da riqueza de identidades que se mostraram entre os nossos falantes, podemos destacar o exemplo (126) e *linká-lo* com o exemplo (117). Ambos tratam do mesmo tema, porém com características diferentes. No exemplo já comentado anteriormente, a falante diz que as meninas de hoje não querem casamento para não ter sua liberdade atingindo; já no trecho (126), outra tejudupapense é quem se coloca nesse lugar, afirmando que não quer morar mais com ninguém para não ter sua vida amarrada. Enquanto a falante (117) atribui determinado comportamento a pessoas mais jovens, a falante (126), mesmo não sendo mais jovem, apresenta-se realizando a mesma conduta diante de situação semelhante.

Os dois últimos exemplos apresentam, de certa forma, uma síntese de quem são essas pessoas. No (127), o falante diz querer ver felizes todos que chegam a sua casa, não importa quem seja e ressalta que não quer ter problemas com ninguém. Podemos ampliar esse desejo de felicidade para todas as outras pessoas que não provoquem qualquer tipo de confusão. Em geral, os tejudupapenses querem que cada pessoa viva bem, do jeito que lhe convir. Já em (128), podemos ver o sentimento de esperança por um futuro melhor expressado pela falante, que o associa ao fato de ter Jesus em sua vida. Tal anseio é realizado pela única utilização do processo esperar.

(128) A vida é cheia de altos e baixos mas a gente **espera** pelo melhor... porque quem tem Jesus tem tudo... como eu já falei... e a cada dia as coisas tá indo... tá melhorando... é sobre estudo, curso...

A expectativa de melhora advém, de certa forma, de sua fé. Parece que todos compartilham desse mesmo sentimento, apesar, é claro, de alguns não ligá-lo diretamente a questões religiosas.

Ao longo dessas quatro subseções, o leitor foi apresentado a uma variedade de traços identitários que constituem os moradores de Tejucupapo. Utilizando, basicamente, cinco Processos Mentais – gostar, ver, achar, saber e querer -, compreendemos um pouco mais sobre a forma de apreender o mundo de pessoas que mostraram aspectos de suas identidades por meio de diversos assuntos, reportando-se a várias pessoas, expressando múltiplas posturas e distintos sentimentos.

Logo de início, vimos, através do Processo gostar, a construção de uma identidade trabalhadora em detrimento a outra que, junto com Sergio Buarque de Holanda, chamamos de aventureira. Com o Processo ver, fomos informados a respeito do aumento da violência e o aparecimento das drogas como motim. Achar e Saber estiveram presentes na subseção dedicada aos Processos Cognitivos; por meio do primeiro, os tejucupapenses apontaram melhorias no lugar onde vivem e como isso desemboca em novos hábitos; através do segundo, eles reforçam, mais uma vez, o valor atribuído ao trabalho. Nesta última seção, visualizamos novos desejos que nossos falantes perceberam no povo de Tejucupapo, além de exporem seus anseios para o futuro e por uma vida melhor.

CONCLUSÃO

Nesta dissertação, tentamos perceber como os moradores do distrito de Tejucupapo, pessoas escolhidas por nós, constroem identidades, não apenas as suas, mas também de pessoas próximas. Saber como apreendem o mundo, o que pensam essas pessoas e o que esperam do futuro foram questões que podem ser visualizadas no decorrer das seções. Para tanto, buscamos na LSF e em conceitos de Identidade as bases para a realização desse estudo.

Ao longo das seções, os tejucupapenses foram revelando e evidenciando aspectos constitutivos de suas identidades. Eles levantaram, também, características de identidades que não eram as suas, para marcar a diferença entre os seus posicionamentos e os de outrem. Cada seção abordou um tipo de Processo Mental, e cada tipo de processo mental foi responsável por organizar diferentes indícios identitários dessas pessoas. Dessa forma, diversos assuntos, como a violência, a educação e o trabalho, mostraram-se recorrentes entre as seções e pode ser visto de determinado ângulo, através de processos mentais.

Passeando entre as seções, captamos muitas informações a respeito dessas pessoas tão peculiares, que vivem entre o rural e o urbano. E essa já é a primeira característica marcante dessas pessoas, seus hábitos ora são representativos de pessoas do campo, ora de moradores da cidade grande. Isso porque vivem em uma área que podem proporcionar-lhes os dois modos de vida.

Através do processo *gostar*, fomos capazes de visualizar duas macroidentidades, uma delas através da negação, com propósito de acentuar uma outra identidade, esta última realizada com construções afirmativas. A primeira negava uma identidade descompromissada, agitada e aventureira – reportando-me a uma das noções de forma de vida em sociedade apontadas por Sergio Buarque de Holanda – para ressaltar uma vida pacata e sem atividades que possam fugir de suas rotinas. A segunda identidade, que estabelece estrita relação com a vista anteriormente, dizia respeito às suas identidades enquanto trabalhadores; por meio do processo *gostar* em construções afirmativas, eles demonstraram seu apreço pelo trabalho de pesca, ou trabalho na maré, como eles mesmo denominam esse serviço, embora reconhecessem tratar-se de uma atividade pesada e sem o devido reconhecimento. Todo o esforço no apagamento e no distanciamento de algumas características na primeira identidade, parecem ser justificados para que a exaltação dessa segunda aconteça de forma mais eficaz e

verdadeira. Tais identidades, como já foi mencionado, foram levantadas tanto negando quanto afirmando posicionamentos, o que demonstra o caráter revelador das duas formas de dizer algo, seja negando seja afirmando.

Autorizados pela idade e pelo tempo que moram em Tejucupapo, os falantes comentaram sobre suas percepções a respeito da violência no lugar, sendo capazes de fazer um painel comparativo entre a situação contemporânea e o estado de uma época mais remota do povoado. Dessa forma, a percepção do aumento da violência em relação ao passado, de forma geral, é quase que unânime. Aliada a tais mudanças referentes a esse tema, vêm os motivos que podem ter causado tal modificação. Duas causas se sobressaíram: a primeira justificou que essa alteração foi fruto do surgimento de novos moradores em Tejucupapo, estas pessoas trouxeram novos hábitos e até mesmo drogas; já a segunda causa apontou a criação dos filhos pelos pais como fator de aumento da violência, os mesmos consideram que a diminuição do poder dos pais na forma de criarem seus filhos, a exemplo de não poder mais bater, deu margem para que eles fizessem coisas entendidas como erradas. Vale ressaltar que todas essas percepções foram construídas com o processo perceptivo *ver*. O mesmo foi utilizado não só em seu sentido sensorial, como também em outras acepções, correspondendo a processos como perceber e compreender, sem necessariamente recorrer à visão.

Com base nos processos cognitivos *achar* e *saber*, levantamos outras informações sobre a identidade dos tejucupapenses. Através do primeiro, percebemos discursos semelhantes sobre a situação de Tejucupapo baseado em serviços como calçamento de ruas e escolas; todos partilham da sensação de que, ainda que razoáveis, houve melhorias no que se refere às condições de vida. Cada morador expôs seus motivos para ‘achar’ que essa melhora aconteceu. Além dessas percepções em relação ao avanço do povoado, o processo achar também foi usado para ratificar suas preocupações a respeito dos danos causados ao meio ambiente pelas fábricas que vem se instalando no lugar. Seja para falar das melhorias, seja para falar dos receios por conta das novas indústrias, viu-se que o processo achar foi sempre utilizado com uma carga avaliativa. Depois do “eu acho” ou “to achando” era feita uma espécie de avaliação e julgamento sobre algo.

O processo *saber* foi classificado, na nossa análise, como saber cognitivo e saber material. O primeiro, dizia respeito a conhecimentos, quase sempre tendo os próprios falantes como experienciadores, presentes ou não na consciência deles. Apresentamos trechos nos quais os mesmos comentaram não saber como são as drogas, o que, por sua vez, distancia-os

daquela identidade ora negada de pessoas mundanas. Em relação ao saber material, esse se referiu a uma ação, a um saber fazer determinadas atividades, ter o conhecimento de como realizá-las, tanto por eles quanto por outras pessoas. Desse modo, percebemos o valor atribuído pelos tejudcupapenses a tarefas manuais, como cozinhar, lavar louça, capinar etc. O saber fazer é muito importante, por vezes, até mais que o saber conhecer, ao qual chamamos de saber cognitivo.

Do processo *querer*, o último a ser analisado, extraímos dos discursos dos moradores, seus anseios e suas vontades em relação aos mais variados assuntos e às mais variadas pessoas. Para organizar esses desejos, foi feita uma categorização de acordo com o experienciador do querer e a quem se destinava essas vontades. Dessa forma, chegamos a três formulações de expressar o querer: a) Deus como experienciador e como agente do desejo, vimos que através da religião, eles sugerem ações e dão conselhos para o que consideram um bom modo de viver b) vontades ligadas às pessoas próximas a eles, em relação a trabalho, qualidade e modo de vida etc c) os anseios dos tejudcupapenses entrevistados para com suas próprias vidas, aqui podemos ver um sentimento de esperança de melhoria. Eles desejam ter oportunidade de uma vida melhor. Esse é o tom que ronda os relatos, o desejo de que o lugar, as pessoas e suas vidas possam melhorar, possam viver de forma mais digna.

A análise realizada neste trabalho, através dos Processos Mentais e dos Princípios da Identidade, reforça o poder que a língua tem de exteriorizar e transparecer as idiossincrasias de cada indivíduo. O casamento entre esses dois pilares teóricos nos mostrou um recorte identitário do povo tejudcupapense. Com isso, esperamos que essa pesquisa de alguma forma possa fazer com que outras pessoas voltem suas atenções para Tejudcupapo, seja para trabalhos, seja para, de alguma maneira, ajudá-los. Que outros trabalhos possam ser feitos com esse povo de cultura e personalidade tão ricas. Salientamos que se trata de um extrato da identidade de uma pequena parte da população, dessa forma, se mudássemos as pessoas, os resultados poderiam, e certamente seriam, um tanto diferentes. Se, com essas mesmas pessoas, as entrevistas forem realizadas daqui a cinco ou dez anos, é provável que outros traços estivessem presentes numa futura análise. Justamente por isso, este trabalho não esgota as possibilidades de análise da identidade dos tejudcupapenses.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W (Org.); GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 11.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BIASOLI ALVES, Zélia Mana Mendes; DIAS DA SILVA, Maria Helena G. F. *Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta*. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 1992, n.2, pp. 61-69

BRANDÃO, Marcilio. *Tejucupapo e o registro da insurreição*. In: BEZERRA, Cláudio (org.). *Tejucupapo: história, teatro e cinema*. Recife: Bagaço, 2004.

BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. *Identity and Interaction: A Sociocultural Linguistic Approach*. *Discourse Studies*, v.7, n. 4-5, p. 585-614, 2005.

CORDEIRO DA SILVA, Emanuel. *Um estudo da construção complexa com cláusula completiva no português popular de Tejucupapo – PE*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística), UFPE, Recife.

COSTA, Lucas Piter Alves. *A ADC faircloughiana: concepções e reflexões*. *Linguagem (São Paulo)*, v. 1, p. 1-5, 2012.

DUARTE, Rosalia. *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. *Revista Educar*, Curitiba, Editora UFPR, nº24, p. 213-225, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança social*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FIGUEREDO, Giacomo. *Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos linguísticos da tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/ PosLin, 2007. (Dissertação, Mestrado em Linguística Aplicada, inédita).

_____. *Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG/ PosLin, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 4ª ed. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angelica; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Santa Maria: UFSM, 2010.

GHIO, Elsa; FERNÁNDEZ, María Delia. *Linguística Sistémico Funcional: Apicaciones a La lengua española*. 1ª Ed. Santa Fe: Universidad Nacional Del Litoral, Waldhuter, 2008.

GOUVEIA, Carlos A. M. Texto e Gramática: uma introdução a Linguística Sistêmico-Funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 13-47, jan./jun, 2009.

HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *Introduction to Functional Grammar*. 4ed. London: Arnold, 2014.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *Construing experience as meaning: a language approach to cognition*. London: Cassell, 1999.

HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KENEDY, Eduardo; MARTELOTTA, Mário Eduardo. *A visão funcionalista da linguagem no século XX*. In: Maria Angélica Furtado da Cunha; Mariangela Rios de Oliveira; Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A / Faperj, 2003, v. , p. 17-28.

MAGALHÃES, Celia Elisa Alves de. *Então me bateu um grande frio na barriga. em cena, o professor coordenador de inglês: um estudo sobre identidade e avaliação*. Dissertação de Mestrado. PUC-RJ. 2013

MAGALHAES, Izabel. *Teoria crítica do discurso e texto*. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão/SC, v. 4:Esp., p. 113-131, 2004.

MEURER, José Luiz. *Ampliando a noção de contexto na lingüística sistêmico-funcional e na análise crítica do discurso*. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 133-157, 2004.

MEURER, José Luiz; BALOCCO, Anna Elizabeth. *A Linguística Sistêmico-Funcional no Brasil: interfaces, agenda e desafios*. Anais do SILEL. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

MOITA LOPES, Luiz Paula da; BASTOS, Liliane Cabral. *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2002.

MOREIRA, M. A. *Práticas discursivas e sociais na relação família-escola-comunidade: da realidade da adolescência ao discurso legal no Brasil*. Brasília, UnB, 2015. (Tese)

RIBEIRO, Elisa Antonia. *A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa*. Revista Evidência, Araxá, nº4, p. 129-148, 2008.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas*. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão - Santa Catarina, v. 5, n.2, p. 185-208, 2004.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane.. *Análise de discurso crítica*. 2. Ed. São Paulo. Editora Contexto, 2011.

ROCHA, Décio; SANT'ANNA, V. L. A. ; DAHER, M. C. F. G. . *A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva*. Polifonia (UFMT), Mato Grosso, v. 8, p. 161-180, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. 133 p.

SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e a construção de sentido no gênero editorial*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística), UFPE, Recife.

_____. *Querer, pretender, considerar: os processos mentais no gênero editorial*. In: PGLetras 30 Anos - O caminho se faz caminhando, 2007, Recife.

TILIO, R. C. . *Revisitando a Análise Crítica do Discurso: um instrumental teórico-metodológico*. Revista e-escrita: revista do curso de letras da UNIABEU, v. 1, p. 86-102, 2010.

ANEXOS

LISTA DAS ORAÇÕES USADAS NA ANÁLISE

- (44) Já gostei muito (carnaval) hoje eu **não gosto** mais... não dá pra mim... não tenho mais perna pra essas coisas mais não... eu **não to gostando** de carnaval, chego muito cansada da maré... não tenho mais perna...
- (45) Carnaval eu **não gosto não**... sou sincero a dizer... eu **não gosto** de Carnaval, quem quiser dá valor... dá... por mim se carnaval terminasse era uma grande coisa...
- (46) Carnaval eu também **não gosto não**... mas também não sou contra quem gosta...
- (47) Antes de ser evangélico... eu **nunca gostei** de festa... eu nunca **gostei** de problema nenhum... toda a vida eu fui uma pessoa resguardada...
- (48) O que eu **não gosto** mesmo de brincadeira é o tal do carnaval... **gosto não**... pra eu dizer assim “vou fechar minha porta pra ir pra festa... vou não” eu **não gosto** de festa...
- (49) Eu **não gosto** da casa de ninguém... **nunca** na minha vida eu **gostei**... desde de pequenininha... meu negócio é trabalho... eu **gosto** de trabalhar...
- (50) Eu **nunca gostei** de ir na casa de ninguém... eu vou assim... às vezes Miriam me chama... mas pra eu gostar eu **não gosto não**...
- (51) Eu tinha um negocinho (bar) aqui e acabei porque eu **não gosto** de violência.. Eu **não gosto** de violência... Nunca **gostei** de confusão com ninguém... já morei em várias casas... ninguém tem o que dizer de mim
- (52) Eu uso telefone... mas **gosto** de tá falando **não**... eu **não gosto não**... se eu ligar pra você é pra perguntar isso e isso e pronto... pra que tanta conversa... eu não ligo pra ninguém pra conversar... se eu quero falar com minha filha eu falo pessoalmente...
- (53) Come todo mundo e sobra... porque a gente não é miserável não.. Deus **não gosta** de ninguém que viva mendigando por que nunca vi um justo sequer mendigar um pão...

- (54) eu trabalhava também... que eu sempre **gostei** de trabalhar... pra ganhar meu dinheirinho...
- (55) Eu **gosto** de trabalhar... **gosto** de ter minhas coisinhas... comprar minhas coisinhas... por pobre... mas graças a deus **gosto** de ter minha geladeira dentro de casa... de ter minha freezer... me esforço e compro...
- (56) se não for um vizinho de lado pra emprestar um pouco de açúcar... ia morrer.. é por isso que maré não tem futuro... Eu **gosto** de trabalhar na maré... mas **sabendo** que não tem futuro...
- (57) é por isso que eu digo que trabalho na maré não tem futuro... **Gosto** de trabalhar na maré... mas sou mais trabalhador rural...
- (58) DOC: Você disse que mesmo com todo trabalha pesado... gostava de trabalhar na maré...
- INF: Eu **gostava não**... eu **gosto**... **gosto** de trabalhar na maré
- (59) INF: Eu me aposentando eu não vou abandonar minha maré... Não abandono minha maré não... vou uma dia... dois... eu **gosto** da maré...
- DOC - Mas você num falou que o serviço é pesado...
- INF - É pesado... meu filho... mas é porque a gente... a gente **gosta**...
- (60) a maré é bom demais... até hoje eu ainda acho bom... to ainda fichado mas eu tenho saudade de trabalhar na minha maré... Eu **gosto** de trabalhar na maré... a gente acha o que vender... o que comer... é bom por isso...
- (61) **Gostava**... trabalhava muito na maré... há muitos anos que eu deixei de ir pra maré... Eu **gostava** de pescar... hoje em dia não posso mais nada...
- (62) eu disse a mulher... eu não sei nem como é... eu vejo pela televisão que é meio cinzentada... eu assisto o programa de cardinot... que eu **gosto** muito de assistir aquele programa de cardinot que passa de meio dia... mas eu nunca vi não...
- (63) **Gosto** de assistir televisão... **gosto**... tenho logo três aqui... eu assisto novela... eu assisto cardinot... Só não gosto de jogo... gosto de jogo não... desenho de boneco eu **gosto** de assistir... to fazendo nada e fico lá sentado assistindo

- (64) INF: Eu assisto programa evangélico... **gosto** de escutar meu jornal... eu **gosto** de assistir
 DOC: A senhora assiste novela?
 INF : não
 DOC: E filme?
 INF: Também não
- (65) Novela eu não gosto muito não que eu critico muito... **gosto** de televisão... **gosto**... mas só tem três coisas que eu **gosto** de assistir... negócio de repórter... jogo e cidade alerta
- (66) Tejucupapo não era assim não... Faz 57 anos que eu vivo aqui... 57 anos não é 57 dias não... Ninguém **via** essa violência não senhor... violência não...
- (67) No meu tempo eu não **vi** isso não... era difícil alguém dizer assim “mataram fulano”... ninguém **via** isso... só morria quando Jesus tirava...
- (68) antes a gente dormia até de porta aberta... Ninguém **via** esse negócio de crack... Não existia isso...
- (69) DOC: quando o senhor era mais novo essa violência já existia em Tejucupapo?
 INF: Não... não... Oia... Tejucupapo era um amor de lugar... O senhor andava aqui dentro... qualquer hora da noite e do dia... O senhor não **via** esse negócio, não (violência)... Ninguém não **via** batimento de boca
- (70) eu disse a mulher... eu não sei nem como é esse negócio... nem eu **vi**... nem quero **ver**... já basta aquela catanga de mofo... eu vejo pela televisão... eu assisto o programa de cardinot
- (71) Meu pai soube me criar... eu **vi** aí no programa de cardinot o menino de sete anos roubou a bicicleta do policial... com sete anos...
- (72) O que você **vê** na reportagem hoje é aluno furou aluno... aluno tentou furar professor... que nem um dia desses eu **vi** na reportagem

- (73) Pelo que eu **to vendo** por aí, a violência... quanto mais dias vai multiplicando...
- (74) Eu **vejo** aí muitos casos... o padrasto matou o enteado... espancou... fez isso e fez aquilo... porque acontece isso... a mulher tem filho...
- (75) A gente **tá vendo** o que tá acontecendo hoje esses negócio de maconha... drogas... essas coisas...
- (76) Os problemas que eu **vejo** aí... ai embaixo tinha um rapaz... ele fechou o bar porque aconteceu um negocio no bar dele... ele chamou as autoridade... e ameaçaram matar ele...
- (77) eu moro na outra rua... há quatro anos... Nunca ouvi dizer que teve assalto por aqui... tem briga, né... mas assalto não... a gente volta da igreja de dez horas... ninguém **vê** uma confusão...
- (78) Mas ninguém não **vê** violência... nem nada não aqui mais não... agora graças a deus... Tejucupapo tá com destino agora... mas não valia nada
- (79) Eu criei minha filha que nem eu to lhe dizendo... na força... na batalha mesmo... pesada... que eu não fosse uma mulher do jeito que eu sou... eu criei seis filha fêmea.. mas eu to **achando** que esse tempo agora é melhor... e naquele tempo a gente trabalhava de morrer e não via dinheiro não...
- (80) Eu **acho** assim... que naquele tempo era pior... assim mesmo ainda tem umas ruas com calçamento... dá pro povo andar... e antes não tinha em canto nenhum aqui...
- (81) As casa quando a chuva vinha na nossa casa já tava tudo alagado de água... eu **não acho** que naquele tempo era melhor não... **To achando** que o tempo tá melhor hoje
- (82) eu tenho minhas filhas... elas trabalham... pra mode lutar com a vida... agora eu to tendo esse descansinho de tá aqui sentada... eu não podia nem sentar... nem de noite nem de dia... tinha que trabalhar... mas hoje em dia... eu digo a coisa... as coisas pra vista de tempos atrás ta melhor... eu **acho** que teje melhor...

- (83) Se eu fosse uma mulher nova... hoje em dia... só cria o filho burro quem quer... naquele tempo não tinha essas coisas de escola assim não (público)... eu **acho** que seja bom... eu **acho** que seja muito bom...
- (84) Pro que era Tejucupapo... Tejucupapo agora é outra coisa... mudou demais... Antigamente... faz pouco tempo... Tejucupapo tava sem valor de nada... meu vei... agora eu **to achando** que agora tá com valor... tejucupapo tem valor...
- (85) é fácil... viu... eu também **to achando** que essa fabrica aí vá prejudicar a maré... mas talvez que nem prejudique... porque na época a santa Tereza tava poluindo o rio... tava poluindo a maré... não tinha peixe mais no rio... ai fizeram queixa...
- (86) DOC: E essa fabrica da Fiat que vai chegar por aqui... o senhor achar que vai poluir o rio?
 INF: Rapaz... eu **acho** que sim... depois que os homens bota a mão acabou... o homem quando bota a mão numa coisa... melhora uma coisa e piora outra... não tem pra onde correr..
- (87) DOC: fora a água... o senhor acha que eles vão desmatar as plantas...
 INF: Rapaz... eu **acho** que sim... porque o que já tá acontecendo aqui.. povo cortando o sitio do povo... comprando as terras... só é o que a gente vê... é sitio derrubado...
- (88) O que aumentou esse negócio de droga eu **acho** que foi que aqui não tinha muita gente de fora... hoje Tejucupapo vem gente de santo amaro... de São Lourenço... do Recife...
- (89) teve uma mulher que falou... seu filho não vai pra escola... ela disse... olhe, eu posso fazer o que.. eu não posso dar nele... eu digo vai pra escola e ele diz que não vai... eu não posso dá-lhe... se eu der ele diz que vai dar parte pro conselho tutelar.. Isso é a cachorrada do Brasil, que eu **acho** pra mim (a interferência da lei)
- (90) A bagunça do mundo pra mim eu **acho** que é isso: a criação dos pais... eu tenho muito medo da minha filha... imagina chega aqui um dia... tua filha com treze... catorze anos se casou-se....

- (91) ainda passei dois anos... depois eu saí... mas que o evangelico é bom é... dois anos eu passei mas **achei** bom... não **achei** ruim não... **achei** bom...
- (92) Todo dia... todo dia tem gente aqui... tem dia que essa casa tá tão cheia... dos meus filhos... das minhas filhas... dos meus netos... de tudo.. é... eu **acho** bom
- (93) Tá um pelo cemitério... outro pela cadeia... eu não **achei** bom acontecer isso com ela...
- (94) eu podia achar bonito... eu sou contra... como é que você vai andar num lugar... cheio de gente... casa de familiares... você vem semi nua... isso não existe não... você tem que andar normal...minha mulher usa short... do joelho pra cima... até mais curto... Tem umas mulher que eu acho... eu não **acho** bonito... pode ser a mulher mais bonita do mundo...Eu **acho** vulgar... **acho** feio.. ela pode ser bonita.... pode ser o que for... pode ser famosa... é umas roupas que tem umas calças bem ligadas que faz física, né...
- (95) eu disse a mulher... olhe meu senhor... Eu não **sei** nem como é esse negócio... eu não **sei** nem como é... nem eu vi e nem quero ver... já basta aquela caatinga de mofo... que catinga de mofo... aí aquele que sabe diz “rapaz, isso é a droga” mas eu nunca vi não... Não **sei** se é marrom, se é preta... não **sei** de que jeito é...
- (96) olhe... aqui... a rua dos veio que agora é rua dos céus... a favela do óleo... a rua do cemitério... isso aqui tá empestado... Tejucupapo não era assim não senhor... Eu não **sei** quem foi que trouxe esse negocio (droga) aqui pra dentro...
- (97) aqui droga tem muita... embutida... mas tem muita droga... tem um primo meu que foi preso faz uns três meses chei das droga na bolsa... o bicho era traficante vei... droga aqui tem muita... ninguém **sabe** de onde vem, de onde não vem... mas tem muita aqui...
- (98) Ninguém **sabe** quem bota... ninguém **sabe** quem fornece... mas tem muita droga aqui...

- (99) trabalhei na cana... trabalhei na cana... eu cortei cana... eu adubei.. tudo isso eu fiz... plantei... agora na época que eu trabalhei eu trabalhava clandestino... nunca trabalhei fichado não... mas tudo de cana eu **sei** fazer... **sei** fazer tudo de cana... tudo... eu **sei** plantar... eu **sei** cortar... **sei** adubar...
- (100) antigamente trabalhava homem... menino... e mulher... hoje não trabalha mais menino e nem mulher... mulher trabalha se tiver alguma leitura ou na cozinha.. de cozinheira... empregada doméstica.. ne... se tiver uma leitura tudo bem... e se não tiver... como é que fica... A minha mesmo não **sabe** de nada... a minha só **sabe** fazer uma comida... não trabalha mais... (a mulher dele)
- (101) Ela **sabe** lavar prato... ela **sabe** cozinhar... Ela **sabe** fazer tudo tudo tudo... é uma menina inteligente...
- (102) Ele não **sabe** fazer nada não... nada... nada... nada ele **sabe** fazer... ele só faz uma massa quando meu menino tá trabalhando... somente... ele não **sabe** tirar uma ostra... ele não **sabe** tirar o sururu.... ele não **sabe** fazer é nada... nada... nada... não **sabe** botar um tijolo... nem retelhar uma casa ele **sabe**... foi criado que nem filhinho de papai (o neto)
- (103) só tem uma pessoa aqui que não usa energia... o vei e a veia... é candeeiro lá na casa dele... é candeeiro.. Ele não **sabe** usar energia, ele tem medo... ele disse que deus defenda ele... ele não quer não..(vizinho)
- (104) mas Rosa diz “a senhora não me criou”... mas venha cá... os que ficaram sabem fazer alguma coisa... Rosa **sabe** fazer um almoço... Rosa **sabe** bordar porque naquele tempo uma mãe não podia dar uma boa educação...
- (105) os que estão vivo estudaram... **Sabe** assinar o nome... mas o veio aqui não aprendeu nada (os filhos)
- (106) O que mais ele **quer** da gente... é que a gente faça o bem... faça o bem sem olhar a quem... e também ele **quer** que a gente faça o bem a quem não faz o mal...
- (107) A gente só deixa de pecar quando morrer... mas viveu aqui... a gente não tá livre de nada... então Deus **quer** que a gente deixe mais de fazer tanta coisa ruim... pra que ele aja melhor na nossa vida...

- (108) e é isso que Deus **quer**... se hoje você é uma pessoa boa... amanhã Deus **quer** que você seja melhor do que hoje... pra você ser uma pessoa boa... não precisa ser crente não... se for uma pessoa boa... que goste de ajudar...
- (109) A bíblia tá repleta só de coisas boas pra gente fazer... pra gente não ser arrogante... porque Deus não **quer** que o homem seja arrogante... Deus não quer o homem seja avarento...
- (110) Agora o pessoal tão fazendo tudo assim (de tijolo)... ninguém **quer** mais casa de Taipa... não quer mais nada... mas essa casa era de Taipa... eu trabalhei e levei anos e anos pra fazer ela...
- (111) aquelas esteiras... antigamente é onde a gente dormia... hoje em dia ninguém **quer** dormir numa cama mais velha... antiga... Hoje em dia só **quer** a cama box... é muito do luxo... viu
- (112) INF: casa dentro do mato não tem mais que ninguém quer...
 DOC: por que o povo não quer casa no mato...
 INF: porque não querem mais... e agora aqui dentro de Tejucupapo os mato que a gente morava... que era sítio... agora tudo é cana
- (113) Os trabalhador só **querem** tudo na hora... só trabalha quem precisa e eu não tinha condições...
- (114) Tem muita gente agora tudo trabalhando... hoje em dia tem tudo... não trabalha quem é preguiçoso... Muitos não **querem** varrer rua... se envergonha pra varrer rua (sobre empregos qualquer)
- (115) Era lençol.. toalha rasgada... blusa veia... saia veia... que o pessoal dava... tudo isso era que colocava nas crianças... Hoje em dia as mães **quer**? Ninguém **quer** isso... **quer** não... é tudo aqueles pano bonzinho... fralda não usa mais... não usa esse negócio de toca... é tudinho o que... calça descartável... já nasce colocando na maternidade...
- (116) DOC: Vocês faziam como com água antigamente...
 INF: água da cacimba... abria um buraco até aparecer água no olho d'água.. aí enchia e o pessoal botava água... mas agora ninguém **quer** mais botar

água de cacimba... nem água de bica... só querem agora água de torneira...

- (117) As meninas hoje não **querem** casar... as meninas hoje que nem eu vejo aí diz assim “seu for casar eu quero ser liberta... ir pra onde eu quiser e chegar a hora que eu quiser”...
- (118) eu não **queria** que eles trabalhassem na maré... a minha predileção é que eles arrumassem um emprego... pra viver do emprego deles...
- (119) DOC: Mas você não queria que seus filhos trabalhassem na maré não?
 INF: E eles iam trabalhar em quê...
 DOC: Mas você queria que seus filhos trabalhassem na maré... se fosse a sua vontade...
 INF: Não... não **queria** não... queria ter pra eles um bom emprego... pra eles trabalharem... se eu alcançasse e Jesus me desse a proteção... tivesse a condição... já ia tá estudando os dois...
- (120) Eu **queria** que eles trabalhassem na maré não... eu queria assim... é porque esse lugar é um lugar sem vida... Sabe qual é a vida daqui? Lama de mangue e corte de cana
- (121) **quero** que eles trabalhem pra arrumar um serviço mais melhor que maré... **quero** que eles arrumem outro serviço...
- (122) eu trabalhava direto... eu pensando que ele ia classificar minha carteira... só que ele tava com safadeza comigo... de domingo a domingo... ele “venha trabalhar”... e eu ia... eu não vou pisar na bola... porque eu **queria** crescer na empresa... passar de trabalhador rural pra tratorista...
- (123) Eu **quero** ter a possibilidade de ganhar essa causa do meu patrão por isso... para ele saber que ele me deu a oportunidade... eu fiz por onde... ele fez eu de palhaço... né... aí o advogado disse que ele vai ter que botar na minha carteira como tratorista...

(124) A gente fica imaginando da pessoa caindo a idade... agora eu só não **quero** morrer... né... a gente morre a pulso... porque chegou o dia da gente ir... deus marcou o tempo... a época... aí a gente tem que ir... mas dizer que a velhice é bom... num é não... a gente **quer** fazer as coisas e não pode...

(125) INF: Eu não **quero** morar com ninguém...

DOC: É melhor morar sozinha?

INF: Eu acho que é... eu já morei com tanto homem e não tive sorte com nenhum

(126) INF - Eu não tenho sorte com homem não...

DOC - Homem atrapalha é...

INF - Num é atrapalha... é que eles se põe enchendo meu saco... você num vai numa festa.. você num vai numa missa... você não vai numa dança... você num vai num samba... e eu não **quero** minha vida amarrada... eu gosto da minha vida liberta...

(127) eu não tenho esse negócio comigo não... você pode trazer seu pai, sua mãe, sua namorada, o seu vizinho, o seu amigo, seja quem for... você chegando aqui... graças a Deus eu to de bem com a vida...E **quero** ver todo mundo feliz da vida... só não **quero** que ninguém chegue aqui pra me complicar...

(128) A vida é cheia de altos e baixos mas a gente **espera** pelo melhor... porque quem tem Jesus tem tudo... como eu já falei... e a cada dia as coisas tá indo... tá melhorando... é sobre estudo, curso...